



Departamento de Linguística e Literaturas

Escola de Ciências Sociais

A SAUDADE EM TEIXEIRA DE PASCOAES

POESIA E AUTOBIOGRAFIA EM *ELEGIA DO AMOR, MARÂNUS* E “ELEONOR”

**Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de
mestre em Estudos Ibéricos por:**

Ana Andreia Bugalho Maia

Orientação do Professor Doutor António Cândido Valeriano Cabrita Franco

16 de Janeiro de 2012

Dedico este trabalho à minha bisavó, Maria José Bugalho Requeixa, pelo seu carinho e educação, desde o momento da minha existência, até à sua partida. É com ela que vivo na Saudade!

Agradecimentos

O trabalho que de seguida se apresenta justifica desde já alguns agradecimentos, pela sua longa e paciente elaboração. Foram algumas as pessoas que ajudaram na realização do mesmo e, desta forma, aqui ficam os mais sinceros agradecimentos àqueles que compreensivamente e atentamente foram participando nesta demanda.

Primeiro, agradeço ao Professor Doutor António Cândido Franco pelo seu profundo conhecimento, pela sua prestabilidade e, sobretudo, pela sua exigência no acompanhamento deste trabalho. Em seguida, agradeço à senhora dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos e ao senhor Luís Mota, por me terem recebido no Solar de Pascoaes, em Gatão, e na Casa da Levada, em Travanca, respectivamente. A estes agradeço a simpatia e a partilha de histórias que em muito enriqueceram o presente trabalho, e principalmente o facto de me terem dado a conhecer o mundo de Pascoaes. Deixo também um profundo agradecimento à minha família que sempre me apoiou, ao longo deste estudo, pela sua paciência e sacrifícios exigidos e também aos amigos que se debruçaram no interesse do meu estudo por Pascoaes, ajudando-me com ideias, críticas, pesquisas e que, com entusiasmo, me acompanharam na viagem até Amarante. Agradeço ainda as fantásticas fotografias que ilustram a adenda do meu trabalho a um amigo que, sem dúvida, se tornou um amante da obra de Pascoaes, Luís Fialho. Por fim agradeço à prima e amiga, Dulce Bugalho, pela sua ajuda na revisão final deste estudo.

**

Resumo

A SAUDADE EM TEIXEIRA DE PASCOAES

POESIA E AUTOBIOGRAFIA EM *ELEGIA DO AMOR*, *MARÂNUS* E “ELEONOR”

O presente trabalho intitulado «A Saudade em Teixeira de Pascoaes – Poesia e autobiografia em *Elegia do Amor*, *Marânus* e “Eleonor”» apresenta, como o próprio subtítulo indica, um estudo que se debruça, principalmente, no poema *Elegia do Amor* (1906), no romance em verso *Marânus* (1911) e no poema “Eleonor” (1925) de Teixeira de Pascoaes.

Teixeira de Pascoaes foi o grande pilar central da difusão da palavra saudade na Literatura Portuguesa Moderna Contemporânea. O tema da saudade na Literatura de Pascoaes é muito mais do que uma teoria ou definição, sendo que o próprio poeta vivencia e transporta para os seus textos esse sentimento, com vista a um novo ideário para a palavra *saudade* (o saudosismo).

Este trabalho tenta atestar o facto de que *Elegia do Amor* foi, num contexto autobiográfico, a precursora poética das ideias-chave de *Marânus*, obra-prima de Pascoaes que vai de encontro aos seguintes conceitos: vida/morte, contemplação da natureza, amor/saudade e personificação da mulher amada; e que é a criação de um novo cosmos de origem portuguesa, tendo como principal motor a ideia da *saudade*.

Abstract

SAUDADE IN TEIXEIRA DE PASCOAES

POETRY AND AUTOBIOGRAPHY IN *ELEGIA DO AMOR*, *MARÂNUS* AND “ELEONOR”

The present work entitled «Saudade in Teixeira de Pascoaes– Poetry and autobiography in *Elegia do Amor*, *Marânus* and “Eleonor”» presents, as its subtitle shows, a study that gives particular attention to the poem “*Elegy of Love*” (1906), the novel in verse “*Marânus*” (1911) and to the poem “Eleonor” by Teixeira de Pascoaes.

Teixeira de Pascoaes was the great central pillar in the spreading of the word “saudade” in Modern Contemporary Portuguese Literature. The theme of *saudade* in the Literature of Pascoaes is much more than a theory or definition, being that the poet lives and transports to his texts that feeling aiming a new ideal of word “*saudade*” (nostalgia).

This work attempts to demonstrate the fact that the “*Elegy of Love*” was in an autobiographical context, the poetic forerunner of key ideias of “*Marânus*”, Pascoaes masterpiece that meets the following concepts: life/death, contemplation of nature, love/longing and the embodiment of the beloved woman; and that is the creation of a new cosmos of Portuguese roots, having as its main motor the idea of “*saudade*”.

saudade - Portuguese word without translation that means longing for something or someone while absent from them.

SUMÁRIO

Introdução

1. *Elegia do Amor* – Características e leitura;
2. *Marânus* – Características e leitura;
3. “Eleonor” – Características e leitura;
4. Traços comuns entre *Elegia do Amor*, *Marânus* e “Eleonor”;
5. *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, de Maria da Glória Teixeira e *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*, de Teixeira de Pascoaes;

Conclusão

Bibliografia

Adenda

Índice

Nota Prévía

O presente trabalho não se encontra escrito segundo as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, visto que, à data do início da sua execução, o mesmo não tinha ainda entrado em vigor. De acordo com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011 (publicada em 25 de Janeiro de 2011 no *Diário da República* n.º 17, I Série, pág. 488), a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no sistema educativo ocorre no ano lectivo de 2011-2012 e, a partir de 1 de Janeiro de 2012, em todos os serviços, organismos e entidades governamentais, bem como na publicação do *Diário da República*.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *A Saudade em Teixeira de Pascoaes* tem como objectos de estudo o poema *Elegia do Amor de Vida Etérea* e o romance em verso *Marânus*, de Teixeira de Pascoaes.

Teixeira de Pascoaes (Amarante, 2.11.1877 – 15.12.1952) foi uma das principais figuras da literatura e da cultura portuguesas, sendo o grande pilar central da difusão da palavra *saudade* na Literatura portuguesa moderna contemporânea.

Numa fase inicial, a obra de Pascoaes dá-nos as primeiras coordenadas daquilo que mais tarde se chamaria saudosismo. O poeta faz transparecer uma vivência original do Homem em que este é o centro e o caminho para o mundo espiritual. Assim, transforma-se o material em espiritual, a memória em sonho, o real em irreal e a presença corporal em ausência saudosa (1896). Mais tarde, assistimos ao encontro do poeta consigo mesmo. A fusão de conceitos torna a sua poesia inconfundível: o subjectivo e o objectivo; o sentimento religioso das coisas que se revelam e, ao mesmo tempo, se escondem nas sombras; o mistério enigmático de tudo o que o rodeia e que tudo transforma (1898).

Teixeira de Pascoaes é, portanto, considerado por muitos dos seus estudiosos o poeta filósofo, que procura o sentido da vida através da transcendência e da religiosidade. Estes dois conceitos (poeta e filósofo) estão sempre presentes em Pascoaes, são inerentes ao sentido da vida, que vai ser transmutado pelo aparecimento de “alguém” por quem se apaixonou. É esta a figura do seu amor e dos seus sonhos, Leonor Dagge, que transforma o seu ideal romântico e mítico, levando-o a uma perseguição para o resto da sua vida, primeiro para Londres (1909) e, depois, por toda a serra do Marão, atrás de Eleonor, a personagem central de *Marânus*. Neste sentido procurarei ao longo do meu trabalho atestar que existem traços autobiográficos do poeta nos versos de *Marânus*, visto que esta obra é como se fosse o hino ao amor transcendente de Pascoaes por essa figura mítica, que é ao mesmo tempo carnal.

Assim, o principal objectivo deste trabalho é atestar o facto de que *Elegia do Amor* foi, num contexto autobiográfico, a precursora poética das ideias-chave de *Marânus*. Partindo deste pressuposto, tentarei comprovar a fusão dos seguintes conceitos:

- Vida/Morte;
- Contemplação da Natureza;
- O Amor Transcendente e a Saudade Eterna;
- Personificação da mulher amada

Ao longo deste trabalho farei uma leitura de aproximação destas duas obras, partindo desta para uma interpretação pessoal acerca da intertextualidade de ambas, tratando ainda um poema, *Senhora da Noite*, e um outro, mais tardio, “Eleonor”, publicado em *Cânticos* (1925).

A primeira é um hino à harmonia cósmica e à procura ansiosa de Absoluto; a segunda exalta a Saudade através de uma perspectiva nacionalista (a Saudade como deusa portuguesa da redenção) que nos eleva a uma dimensão universal (a Saudade como valor humano que reconduzirá o Homem ao Paraíso). São estas ideias-chave (o nacional e o universal) que ditam a caminhada saudosista de Pascoaes nos seus aspectos políticos, filosóficos e estéticos.

Nesta caminhada incluem-se ainda textos e conferências em que o poeta teoriza a Saudade como sentimento-ideia que caracteriza a alma lusitana e o ressurgir de uma nação. Em conferências como o *Espírito Lusitano e o Saudosismo* (1912) o poeta defende que renascer “é tirar das fontes originárias da vida uma nova vida”, ou seja, a nossa Pátria tem qualidades que precisam ser ressuscitadas, para que possa reviver. Pascoaes particulariza neste texto a sua visão estratégica para Portugal, onde afasta qualquer tentativa de imitação das influências francesas, justificando e apresentando os princípios motores onde se inspira, concluindo que “todos os povos devem caminhar para a frente mas com um quinhão de originalidade”.

Na revista *Nova Águia* (2009: 96-101) é-nos transmitida a análise desta questão por alguns estudiosos. O pensamento geoestratégico de Pascoaes

para Portugal assenta na ideia de que “as nações pequenas só podem opor tendências absorventes das grandes nações, como defesa da sua independência, o carácter, a originalidade do seu espírito activo e criador, a autonomia moral”. Deste modo, pode-se afirmar que este pensamento caracteriza-se por defender o fim do “estrangeiramento” cultural português, em nome da necessidade de desenvolver a originalidade própria dos portugueses, afastando-se do francesismo na política e do catolicismo romano na religião, ou seja, a Igreja deve nascer das tradições religiosas locais e a República deve ser inovadora e não uma cópia da República francesa. Para Teixeira de Pascoaes a palavra *Saudosismo* foi a tentativa de simbolizar num único “lexema de ouro” essa redescoberta dum via própria e insubstituível. Esta palavra mostrava aos portugueses que havia um caminho aberto para a originalidade e era, sem dúvida, a possibilidade de contribuir para a civilização humana universal dentro de um espírito próprio. Apesar desta visão de Pascoaes ter sido contestada por Raul Proença e António Sérgio, que preferiam uma visão estratégica para Portugal assente nos pressupostos anteriores ao Ultimato de 1890 e que era próxima das teses europeístas e estrangeiradas da geração de 70, manteve-se viva ao longo de toda a República e estimulou a vida cultural portuguesa daquela época, dando relevo à obra e ao pensamento de muitos poetas e pensadores da primeira metade do século XX português.

Segundo Pascoaes, a Raça Lusitana descende de diversos povos. Existem dois ramos étnicos dos quais descendemos: Ária (gregos, romanos, celtas, godos, normandos) e Semita (fenícios, cartagineses, judeus e árabes). Os primeiros caracterizam-se pelo culto da forma, a harmonia plástica e pelo Paganismo (amor carnal que continua a vida, representado por Vénus); os segundos, por outro lado, cultivam o espírito e a unidade divina – o Cristianismo (amor espiritual que purifica e diviniza, representado pela Virgem dolorosa).

Assim, a Alma Portuguesa tem na sua essência um sentimento com origem na fusão entre o Paganismo e o Cristianismo judaico – a Saudade, que não é mais que “o desejo da Causa ou Criatura amada, tornado dolorido pela ausência” como atesta Teixeira de Pascoaes (1912: 47).

Saudade, palavra que indiscutivelmente teria de aparecer no título que escolhi para o presente trabalho: *A Saudade em Teixeira de Pascoaes*. Contudo, há que esclarecer que no âmbito do mesmo apenas vou explorar o tema da *saudade* em algumas obras do poeta e não em toda a sua obra poética.

Assim, a disposição deste trabalho vai assentar em cinco partes, seguidos de uma conclusão. A primeira parte será dedicada ao poema *Elegia do Amor de Vida Etérea* (red.1921-1924), originalmente editado em 1906 com o título “Elegia”, mas que posteriormente foi reeditado já com algumas alterações. Através desta versão farei uma leitura aproximada e explorarei as suas características, tendo como fundo textos anteriores como os poemas “Ela”, de *Sempre* (5ª ed., 1929 ou 1930) e “Ídílio”, de *Terra Proibida* (5ª ed., 1929 ou 1930). Na segunda parte irei debruçar-me sobre as características técnico-formais e também numa leitura aproximada de *Marânus* (1911), abordando vários conceitos associados ao entendimento desta obra. Numa terceira parte irei fazer o mesmo tipo de leitura do poema “Eleonor” (1925), visto que considero que este poema tem muitas marcas de intertextualidade com os anteriores; neste sentido, partirei para uma quarta parte, onde abordarei com mais pormenor os traços comuns entre *Elegia do Amor*, *Marânus* e “Eleonor” e na qual tentarei comprovar a fusão de vários conceitos. Ora, tentarei chegar à conclusão de que o Amor transcendente e a Saudade eterna, em Teixeira de Pascoaes, são conceitos que se encontram presentes hoje em dia na cultura portuguesa, nomeadamente na literatura e na música, mais propriamente no Fado. Na última e quinta parte pretendo contextualizar a forma como alguns aspectos autobiográficos de Pascoaes serviram de base aos poemas que tenho vindo a mencionar e que são o objecto de estudo deste trabalho. Pretendo focar esta minha leitura em duas obras, *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos (1991) e *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*, de Teixeira de Pascoaes (1978), que penso revelarem, em perspectivas diferentes, a origem dos acontecimentos que motivaram o Poeta na escrita destes poemas.

O tema da *saudade* na literatura de Pascoaes é muito mais do que uma teoria ou definição, sendo que o próprio poeta vivencia e transporta para os

seus textos esse sentimento, com vista a uma nova ideologia da palavra *saudade* (o saudosismo).

Na conferência intitulada *O Génio Português* (1913), Pascoaes apresenta-nos o Saudosismo na sua expressão poética, filosófica e religiosa. No que diz respeito à expressão poética do Saudosismo, este procura o mistério, o não revelado, é a face que a vida não desvendou ainda ao nosso espírito; este mistério difere da “*nuance*” (o revelado tornado indeciso). O mistério característico do saudosismo poético é a própria acção, pois este vive nos poetas portugueses que são os enviados e o verbo da *saudade*; é como um ser vivo, sendo forma oculta mas viva. Este Saudosismo panteísta, para além de ser criador dos aspectos viventes e misteriosos da Criação, é também escultural por essência, pois o seu ritmo poético descreve linhas firmes porque entra na formação de figuras vivas. Este aspecto é bem visível em *Marânus*, visto que ao longo de todo o poema assistimos a uma vaga de mistérios, mas vivos, transformados em figuras que se fundem. Ao longo deste meu trabalho, na parte relativa à leitura textual deste poema, tão fiel ao Saudosismo português, tentarei comprovar que as figuras presentes e o desenrolar das suas acções são expressões deste mistério característico da poesia de Pascoaes.

Na sua expressão filosófica o Saudosismo assenta na alma portuguesa. Para Leonardo Coimbra (o iniciador da filosofia lusitana) “a alma portuguesa é a matéria e o espírito, penetrando-se mutuamente uma constante actividade criadora de novas formas de vida”. Na minha interpretação o saudosismo português é o móbil psíquico de um povo, é a construção de um novo mundo representado pela *montanha*, em *Marânus*, ou a criação de um novo cosmos, de um novo Deus, filho da *Saudade*.

Este Deus é visto pelo Saudosismo na sua expressão religiosa muito para além do Homem. O Deus saudosista é uma sombra espiritual e eterna, projectada pelo Universo doloroso e material em vida e consciência na criatura humana, sendo que este novo Deus está integrado no universo, visto ser o seu criador. Segundo Pascoaes, “o homem gera constantemente vida espiritual”, logo, quando esta vida psíquica se casar com as imperfeitas vidas anteriores e

se tornar interpretativa das mesmas, construindo um Universo ideal, teremos segundo Pascoaes “a verdadeira religião saudosista”.

Assim, e partindo das afirmações de outros estudiosos, *Marânus* “repete a história da criação do mundo, do homem e até da criação de Deus”. Poder-se-á desta forma afirmar que *Marânus* é a criação de um novo cosmos de origem portuguesa, tendo como principal motor a ideia da saudade.

1. *Elegia do Amor* – Características e leitura

O poema em verso que me proponho analisar faz parte do conjunto de poemas que compõem *Vida Etérea* e é considerado uma das obras-primas de Teixeira de Pascoaes. Este foi inicialmente publicado com o nome de “Elegia”, em 1906, no entanto, sofreu algumas alterações e a versão sobre a qual me irei debruçar foi editada em 1921-1924, já com o título de *Elegia do Amor*.

A elegia é um dos géneros literários mais antigos e tem um ritmo e sistema métrico especiais e, estando integrada no contexto de poesia lírica, a elegia trata de temas predominantemente tristes e de sentido melancólico. No que diz respeito à tradição poética da elegia em Portugal, podemos considerar os poetas Sá de Miranda (temas bucólicos), António Ferreira (temas bélicos), Luís de Camões (temas mitológicos e amorosos) e Frei Agostinho da Cruz (temas religiosos). Contudo, penso que é com Teixeira de Pascoaes que a cultura da elegia atinge na literatura portuguesa a sua mais alta expressão criativa.

No poema *Elegia do Amor*, Pascoaes segue uma métrica rigorosa e regular, sendo que nos são sempre apresentados versos de seis sílabas métricas (hexassílabos). O poema é composto por 330 versos que apresentam sempre o mesmo tipo de rima; uma rima de cinco em cinco versos, sempre cruzada. Relativamente às temáticas, Pascoaes cultiva na elegia, principalmente nos poemas de *Vida Etérea*, a harmonia entre a paisagem, o ritmo e a luz. As palavras colam-se às pessoas, aos seres vivos e à paisagem, tudo ascendendo para o divino, como podemos verificar nos seguintes versos do referido poema: *Onde só Deus pudesse / ouvir-nos conversar*.

Como referi no início, este poema é considerado uma obra-prima e é de tal beleza que, segundo A. Fernandes da Fonseca, «Fernando Pessoa, mesmo já depois de ter abandonado a Renascença e se ter tornado crítico desse grupo, considerava a *Elegia do Amor* como a “expressão poética de uma obra-prima” ou “o poema metafísico do amor”.» (1998).

No seguimento da leitura que me propus fazer deste poema e, tendo em conta os textos que teorizam as temáticas presentes no mesmo, considero que

este se trata de uma história de amor. É um amor que nasce da união entre a lembrança e o desejo, dando origem à saudade. *Elegia do Amor* trata do amor em acção, dum amor que gera saudade e se reproduz espiritualmente na alma de outra criatura, onde passa a viver.

O desenrolar desta história de amor divide-se em duas partes. O sujeito poético, numa primeira parte, relembra o passado e os momentos vividos juntamente com a criatura amada. É na parte inicial do poema que assistimos de imediato a uma exaltação da natureza, em que todo o universo passa a ser expressão cósmica da saudade, transcendendo o mero sentimento individual. Existe portanto uma harmonia entre a paisagem e a natureza que a rodeia, sustentada por expressões que caracterizam o espaço que envolve esta história de amor. Expressões como *tardes outonais; lírio enamorado; sol doirado; harmonias astrais; crepúsculo terno; montes doloridos; pelo Azul e vento vagabundo* elevam-nos a um espaço harmonioso sem fim, repleto de uma natureza quase sagrada e divina. A saudade está presente nestas expressões tendo em conta o seu ponto de vista existencial, o que leva o autor a conceber a Natureza como sendo sagrada, ou seja, a saudade do mundo é também a saudade de Deus, um deus presente nas coisas e na natureza.

O amor em acção que referi anteriormente reproduz-se na memória e nas lembranças do sujeito poético. As recordações do passado (*Olhavas para mim... / Meu corpo rude e bruto / Vibrava, como a onda*) atordoam o seu espírito no presente (*E triste ... Ainda hoje escuto / A música ideal / Do teu olhar primeiro! / Ouço bem tua voz, / Vejo melhor teu rosto*), provocando a presença da figura amada, mesmo estando esta ausente. É esta presença ausente do amor que causa a dor (*Ouço-te na minha dor / Ouço-te em meu desgosto*), uma dor que é pronunciada pelos elementos da natureza como nos comprovam as seguintes expressões: *O sol morria; a pedra chora e reza; desmaiam de mágoa as cristalinas fontes*. Apercebemo-nos desta forma que este amor é um amor espiritual.

A figura feminina descrita e que é o agente central da história é quem faz desabrochar este grande amor, sendo sempre descrita pelo sujeito poético como sendo um ser puro e bondoso:

*Por isso, a tua voz
Me impressionava tanto!
E punha-me a cismar
Que eras tão boa e pura*

A bondade e a pureza são os dois nomes abstractos que melhor caracterizam psicologicamente esta criatura que, de tão pura e bondosa, quase chega a alcançar o plano divino; é a Virgem Dolorosa de beleza subjectiva que provoca no sujeito poético este amor espiritual que purifica e diviniza. Pode-se afirmar que esta figura é a própria *Saudade* nascida da junção do desejo (inspirado na deusa Vénus) e da dor (transmitida pela Virgem Dolorosa). Ora, este sentimento surge do contacto das almas humanas com a parte material e espiritual das coisas ou dos seres contemplados. Ainda nesta primeira parte do poema o sujeito poético antevê a morte da sua amada (*Que, muito em breve – sim! /Te chamaria o céu!*). Apercebemo-nos de tal facto, porque a descrição física da mulher amada feita pelo autor é bem elucidativa, como podemos confirmar nos seguintes versos: *A tua palidez / Que medo me causava! / Teu corpo era tão fino / E leve (oh meu desgosto); Caía-me, na alma, / A neve do teu rosto*. Continuando neste contexto, pode-se afirmar que a face da figura feminina é comparada com a da Lua, mais propriamente à pureza da Lua, que sendo um elemento natural está reflectida na mulher amada:

*... A Lua
Ergueu a branca fronte,
Acima dos pinhais,
Tão ébria de esplendor
Tão casta e irmã da tua*

Neste desenrolar de acontecimentos gradativos, eis que no final da primeira parte de *Elegia do Amor* assistimos à partida/morte desta figura carnal/espiritual, que da união com a Lua se transformou num ser divino, passando a viver para sempre no coração do sujeito poético, que por sua vez se juntou ao mundo real de mãos dadas com a saudade e com as recordações que aquele amor lhe deixou:

*E levou-nos assim,
Com ela, até ao céu
Mas, ai, tu não voltaste
E eu regresssei ao mundo*

Essa saudade é neste caso a lembrança de figura amada com desejo dela. Estão assim reunidos os seguintes elementos: desejo/lembrança; espírito/corpo e cristianismo/paganismo. Poder-se-á dizer que os contrastes presentes nesta primeira parte do poema são os principais agentes criadores da harmonia, esta que sendo irmã gémea da saudade nasce dos contrastes luz/sombra; alegria/tristeza; beijo/lágrima e vida/morte.

Antes de passar para a leitura da segunda parte deste poema, tenho de salientar o facto de Pascoaes ter publicado, anteriormente a *Elegia do Amor*, uma coletânea de poemas intitulada *Sempre*, considerada uma das revelações poéticas de Pascoaes, apesar da sua tenra idade (21 anos). Nesta podia-se já vislumbrar algumas das suas teorias sobre o amor, ou melhor, sobre o amor que provoca “agonia”, à qual podemos assistir mais tarde em *Marânus*. Esta “agonia” de amor, se assim lhe podemos chamar, é-nos dada a conhecer num dos poemas de *Sempre*, que considero ser o poema que melhor exprime os sentimentos do poeta e que são uma antevisão dos mesmos na *Elegia do Amor*. Trata-se do poema “Ela”, que apareceu pela primeira vez no *Sempre* (1915), mas este já tinha sido editado em 1902 como “Ella” (com a data de 1897) e que é, antes da “Elegia” de *Vida Etérea* e de *Marânus*, um dos mais característicos poemas de Pascoaes em torno do feminino. No entanto, a versão de “Ela” sobre a qual me debrucei foi a da quinta e definitiva edição do *Sempre* (1929 ou 1930), pertencente às *Obras Completas* do autor.

“Ela” é constituído por tercetos decassilábicos, no qual podemos encontrar elementos autobiográficos de Pascoaes, confirmados pela sua irmã, Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, em *Teixeira de Pascoaes, Cartas de Amor* (1996). Aqui, esta afirma ter sido Maria Fernanda Vilalva de Magalhães e Menezes a musa inspiradora destes poemas, pois o poeta chegou a confessar em vida que, a propósito de *Sempre*, “quem fez os versos não fui eu ... foi ela”.

Em *Elegia do Amor*, na primeira parte, a dada altura, assistimos à morte/partida da mulher amada, acontecimento também referenciado no “Ela”, em que a uma certa altura o poeta adianta-nos a morte da protagonista ou o desaparecimento desta da sua vida:

*Teu corpo, sonho em flor, desabrochou;
Fez-se Beleza e Morte ... delicada*

Rosa que, ao vento e à chuva, desbotou!

Podemos afirmar, partindo destes versos, que se comprova a identidade da sua musa inspiradora e que “Ela” adianta a história de amor de “Elegia”, de *Vida Etérea* (1906), que virá a ser também a história do poema já revisto pelo Poeta, *Elegia do Amor*, e de *Marânus*. Em “Ela” assistimos logo ao amor que surge da união entre a lembrança e o desejo, dando também origem à saudade. Na quadra inicial, antes do poema propriamente dito, o poeta faz uma espécie de dedicatória onde podemos ler: *Entre as moças, uma existe / Das outras bem diferente. / Se elas riem, anda triste / E sempre longe da gente;* quer dizer, segundo a minha interpretação, o Poeta quer-nos transmitir que a saudade nos faz recordar algo ou alguém, que estando longe, provoca em nós a tristeza e a dor, mas ao mesmo tempo aumenta o amor.

À imagem de *Elegia do Amor*, ao longo deste poema, assistimos também a uma série de contrastes, sendo eles a dor e o desejo, a tristeza e a alegria e a vida e a morte. Os primeiros são originários da saudade que o sujeito poético sente pela figura mística que recorda e relembra; a tristeza e a alegria, quando este a vê na escuridão da noite ou na transparência do céu, sendo assim sombra e luz; por fim, a vida e a morte, que tornam eterna a figura amada, ou seja, a eternidade sempre a par da saudade, que vivem na própria alma portuguesa e que é eternizada pelo próprio povo: “Quem vai / E deixa saudades, nunca / A vida abandonou”.

Na segunda parte de *Elegia do Amor* a figura amada já não se encontra presente, está ausente e somente a lembrança dela faz parte do universo criado pelo sujeito poético. Assistimos a este facto logo no início da segunda parte do poema:

*No meu quarto sombrio,
Onde medito, a sós,
Deixa, a temer, no ar,
Um pálido sorriso,
Um murmúrio de luz
Que lembra a tua voz...*

Apercebemo-nos que agora o ambiente que rodeia o sujeito poético é de pura solidão e dor. Estes sentimentos tornam viva aquela criatura que de tão amada passou a viver nele, tornando-se os dois num só ser, através da

lembrança e da saudade. Esta solidão característica de Pascoaes aparece também em poemas como “Idílio” de *Terra Proibida* (1917), onde assistimos também à ausência da figura amada que de noite envolve o sujeito poético de lembranças, tornando-se real, como nos comprovam os versos seguintes:

*... A noite sobre mim,
Mais próxima e real
É a tua aparição...*

Neste poema assistimos mais uma vez ao amor em acção provocado pela dor da ausência, pela tristeza da alma e pelo desejo do corpo (... Ó *Virgem da Tristeza*, (...)) *Lá vens, sorrindo, dar-me um beijo / Com uns lábios que a terra já desfez.*). Assim, alma e corpo formam assim a realidade, esta que tem origem na lembrança e na saudade que invadem o sujeito poético.

Retornando a *Elegia do Amor*, pode-se afirmar que todo o ambiente e todo o espaço envolvente são bem característicos dos sentimentos do sujeito poético. Veja-se o tempo; é Outono, estação do ano que provoca ainda mais a dor da saudade e faz com que este se lembre ainda mais da sua amada. O chegar da noite é como a chegada da morte da sua amada; o *céu chora ao ver morrer o sol*, assim como ele chora agora a morte/partida daquela que tanto recorda. Esta chegada da noite é um marco temporal que faz acordar no sujeito poético a eterna dor que sente e lhe traz à memória o olhar dela (*Acorda, no meu peito, / Infinda e etérea dor, / que à memória me traz / A luz do teu olhar...*).

Por outro lado, também o espaço que o rodeia (na natureza) faz perceber os sentimentos que o mesmo sente e que o consomem. Os elementos da natureza presentes nesta parte do poema fazem antever tudo o que vai na alma e no coração daquele que sofre com a ausência do ser amado. Tudo na natureza traz à lembrança aquela que já fez parte da mesma. Ele vê-a no vento, nas estrelas, nos lírios e no céu, tudo em seu redor é eterna saudade:

*Se passo por um lírio,
Às vezes, distraído,
Chama por mim, dizendo:
«Oh! Não te esqueças dela!»
Diz-mo também, chorando
O vento dolorido.
Diz-mo a fonte, a cantar,*

Diz-mo, a brilhar, a estrela

Esta dor que sente é a mãe da humana dor, / Da dor de Deus a filha, é a maior de todas as dores, é a mãe de todas as dores e a filha da dor de Deus. Podemos verificar que nestes versos o amor que o sujeito poético sente é tão grande que alcançou os céus, tornando-se num amor eterno. Assim, entrega-se à Natureza como se esta fosse a imagem da mulher amada, passando a mulher a viver na Natureza (*Teu espectro divaga, / Ao longo dos espaços*) e provocando nele a vontade constante de estar em contacto com a mesma, porque é assim que se sente mais próximo daquela que partiu (*Se abraço um verde tronco, / Eu sinto, entre os meus braços, / Teu corpo estremecer*).

Este contacto com a Natureza “viva” provoca-lhe uma imensidão de sentimentos contraditórios: loucura/paz; serenidade/delírio e estranheza/enamoramento. Ou seja, sentimentos positivos (pela lembrança e saudade) e negativos (pela dor), que originam uma harmonia provocada por elementos contrastantes, que acabam por “povoar” de amor a sua solidão.

O poema termina com as duas figuras, ele e ela, como sendo um só. Este contacto com a natureza e com tudo o que lhe traz à lembrança aquela figura misteriosa que um dia entrou na sua vida e faz nascer nele as características dela. A bondade, a ternura e a serenidade fazem agora parte dele também, começando a sentir que faz parte de todo aquele universo que o rodeia, como se estivesse nela e ela nele, terminando e dizendo:

*Sou neblina, sou ave,
Estrela, Azul sem fim,
Só porque, um dia, tu,
Mulher misteriosa,
Por acaso, talvez,
Olhaste para mim*

Ao longo desta segunda parte de *Elegia do Amor*, segundo a minha leitura, é-nos transmitido um sentimento um pouco misterioso, o de uma solidão misteriosa que se manifesta na alma e que é a causa de todos os fenómenos vitais. Logo, conclui-se que a nossa alma transborda de nós, inundando de amor as coisas mortas que ficam a viver, portanto, neste poema, aquela figura amada poderá ser a materialização da solidão, tão característica do Poeta. Talvez Pascoaes quisesse transmitir que a vida eterna nasce da luta

do espírito contra a morte que o cerca e nasce da solidão misteriosa, que é a feição mais vaga da tristeza. Ou seja, a solidão provoca a dor, a lembrança e conseqüentemente a saudade, mas esta jamais deixará que tudo o que nos é querido morra ou desapareça. Assim, o autor de *Elegia do Amor* eterniza aquela figura amada e misteriosa.

2. *Marânus* – Características e leitura

Marânus foi publicado pela primeira vez em 1911 mas, durante toda a sua vida, Teixeira de Pascoaes foi-o corrigindo, acrescentando e alterando, reescrevendo-o até à exaustão, tornando-o um poema interminável. Contudo, é importante salientar que o presente trabalho tem por base a última edição desta obra (*Marânus, Obras Teixeira de Pascoaes*, 9, Lisboa, Assírio e Alvim, 1990), sendo a derradeira publicada pelo autor em vida (1930).

Finalizada a leitura desta história de amor, podemos afirmar que se trata de um longo poema narrativo que nos conta a história de Marânus (... *o ser que divagava, / Consigo, pelo mundo solitário...*) e das suas deambulações pela serra do Marão, essa *mística paisagem, onde o céu se casa intimamente com a terra*. Nos seus passeios este depara-se com figuras como a Saudade, uma Pastora, Dom Quixote e um Bruxo, ou seja, personagens de carácter mítico ou lendário que buscam através do amor e do conhecimento o aperfeiçoamento espiritual. Contudo, a personagem por quem se apaixona é Eleonor, deusa por si criada.

Podemos remeter esta história de amor para a própria vida do autor, Teixeira de Pascoaes. Na minha opinião existem traços autobiográficos do poeta na mesma, que mais à frente tentarei comprovar e como referi nas linhas introdutórias deste trabalho, esta obra é como se fosse o hino ao amor transcendente de Pascoaes por essa figura mítica, que é ao mesmo tempo carnal. Toda a leitura que fiz desta belíssima obra de Pascoaes permitiu-me tirar algumas conclusões, ter impressões e ter uma opinião própria dos motivos que levaram o poeta a transcrever nestas linhas os sentimentos que assombravam a sua alma e o seu coração.

2.1 Características técnico-formais

Marânus é um extenso poema composto por dezanove cantos, com um total aproximado de 3420 versos e foi publicado pela primeira vez em 1911, na altura em que Teixeira de Pascoaes e outros se preparavam para fundar a associação cultural Renascença Portuguesa. Segundo alguns estudiosos do poeta, o poema deve ter sido escrito entre o ano de 1909 e o de 1911, após a publicação de *Senhora da Noite* (1909) e antes da publicação de *Regresso ao Paraíso* (1912). Nestas duas obras, a unidade do ser (cósmico ou divino) não se divide nem apresenta um sentido do absoluto idêntico; logo, poder-se-á afirmar que essa unidade não dividida é justamente aquilo que Pascoaes denomina de *saudade*.

A *Marânus* foi atribuída a denominação de “romance em verso” pelo próprio autor, numa carta a Miguel Unamuno (8.12.1910), na qual se pode ler a seguinte afirmação: “Tenho no prelo um romance em verso intitulado *Marános* – que é o herói principal”. A justificação para esta classificação de “romance em verso” é que este poema não pode ser considerado um poema épico, pois não apresenta situações de guerra ou de conflitos bélicos, mas sim uma história que trata do amor. Esta história afasta-se da guerra, assim como se afasta também do princípio da temática clássica do poema épico. E como o tema que mais se associa ao romance é o amor, onde deve existir o conflito entre o individual e a circunstância social, podemos afirmar que o principal factor que provoca o declínio do poema épico, a favor do “romance em verso”, é a natureza da realidade da vida moderna.

Este romance trata sobretudo do amor e conta a história de uma personagem, *Marânus* (topónimo português de *Marão*), ao longo da sua vida. No princípio da história é um ser irreal, sem história, nem cronologia, onde podemos vislumbrar um tempo mítico-simbólico. Em termos gerais, podemos afirmar que esta personagem começa por divagar por nubladas regiões, onde juntamente com o mundo formam um só. *Marânus* e o mundo estão indiferenciados, ou seja, existe uma unidade original das coisas e é neste contexto que se encontra com Eleonor e desse encontro resulta uma ideia de unidade desfeita (Canto I). Eleonor representa a sombra espiritual do homem

corporizado em Marânus, é a sua alma por assim dizer; é uma deusa espiritual, a representação da Virgem.

De seguida, no Canto II, a personagem principal passa do transcendente para territórios mais fixos, palpáveis e corpóreos, onde se encontra com a Pastora. Esta representa o mundo real e não imaginário, é o corpo da alma de Eleonor, representando a figura de Vénus e do desejo. Depois, já em pleno Marão, Marânus passa para uma metamorfose no corpo sensível e vivo da Saudade, tornando o amor um sentido mais alto que permitirá a unidade desejada dos seres que se apaixonam. Assim, a personagem Saudade simboliza a concretização do amor e a união das figuras femininas anteriores: Eleonor (a alma) juntamente com a Pastora (o corpo) dão origem à Saudade (o amor).

Esta metamorfose dá-se em plena montanha. O Marão é o único espaço devidamente caracterizado do poema, sendo o lugar onde o amor se poderá conjugar e onde acontece a unidade pretendida dos seres; a montanha representa assim o centro do mundo, onde o interior (o amor) e o exterior (montanha) são consentâneos um ao outro, pois o amor é um eixo vital. Podemos constatar este facto no Canto V, onde temos a indicação do espaço onde se vai desenrolar o idílio amoroso entre os dois seres na serra:

*Ó grande serra esfíngica da noite!
Montanha da quimérica emoção,
Que, impetuosa, a transbordar, se espraia
Em ondas de silêncio e solidão!*

Ao longo deste poema, o amor de Marânus vai-se desenvolvendo através da metamorfose das três representações do feminino. Assim, encontramos a primeira representação do feminino em Eleonor, que é uma figura não absoluta, é o espírito ondeante; de seguida, temos a segunda representação do feminino, através da Pastora, sendo esta a matéria e a substância encarnada; por fim, aparece a Saudade como terceira representação do feminino, é a memória e mediação. Esta tripartição da fisionomia feminina, juntamente com a figura de Marânus, forma o conjunto de personagens principais que desenrolam esta história de amor.

No que diz respeito às questões de temporalidade, existem dois acontecimentos decisivos da história: o encontro e o idílio amoroso entre os dois seres, Marânus e a Saudade, no Canto VII; e o nascimento do filho de ambos, no Canto XVII. No entanto, entre o sétimo e o décimo sétimo canto encontramos um arco temporal de aproximadamente um ano, onde se inserem alguns episódios isolados, dos quais podemos destacar: o encontro na serra do Marão de Apolo e Cristo (Canto IX) e o aparecimento de D. Quixote (Canto XI). Contudo, estes episódios não põem em causa as informações temporais sobre o principal da história, pois no tempo da história estes compreendem o tempo necessário ao encontro dos dois seres, à gestação do filho carnal, ao seu nascimento, crescimento e maturação (que ocupa no discurso os três últimos cantos). A temporalidade real do poema está ligada intimamente à vivência do amor.

Um dos momentos fulcrais da história é também o que assistimos no Canto XIX, que inicia com a marca temporal *Alguns anos passaram....* Durante este período de tempo, assistimos à partida de Marânus da serra, que corresponde aos anos de crescimento do menino. Este menino, filho de Marânus e da Saudade, cresce e já adulto despede-se da mãe e parte para o mundo dos homens. O poema termina com a morte do protagonista e com o encontro deste com Eleonor (sombra que volta à serra onde habita a Saudade), que se revela no final como sendo a própria Eternidade, ou seja, a partir deste momento, o amor humano dissolve-se e torna-se novamente espiritual (sombra, neblina) tal como no início do poema.

Contudo, o narrador utiliza dois processos para tornar o tempo do discurso, principalmente nos três últimos cantos do poema, mais curto comparativamente ao tempo do discurso dos dez cantos anteriores. Estes processos são a sumarização e a elipse. A primeira, quando o narrador faz o resumo dos vários anos de crescimento do filho da Saudade (último canto); já a elipse é bem visível no remate do poema, quando o narrador deixa em branco tudo o que se passou entre os últimos eventos do poema, o regresso da sombra de um Marânus apagado e o imediatamente anterior.

A prolepse é um outro processo utilizado pelo narrador, sendo que esta é nítida através da antecipação de um dos acontecimentos centrais do poema, quer dizer, quando nos é anunciado o nascimento do filho da Saudade, desde o canto sétimo:

*Ó Saudade! Ó Saudade! Ó Virgem Mãe,
Que sobre a terra santa portuguesa
Conceberá, isenta de pecado,
O Cristo da esperança e da beleza.*

Mas esta não é a única antecipação feita pelo narrador e existe uma outra. No canto terceiro, Eleonor dirige-se a Marânus, afirmando: *Tu és o amor amante, eu sou o amor / Amado. Eu sou a vida e tu somente / És aquilo que vive. Eu sou a dor / E a dor não sofre, não, mas é sofrida.* Vejam-se também nos seguintes versos do canto décimo as antecipações que são quase profecias e que dão ao poema um carácter messiânico. Neste caso o tempo do discurso predomina sobre o tempo da história:

*Tu saberás, um dia, quem eu sou...
Há-de surgir das bandas do Nascente
Um claro sol de espírito divino:
E não mais me verás. E, nesse instante,
Existirás em mim, como eu existo
Nesse teu pobre corpo agonizante*

Assim, podemos afirmar que existe uma acção recíproca das categorias respeitantes ao tempo do discurso e às características do narrador. O narrador restringe o seu ponto de vista, saindo do seu discurso, dando relevo às personagens. As personagens agem directamente na história, como é o caso do diálogo estabelecido entre Cristo e Apolo. Estes diálogos directos são mais importantes do que as falas indirectas do narrador e, por vezes, mais extensos, como é o caso do monólogo de D. Quixote.

No mesmo seguimento, assistimos também à dramatização directa de algumas personagens, principalmente quando se dá o encontro da Saudade e de Marânus com o Outono personificado, no canto oitavo. Neste encontro as falas das personagens são extensas e as intervenções do narrador muito curtas, pois só servem para introduzir as mesmas. Este facto também é visível no encontro com a Primavera, no canto décimo sexto, passando a haver uma representação dramática que serve para dar vida e voz às personagens, assim como para alongar o tempo do discurso, através da representação de

acontecimentos em cena. Nestas situações o tempo do discurso predomina sobre o tempo da história.

No entanto, e para concluir este ponto, a partir do canto décimo sétimo assistimos à intervenção directa do narrador com interesse em retirar de cena as personagens, recorrendo para isso à sumarização e a elipses. Por exemplo, no início do canto décimo nono, podemos identificar uma sumarização dos vários anos que vão sendo filtrados em três estrofes por um narrador onisciente que assume uma presença vincada em cena. Vejam-se os seguintes versos:

*Alguns anos passaram. A Saudade
À ausência da Marânus mais afeita,
Naquela montanhosa soledade,
Vivia com o filho, a quem a terra
Seu íntimo segredo ia dizendo...*

2.2 Leitura do poema

Após a análise das características formais deste longo poema, irei pois proceder à leitura aproximada que fiz do mesmo, abordando os seus principais momentos, o seu significado e a mensagem transmitida pelo Poeta.

O poema *Marânus* apresenta, em primeiro lugar, um sentido biográfico, característica que o próprio poeta nunca recusou. Este sentido biográfico foi reforçado anos mais tarde, aquando da publicação da correspondência entre o Poeta e a sua irmã Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos. Nas cartas enviadas pelo Poeta podemos encontrar a presença da mulher que o ajudou a criar imaginariamente uma personagem que seria ele próprio. Neste sentido poder-se-á afirmar que a concepção de *Marânus* (personagem) é a imagem do próprio Pascoaes. Contudo, é importante frisar que o poema apresenta outros níveis de sentido. Segundo Dante, existem quatro níveis de interpretação de um texto: o *literal*, o *alegórico*, o *moral* e o *anagógico*, sendo este último, na sua opinião, o superior sentido de qualquer texto.

Segundo alguns estudiosos de Pascoaes, em especial António Cândido Franco em *Eleonor na Serra de Pascoaes* (1992), no qual nos inspiramos neste

particular, que adiante desenvolvemos, *Marânus* funciona exactamente na extensão destes quatro níveis interpretativos. No poema começa por se apresentar um sentido biográfico, como já foi referido anteriormente, mas passa depois a apresentar-se num sentido alegórico mais geral (Canto IX); daqui se passa a um sentido moral ou catequético e, finalmente, a um sentido último ou anagógico.

2.2.1 *Marânus* e o mundo como unidade original

Marânus vive, não vivendo, sobrevivendo no meio da serra em plena solidão, divagando e contemplando a natureza e a escuridão da noite que o abraça nas horas de maior solidão. Tudo é escuridão à sua volta, sem o mínimo sinal de luz ou esperança. Vejam-se os quatro versos iniciais que nos mostram esta unidade entre a personagem de *Marânus* e o mundo:

*Marânus era o ser que divagava,
Consigo, pelo mundo solitário
A sua própria alma o alimentava
E dava-lhe a beber das suas lágrimas*

No entanto, esta unidade é desfeita pelo aparecimento de um ser misterioso. Esta aparição mítica é a de uma figura feminina que provoca em *Marânus* um espanto igual ao sentido pelo próprio Adão quando encarou pela primeira vez com a primeira mulher. Esta figura feminina provoca este sentimento de surpresa e fascínio, porque a mesma não é apenas uma mulher, mas sim a aparição da Mulher, tratando-se de uma aparição com estatuto universal e não particular. Deste modo, importa dizer que o sentimento que despertou *Marânus*, que o fez reviver, que o fez soltar-se do mundo que o isolava, é o próprio Amor.

Este amor aparece assim a *Marânus*; sobressaltou-o no momento em que talvez pensasse que o seu destino estaria mais que traçado e que viveria para sempre naquela solidão. No entanto, aquela figura mítica fá-lo sentir vivo outra vez, fá-lo sentir no mais elevado plano da felicidade, atingindo um grau de enamoramento/paixão que o perturba até ao delírio. Surge assim o desejo de unidade entre dois seres, é a desejada fusão do eu e do outro, num mesmo

e único corpo. Veja-se como os seguintes versos revelam estes sentimentos que descrevi anteriormente:

*Quando viu, perto dele, uma Figura
Desenhar-se, no escuro do arvoredor,
Em diluídas formas e apagados
Contornos de esplendor e de segredo.*

*E, atônito e surpreso, olhava, olhava
Aquela milagrosa aparição,
Que, em brumas transcendentais, disfarçava
Seu angélico rosto de mulher.*

Mas o amor não é só isso, é também a constatação de uma separação, que se tem por irremediável, entre o “eu” e o “outro”. Assim, podemos afirmar que este sentimento, ao mesmo tempo que desperta o desejo e a paixão, o delírio e a loucura, desperta também a dor, a angústia, o desespero de se querer ter o que não se consegue alcançar. É também o amor que nunca é consumado, sendo platônico e inatingível, tornando-se num amor espiritual, intocável e inalcançável, ao mesmo tempo que é também o amor mais profundo que aquele ser consegue sentir. Neste sentido podemos afirmar que a figura feminina que aparece ao protagonista de *Marânus* é quem vai revelar a cisão entre os dois seres. Esta aparição é a alma do Homem (aqui corporizado em Marânus) e acaba por tornar-se também no seu corpo. Os dois formam assim um só ser. Veja-se como esta se revela:

*Eu sou a tua alma aparecida,
Criatura imortal da tua dor!
E vivo, como tu, mas outras lágrimas.*

Constatamos nas falas anteriores que a cisão/separação dos dois seres provoca o desejo de união. A separação dá-se aquando da revelação daquele espectro de mulher, que se diz chamar Eleonor e que interpelada por Marânus lhe diz ser a sua essência, despedindo-se e partindo enquanto este adormece, pronunciando estas palavras:

*Meu criador e amante, vem comigo!
Saberás o que nunca imaginaste.
Em mim, encontrarás o que, de balde,
Neste mundo terreno, procuraste.*

Segundo a minha interpretação, nestas últimas palavras de Eleonor a Marânus, antes da sua partida, percebemos que o aparecimento desta se

deveu à solidão em que ele vivia, dirigindo-se a ele como *Meu criador*, ou seja, foi ele que a criou através dos seus sentimentos e anseios, passando a viver nela e ela nele. Esta é a representação do lado inteligível e nocturno da mulher e, sendo um ser inatingível, jamais conseguirá a tão desejada unidade, visto que aquela figura é espiritual e não carnal.

2.2.2 História de amor entre Marânus e Eleonor/Pastora

A figura de Eleonor representa assim o amor espiritual, ao passo que a próxima figura feminina com quem Marânus se depara representa o amor carnal. Esta figura é a Pastora, figura que este vê de manhã ao acordar, após a partida de Eleonor (Canto II). Marânus vê *uma donzela, / que apascentava, triste, o seu rebanho*.

A Pastora representa o lado diurno e sensível da mulher, ao contrário de Eleonor que, como já foi referido, é a representação do lado nocturno e inteligível. Sendo assim, poder-se-á afirmar que as duas figuras se complementam, tornando-se a Pastora no corpo da alma de Eleonor, ou seja, são as duas uma só mulher, ou duas num só corpo. Podemos comprovar este facto através de uma das falas de Eleonor quando reaparece e, em tom dramático, se dirige ao seu próprio corpo (Pastora), afirmando o seu estado inexistente e quase angélico (Canto III):

*Sou aquela que é amada; mas não ama,
Porque o amor odeia o que é eterno,
E as suas labaredas se alimentam
Do que é mudança, tempestade, inferno!*

Assim, Eleonor é um ser mais essencial que existencial e, ao recusar amar (não o amor), recusa ao mesmo tempo a sua existência. Esta é uma posição difícil para Marânus, pois ela é aquela que é amada, mas não ama. Eleonor faz manter uma tensão erótica e poderosa em que o acasalamento não era um objectivo, sendo substituído por fins mais elevados. Este amor é um amor mais elevado onde é cultivado o espírito, a unidade divina; é um amor que diviniza, representado pela Virgem dolorosa (a dor da ausência).

A situação de Marânus é equivalente, visto que a impossibilidade da presença carnal da pessoa amada cria um estado de dolorosa tensão e a

meditação causada por essa dor torna-se também numa meditação sobre o próprio “eu”, provocando uma fusão entre o “eu” e o “outro”, operada num único ser solitário (“eu”). O nome deste estado doloroso e solitário já não é amor mas sim saudade. Como referiu António Cândido Franco, “talvez a saudade seja o outro nome do amor, aquele que lhe dá todo o seu mais alto e dinâmico sentido, ou seja, aquele que permite a unidade desejada dos seres quando se apaixonam. A paixão é a temperatura do desejo, enquanto a saudade é a concretização do amor através da ausência.” (1992:35).

Por outro lado, a Pastora representa o amor carnal que continua a vida. Este caracteriza-se pelo culto das formas, pela harmonia plástica e pelo Paganismo, é o amor verdadeiro, “palpável” e real; é sobretudo o desejo enunciado por Marânus ainda no Canto II, quando se dirige à Pastora, dizendo-lhe:

*Meu novo amor e nova aparição!
Verdadeiro milagre de Beleza,
Não és vago fantasma, sonho vão,
Que nasce do Desejo insatisfeito!
Se tens na face a cor amanhecida,
Sanguínea e palpitante! E dos teus pés
Se alonga, idealmente reflectida,
A tua sombra em flor ...
Ah, vejo bem*

A Pastora é assim a materialização do ser ausente, é a materialização da saudade num estado limite; é a figura carnal presente daquela que está ausente e representa o amor espiritual, Eleonor. Esta apresenta-se sob a forma de uma imagem recordada, é uma aparição que se deve à presença da saudade como estado limite, capaz de levar qualquer Ser a fundir-se com outro, ficando sempre vivo. Todo o ser que consiga lidar com o mais alto domínio da saudade verá, através do pensamento, a materialização de todas as criações mentais e espirituais, como se a saudade fizesse renascer através da recordação e do amor tudo aquilo que morre.

É esta a história de Marânus, pois a ausência da pessoa amada provoca neste uma operação amorosa que se realiza no seu limite, de forma individual, na solidão do seu corpo. Esta ausência transforma o amor em saudade, nascendo na ausência da pessoa amada e acabando depois por ser a presença desta ausência. A história de Marânus pode ser a história de todos

nós, porque todo o ser humano saudoso comporta-se frente a pessoas ausentes como se elas estivessem presentes. Podemos até afirmar que cada um de nós tem um Marânu dentro de si.

Neste sentido, importa aqui referir que este estado que Pascoaes põe em evidência através da personagem de Marânu se poderá reportar a todos nós, porque todo o ser humano ama, apaixonou-se e sente saudades, estando a pessoa amada ausente ou não. Na nossa solidão também criamos espiritualmente a presença dos que amamos e que não estão presentes, principalmente através de recordações; mantemo-los sempre vivos em nós, passando estes a estar presentes e dessa presença de alguém ausente nasce a saudade. Quem nunca sentiu a dor de uma saudade levada ao seu limite? Saudade de uma pessoa, de um lugar, de um tempo, de um cheiro? Enfim, de tudo aquilo que nós amamos e nos fez feliz um dia ... Ao mantermos vivas essas recordações, mantemos vivo o amor e tornamo-las vivas dentro de nós, nunca as deixamos morrer. Assim é um verdadeiro amor, que não sendo esquecido, sendo mantido através da saudade, nunca nos abandonará.

Esta é a história de todos nós e do próprio Pascoaes e convém aqui reportarmo-nos ao primeiro sentido deste poema, o sentido biográfico. Este sentido foi reforçado anos mais tarde, como já referi anteriormente, com a publicação da correspondência entre o Poeta e a sua irmã Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, durante o ano de 1909-1910. Encontramos nesta correspondência (*Olhando para trás vejo Pascoaes, Assírio e Alvim, 1996, p.100-108*) referências biográficas respeitantes a Pascoaes e na qual podemos entender melhor os sentimentos do Poeta por uma mulher, esta que foi a inspiração para a criação da figura de Eleonor. Mais à frente teremos oportunidade de abordar com mais profundidade alguns destes factos autobiográficos.

No entanto pode-se já referir que na primeira carta enviada por Pascoaes este confessa à irmã estar apaixonado por uma pessoa de sexo feminino. Na carta seguinte, que data de 24 de Abril de 1909, revela então o nome desta, Leonor Dagge (uma inglesa que vivia temporariamente no Porto), dizendo ainda que lhe escreveu três cartas apaixonadas, mas não obteve

resposta às mesmas. Nas cartas seguintes especifica que entre Maio e Novembro esteve em Inglaterra e que lá desenvolveu inúmeros contactos com Leonor e com a família desta para se dar a conhecer melhor. Através destas cartas podemos confirmar que se tratou de um enamoramento real por uma mulher que existiu na sua vida (que terá ocorrido por volta de 1909) e que se chamou Leonor Dagge. Veremos depois, mais à frente, algumas transcrições destas cartas.

Importa assim encarar esta realidade que nos transporta para o sentido imediato deste poema. Pascoaes é pois movido pelo amor que tem por Leonor e cria a Eleonor de *Marânus*. O Poeta confirmará mais tarde, em *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta* (1978), que Eleonor de *Marânus* é a Leonor Dagge que ele conheceu. Diz o poeta: “O seu vulto enublado, transparecendo etérea formosura, velado e revelado, longe e perto, colaborou comigo numa espécie de personagem de Poema, - a Eleonor de Marânos.” (p.233).

É importante também referir que em *Marânus* encontramos ainda um segundo sentido, o sentido alegórico, presente ao longo de todo o poema, através das principais personagens.

A alegoria é o modo de representar uma coisa ou uma ideia sob a aparência de outra. Ora, é o caso de Eleonor, que não tem apenas um sentido literal e imediato; ela é a representação alegórica do amor, visto que para Pascoaes o amor, sendo abstracto como Eleonor, tem necessidade de se tornar visível e concreto. A Pastora é também ela uma alegoria do amor, mas enquanto Eleonor é a alegoria do amor espiritual, esta é a alegoria do amor sensual. Podemos também incluir a personagem de Marânus neste sentido alegórico, porque se Eleonor e a Pastora representam o amor, este vai representar a Humanidade. Porquê? Porque, como já referi anteriormente, esta história de amor não é só a de Marânus mas a de todos nós, seres humanos. Por fim, a Saudade, ao longo de toda a história (anunciação, parto e nascimento), também tem um sentido alegórico, apesar de ser mais vista como uma personificação.

Existe ainda um terceiro sentido neste poema, o sentido moral. Sendo *Marânus* um poema de transição republicana, com um sentido de

“renascimento português”, quer dizer, o renascer de um novo Portugal que estava adormecido, podemos perfeitamente reportar este aspecto para o facto de ser este também o objectivo da “Renascença Portuguesa”. Graças também à Associação Cultural Portuense, fundada em 1911, *Marânus* pôde então ser lido como um grito de mudança, onde podemos entender um significado moral como manifestação da razão social do homem, onde valores mais altos se levantam, os valores espirituais. Na minha opinião, o sentido moral é também evidente com o nascimento do filho da Saudade (Canto XVII), sendo que este representa o culminar de todo um ciclo, assim como, historicamente, a luta até à Republica é um ciclo de viragem para os portugueses. Portanto, poder-se-á afirmar que o filho da Saudade é a personificação de um “novo Portugal”. Será que não poderemos aqui afirmar que este aspecto também nos transporta até ao “Quinto Império”, de Fernando Pessoa, na terceira parte da *Mensagem* (*O Encoberto*)?

Vejam-se os seguintes versos de *Marânus* (Canto XVII – Nascimento):

*O Menino crescia, como a aurora
Que, sendo esparso vulto de mulher,
Na linha do horizonte, que decora,
Lembra a auréola dum Deus anunciado...*

Penso que é de todo possível afirmar que o Menino enunciado nestes versos é a representação do anúncio de um novo ciclo e recuperação de energias latentes para a constituição do Quinto Império, um *reino de liberdade de espírito e de redenção*. Ou seja, o Quinto Império, ao contrário do Império material dos Séculos XV e XVI, será de natureza espiritual e assim sendo tal facto reporta-nos para a situação do país no decorrer da transição da Monarquia para a República e Pascoaes, sendo republicano, poderá ter-se servido deste poema para fazer despertar nos portugueses a construção de um novo Portugal, de um novo império. Em momentos de crise (ontem como hoje), surge o desejo ou a ânsia da “vinda de um Salvador”, que libertará o povo e restaurará o que é nacional. O *Deus anunciado* nos versos anteriores poderá ser também “*O Desejado*”, D. Sebastião (que vive no mito, que é sonho), que regressará na pessoa de um líder para conduzir a Nação a um novo tempo de glória: o Quinto Império.

Este terceiro sentido é complementado por um quarto sentido, o anagógico, que é o sentido que nos permite uma interpretação mística. Enquanto o sentido moral nos é dado pela confiança de que a morte de Portugal seria ainda um factor de redenção, capaz de formar ainda um paraíso, o sentido místico deste poema aparece quando é feita a Revelação Final (Canto XVIII): a da Saudade permanecer irmã da Eternidade.

Este sentido anagógico ou místico está mais perto da essência, enquanto o literal toma à letra a própria existência. Este sentido místico de Portugal vê-se em *Marânus* e é levado a uma ideia-limite: a de uma terceira cosmogonia como redenção definitiva, não só do país, como do próprio universo. Esta terceira cosmogonia seria o aperfeiçoamento da segunda, como esta foi o da primeira, ou seja, a primeira foi hebraica, a segunda foi romana e esta terceira seria portuguesa, sendo agora Maria substituída pela Saudade, como Eva foi substituída por Maria.

A Saudade será assim a mãe do *Deus-menino* que tem por missão preparar a humanidade para uma época de abundância, paz e fraternidade entre os homens. É a continuação do sentido moral, da esperança de um Quinto Império, de um novo Portugal. Este irá realizar a sua missão através da *saudade* e esta será responsável pela unidade dos seres. A Saudade neste caso é milagrosa, pois para além de nela intervir uma força transcendente, realiza-a através de bases concretas: o amor (espiritual e depois carnal) de um ser por outro ser. Logo, através desta unidade dos seres, nascerá a Eternidade, sendo irmã gémea da Saudade. Dito de outro modo, a Eternidade é a perpetuação do amor transcendente e espiritual, que viverá para sempre.

2.2.3 Montanha – Centro de uma nova fundação do mundo

É nos cantos IV e V que assistimos à subida e chegada de *Marânus* à montanha. Esta chegada representa acima de tudo a chegada ao centro, ao eixo vital da montanha e, no fundo, é a representação da chegada ao pilar central do mundo. Podemos interpretar o sentido da montanha como o ponto de contacto entre o céu e a terra, que é ao mesmo tempo o lugar onde

Marânus se irá encontrar com a Saudade, nascendo assim a fundação de um novo mundo, de uma nova cosmogonia.

Assim sendo, a Montanha é o lugar onde o amor se poderá substantivar através da pretendida unidade dos seres, é o centro vital do mundo onde o interior (o amor) e o exterior (montanha) são adequados um ao outro, pois o amor é também um eixo vital na vida dos seres humanos. O amor será assim a cosmificação do caos (universalidade).

Esta cosmificação tem origem primeiramente no contacto que Marânus estabelece com a montanha e com a natureza que o rodeia e lhe traz a sombra da mulher amada. Veja-se este aspecto nos seguintes versos:

*Deste modo, Marânus, em voz alta,
Saudava a serra bem-amada, quando,
Descobrira Eleonor, que sobressalta
Seu coração e os rústicos penedos!*

...
*Apesar da distância, bem se via
Aquele belo corpo, sobre as fragas,
Que uma névoa inefável esbatia
Em suaves contornos apagados.
E a sua fronte lúcida, esculpida*

Pascoaes presenteia assim a serra do Marão com um corpo transcendental, estabelecendo a ligação entre duas realidades – o mar e a montanha. Neste sentido podemos afirmar que o Marão é o local geográfico e simultaneamente biográfico da narrativa, pois o encontro com o Marão é o encontro com a Saudade, sendo o Marão o local onde esta habita. Podemos aqui também estabelecer um paralelismo entre este encontro e a relação entre o Mar e o Marão, porque esta é equivalente à relação que o amor estabelece com a própria saudade. O Mar simboliza assim o encontro com Eleonor, com o amor, ao passo que o Marão é o encontro da Saudade, que é o verdadeiro amor carnal para Marânus.

Esta relação pode ser vista também no Canto V – “Chegada de Marânus à Montanha”, em que o Poeta nos dá uma imagem da montanha, recorrendo para isso a metáforas de tipo marítimo:

*Ó grande serra esfíngica da noite!
Montanha da quimérica emoção
Que, impetuosa, a transbordar, se espraia*

Em ondas de silêncio e solidão!

Também no canto seguinte – “Marânus e a Sombra do Marão” – Pascoaes diz:

*Marão! Onde entra o mar, espadanando!
Onde ecoam os ventos e onde as nuvens,
Sobre os nocturnos píncaros pousando,
São ilusões de fumo, pesos de água!...*

É explícito nestes versos que o mar entra na constituição do Marão, como depois, na parte final do Canto VII é explícito que o Amor entra na constituição da Saudade.

Ainda neste sentido, a relação do Mar com o Marão pode ser vista também no Canto VIII – “Marânus e o Outono” – onde o Poeta reforça que o Mar é a origem primitiva do Marão, quer dizer, o lugar que precede a montanha onde Marânus se encontra. Vejamos nos versos seguintes esta confirmação:

*Ó mar, ó velho mar! Existe alguém
Que pode ver tuas doiradas nuvens,
Abrindo as leves asas, já no além
Da louca agitação das tuas águas.*

Partindo das afirmações de António Cândido Franco, na conferência – manifesto *O Mar e o Marão* “aquilo que verdadeiramente existe no poema de Teixeira de Pascoaes não é um Marão físico, geográfico, mas sim um mar metafórico, transcendente e impalpável (...) O mar é como a árvore viva, enquanto que o Marão é como a árvore recordada.” (1989: 36).

No entanto, segundo o mesmo, a importância do mar é mínima comparativamente à importância da montanha, pois a verticalidade da montanha permitirá a unidade do universo, realizada através da unidade da terra com o céu, sendo que afirma também que “se o Mar representa a possibilidade de descobrir a Terra, o Marão, enquanto montanha, representa a possibilidade de descobrir o cosmos.” (1989:39).

Podemos afirmar que esta ideia encaixa perfeitamente na história de *Marânus*, pois é no cimo da montanha que o protagonista encontra a Saudade, a transfiguração de Eleonor. Este encontro resulta das lembranças que a montanha traz à memória de Marânus, porque são as imagens da serra do

Marão que este recorda, é a montanha que o faz sentir nostálgico e saudoso daquela antiga serra. Mais uma vez é dos sentimentos do Poeta que se trata e neste momento do poema, do meu ponto de vista, transporta para a personagem de Marânus os seus próprios sentimentos.

Parte dos longos passos percorridos por Pascoaes pela serra são agora os passos percorridos por Marânus na sua subida até ao cimo da montanha. Ao longo desta caminhada saudosa e nostálgica, este vai tendo lembranças do passado, recordações que perturbam a sua alma e o seu coração, é a caminhada do desejo de voltar ao passado, mas este passado não volta, é a ausência de tudo o que ele aspirava encontrar. Esta ausência, juntamente com o desejo e com a ânsia de atingir esse passado, provoca na personagem (ou no próprio Pascoaes) a Saudade. É neste sentido que a chegada à montanha é também o momento do encontro com a Saudade, é como se a personagem tivesse chegado ao seu limite, ao ponto final da terra e ao início do céu, não havendo nada palpável para além da montanha. Agora, no Marão, tudo é vago e espiritual, tudo é eterno. Desta forma, da condição saudosa do Ser, resulta uma condição dolorosa do mesmo ser (dor de privação, dor de saudade, a consciência do fim, da imperfeição). Esta experiência de dor pelo homem saudoso é, em simultâneo, individual e universal, pois o homem (ou o poeta) entende o mundo como uma “recordação eterna” e percebe que a própria realidade é a reprodução imaginária de uma outra realidade, ainda mais real.

Relacionado com o que refiro anteriormente é o facto destas lembranças ou a saudade deste lugar fazerem ressuscitar o universo da própria montanha aos olhos do Poeta; é a saudade eterna que tudo faz renascer, é uma saudade elevada, pura e celeste que nasce, morre, ressuscita e, neste último estado, dá forma à Eternidade. Da natureza nasceu um novo mundo, um novo ser imaginário (encontro com a Saudade) e deste ressuscitou a fundação de um novo império. Neste nível do poema tudo indica que uma nova cosmogonia irá ter lugar.

2.2.4 O nascimento de um novo Deus/Cosmos

A saudade encarada pelo autor, do ponto de vista existencial, leva o mesmo a conceber a natureza como sagrada, pois é esta também a saudade de Deus, de um Deus presente e ausente em todas as coisas. Para Teixeira de Pascoaes, Deus existe independente e antes do homem. O pensamento do Poeta manifesta assim uma particular forma de religiosidade, que provém desde logo da presença de Deus na natureza. Segundo António Cândido Franco, a história de *Marânus* “repete a história da criação do mundo, do homem e até da criação de Deus” (1992:40); logo, deduzimos que Marânus em termos místicos e míticos poderá ser considerado a cosmificação de um novo mundo. Importa pois aqui explorar um pouco a história da criação do mundo, ou da criação cósmica.

A primeira cosmogonia, segundo a Bíblia, foi criada a partir de Deus. Este criou o mundo, colocando o homem e a mulher (Adão e Eva) no seu centro, onde viviam em harmonia num mundo perfeito e sem qualquer indício de imperfeição; contudo, este mundo perfeito foi destruído quando estes dois seres desobedeceram a Deus, originando o pecado original. Assim, a primeira cosmogonia pode ser caracterizada como a criação da dor, do sofrimento e da amargura (sentimentos que acompanharão o homem ao longo do seu destino), mas principalmente pela fragilidade da condição humana. Este aspecto tem um paralelismo com a história de Marânus, visto que este no início do poema também vive num mundo como unidade original e só após ter tido a visão de Eleonor é que o assolam os sentimentos de dor, sofrimento e amargura, por não atingir a perfeição pretendida.

Esta primeira cosmogonia vai ser aperfeiçoada por uma segunda criação do mundo, originária do nascimento do Deus Menino que virá ao mundo para salvar a Humanidade. Refiro-me a Jesus, que veio ao mundo salvar a primeira criação do homem que se deixou corromper. Este nasceu do ventre da Virgem Maria, apelidada de *dolorosa Mãe* por Pascoaes.

Nesta segunda cosmogonia, Jesus é o eleito que salvará o mundo, onde ainda existe sofrimento e dor, vindos da velha criação, corrompida pelo pecado original e pela morte. Jesus é o Filho de Deus que sofreu humilhações desde o

nascimento até à morte na cruz, para libertar o Homem, sendo um ser misericordioso, através do amor justo e não da força.

Em *Marânus*, numa fase inicial, Cristo aparece como “o *Cristo da esperança e da beleza*”. Contudo, no Canto IX – “Marânus e os Deuses” – este é uma personagem autónoma ao lado (e contrastando com) de Apolo, ou seja, Cristo é a morte, enquanto Apolo é a vida. Assistimos neste canto ao encontro de Jesus com Apolo, onde estabelecem os dois um diálogo e deixam-nos antever algo em comum: sonham com a possibilidade de se fundirem um no outro. Estas personagens representam o oposto: o cristão e o pagão, a vida e a morte; no entanto, ambas comungam do mesmo sonho. Veja-se parte do diálogo:

*E Apolo: «A negra morte dolorida,
Em vez de te fechar as brandas pálpebras,
Mais teus olhos abriu à luz da vida...
E a vida te perdoa e te abençoa ...
«O meu sonho perfeito é comungar
Teu ser espiritual ...»*

E Jesus Cristo:

*«Também meu Verbo eterno há-de encarnar
Nesse teu belo corpo esplendoroso.»*

Segundo a minha interpretação, as palavras de ambos espelham bem o que é pretendido pelos dois: a união. Pretendem ser um só corpo. A perfeição e a unidade do ser só serão únicas quando os dois se complementarem. Este encontro faz lembrar também o encontro de Vénus com Maria, que resulta na concretização da Saudade, nascida da soma do amor (Vénus) com a ausência (Maria). Assim, a personagem de Marânus pode ser vista não só em função de Cristo, mas também de Apolo, pois o amor cátaru é transcendido pelo amor carnal e saudoso. Deste modo, a imperfeição de Cristo poderá ser redimida pelo nascimento de um novo ser, que resultará desta unidade, assim como a imperfeição da Virgem Maria feita apenas de ausência é redimida pela presença da saudade, que alia à ausência de Maria o amor carnal de Vénus.

Ao longo de todo o poema, podemos apontar mesmo para uma superação histórica e mítica da figura de Cristo, assim como a de Marânus, pois o mundo em que este vivia ainda tinha imperfeições. Daí, a necessidade

do nascimento de um novo Deus e a criação de uma terceira cosmogonia, de modo a corrigir “as imperfeições da segunda, tal como a segunda já tinha aperfeiçoado certas imperfeições da primeira” (António Cândido Franco, 1992:50).

Nesta terceira cosmogonia Vénus une-se a Maria, tal como Apolo se une a Cristo, produzindo então o novo Deus-menino, o filho da Saudade. É assim que a partir da união mítica entre Marânus e a Saudade, que surge na natureza a preparação para a criação de um novo reino espiritual que será mais perfeito, mas para que esta criação cósmica se concretize, o casal Marânus/Saudade terá de conceber um filho. Diz a Saudade a Marânus:

*Eu sou a tua Virgem. No meu ventre,
Cresce o nosso menino, que virá
Transfigurar o génio deste Povo,
E estes campos incultos lavrará ...*

Marânus representa assim o novo S. José, o pai espiritual da criança que vai nascer e, assim, é também ele o pai do novo mundo criado, o criador humano, um novo Adão; por consequência, a Saudade é uma nova Eva, a representação da Virgem Maria que concebeu um filho através do Espírito Santo. A Saudade na sua origem é apenas aparente, mera criação imaginária, mas à medida que o tempo vai passando, vai-se clarificando, tornando-se mais real. E é nesse estado que a Saudade adquire a perfeita encarnação e a figura toma forma com corpo e alma. A partir daqui esta não mais se confundirá, como afirma:

*É por ti
Que a minha voz, na solidão murmura.
Por ti ao mundo trágico descí
E vaga, através dele, o meu espectro.
Sempre serei contigo. E nos teus sonhos,
Serei mais clara ainda, mais presente.*

Marânus e a Saudade são assim os progenitores desta cosmogonia, repetindo assim a história da criação da primeira cosmogonia, tanto do mundo, como do homem. Desta aliança espiritual entre estes dois seres nasceu o tão desejado Redentor, podendo-se assim afirmar que a união de Marânus com a Saudade forma o primeiro núcleo humano, é a primeira Família desta terceira cosmogonia.

Mas ao longo do poema, antes de nos serem confirmados estes acontecimentos, são-nos dadas pistas que nos conduzem ao momento ou objectivo final. Por exemplo, desde o Canto XII – “Anunciação” até ao Canto XVI – “Marânus e a Primavera” assistimos a vários desenvolvimentos que nos vão dando sinal da unidade dos contrários (a Saudade), principalmente quando os Pastores, no Canto XV – “A Boa Nova” anunciam o nascimento do novo Deus. Aqui, a Saudade é a única boa-nova agora anunciada e assim a Terra passa a ser, por uma espiritualização progressiva, a imagem do Céu. Assim, se Deus provém do Homem, o Céu provém da Terra (unidade dos contrários – a imagem da Eternidade existe no próprio tempo). Podemos também encontrar esta unidade dos contrários quando chegamos ao Canto XVI – “Marânus e a Primavera”. Existem pólos opostos entre a Primavera e o Outono (Canto VIII), pois o Outono no poema é a Primavera, tal como a lembrança que o Outono encarna é a própria esperança que a Primavera materializa. A personificação do Outono dá-se exactamente no momento em que Marânus experimenta a sensação de exílio sobre a Terra, depois de se enamorar de Eleonor, ao passo que o aparecimento da Primavera coincide com o nascimento do novo Deus. Logo, a Primavera (a esperança) cria e faz nascer, fazendo com que Marânus cicatrize as feridas que estavam abertas (Outono).

O culminar de todo este ciclo entre o Outono e a Primavera termina com o nascimento e adoração do novo Deus, filho da Saudade e Marânus, quer dizer, é aqui o culminar de um ciclo cosmogónico, que é uma unidade perfeita e integra tanto o “eu” como o “outro” através do nascimento. O poema poderia assim ter aqui o seu fecho lógico.

Posso concluir que na história desta terceira cosmogonia, a anunciação é o acontecimento maior e mais decisivo; é um mistério de fé e de cultura, porque Marânus é filho de figuras e do meio ambiente intelectualizado. É no alto da serra do Marão que Portugal se purifica; é no alto da serra que está o centro espiritual do universo:

*Ó terra santa!
Ó terra já divina e toda erguida
Àquela altura ideal da Eternidade,
Mais uma vez a morte foi vencida!*

2.2.5 A personificação da Saudade e *Senhora da Noite*

Ao longo deste capítulo já foi referido várias vezes o papel e a importância que a saudade tem neste romance em verso de Pascoaes. É a saudade o ponto central de tudo o que tem sido aqui estudado. A saudade, para todos nós, é um sentimento único e que nos faz elevar a mente e o espírito até ao mais alto nível de um outro sentimento (também ele muito importante), o Amor. Aliás, é neste que nasce a saudade; logo podemos afirmar que se transmutássemos a saudade em flor, o amor seria a sua raiz.

Neste sentido, em *Marânus*, a Saudade aparece porque o protagonista é invadido por sentimentos que têm raízes no amor. Amor pela terra, amor pelos lugares por onde passa, amor pela Pátria, amor por Deus e, sobretudo, o amor pela Mulher que ele idealiza no momento. É no limite do amor que sente por todas estas coisas que, apesar de algumas serem apenas sombra e espírito, Marânus se encontra com a Saudade.

A Saudade apresenta-se sob uma forma humana a Marânus:

*Aquela milagrosa aparição,
Que, em brumas transcendentas, disfarça
Seu angélico rosto de mulher*

A primeira aparição da Saudade a Marânus acontece na montanha, como já aqui foi referido e, antes da sua revelação, terá aparecido ao protagonista. Primeiramente, sob a forma de Eleonor e posteriormente sob o corpo da Pastora, sendo que a primeira representa a alma e a segunda o corpo; alma e corpo da mesma figura feminina que deslumbrou Marânus, a Saudade.

Apercebemo-nos no Canto VII (“Marânus e a Saudade”) que este encontro vai ser essencial à fundação nova do mundo, à nova cosmogonia. A Saudade (imagem viva) é acima de tudo a aparição vinda do duplo desejo que Marânus transporta, é o desejo de Eleonor/Pastora, ou seja, existe aqui uma dupla ausência e uma perda a dobrar. Neste sentido é a Saudade que vai ter o papel de resgatar esse sentimento que se operou na solidão da serra e da alma:

*Marânus, esse amante da montanha,
Ouvira aquela voz, e interpretava
O sentido da Vida que mais belo,
Mais claro e mais profundo se tornava.
O nosso velho mundo-criatura
Era um mundo-criador; o ser humano
Um ser divino; e a terra, ingrata e dura,
Um céu verde, de flores esmaltado.*

Mais à frente, quando Marânus reconhece a Saudade, este toma a imagem pela realidade, a ausência pela presença e a evocação pela percepção real e actual. Vejam-se os seguintes versos:

*«Serás tu, na verdade? Ou reflectida
Imagem que, em meus olhos, aparece,
Quando doirada sombra dolorida
Sobe dos ermos vales?*

*Mas, agora,
És tu, de mim tão perto! Como és bela!
Eu quero que repouse, no teu seio,
Esta fronte cismática...»*

Nos versos anteriores temos a presença da realidade numa imagem; é a criação pertencente ao próprio espírito como evocação que é, e que Marânus toma no seu desejo louco por realidade. Esta imagem é a sombra da realidade que lhe é querida e desejada.

No entanto a Saudade é também a desencarnação do corpo, é a sua substituição por uma imagem reveladora, uma imitação transcendente capaz de conceber um novo Deus à imagem de Cristo, que nascerá entre a adoração dos pastores (Canto XIII) e depois da anunciação (Canto XIII). O nascimento deste novo Deus menino terá em comum com o Deus do Evangelho o facto de ter nascido de uma sombra, de uma irrealidade carnal. A sua mãe é a Saudade, como a Virgem Maria foi a mãe de Jesus Cristo e a única semelhança entre ambas é que conceberam o Homem como uma manifestação sagrada (vontade sobrenatural). Assim, a Virgem (mãe de Cristo) concebeu o filho através de uma vontade exterior do Homem, ao passo que na Saudade (mãe do novo Deus) a concepção é produto de uma vontade humana: a de Marânus (o amor de um homem por uma mulher está na base deste milagre).

Tendo em conta este aspecto há que distinguir os três momentos da personificação da Saudade. Na alma de Eleonor representa o amor espiritual, sendo esta a parte transcendental da alma de Marânus, aquele que lhe permite passar do corpo terreno ao corpo astral. No corpo da Pastora representa o coração, o amor sensível e carnal, sendo que esta presença do amor (Pastora) é indispensável à criação da Saudade. É mais tarde que assistimos à materialização de Eleonor na Saudade, revestida por um corpo simples e opaco, mas passa depois a estar revestida de um corpo astral de luz, tornando-se no próprio Marânus após encontro com a Saudade. Assim, podemos afirmar que desde o início a verdadeira Eleonor sensível é a própria Saudade com quem Marânus se une de modo a ter um filho; esta é a materialização de Eleonor que, apesar de ser abstracta, se torna uma figura presente, a Saudade.

Até ao final do poema, Eleonor permanece sempre na transcendência e Marânus só tem acesso à mesma através da desmaterialização astral do seu corpo. Só com a morte o protagonista é integrado em Eleonor; estes fundem-se finalmente num só espírito, acontecimento que nos é indicado através das palavras de Eleonor para Marânus, no momento da sua morte (Canto XVIII):

*Ei-lo chegado, enfim, o grande instante
Da suprema e final revelação.
Não mais me encontrarás, pois, doravante,
Serás meu próprio espírito amoroso.
Por isso não me vês, e em ti me vejo.*

Neste ponto, e para o concluir, importa também fazer referência a *Senhora da Noite* (1909) que, em conjunto com o poema “Para a Luz”, de *Vida Etérea*, e com *Regresso ao Paraíso* mostra a visão transformadora e regenerativa de Pascoaes. Resumidamente, em *Senhora da Noite*, o Poeta espera, com a sombra de uma lira nas mãos, a aparição da “erma donzela” que surge com o cair da noite. Esta donzela (a Senhora), percebendo que um vulto se atravessa no seu caminho, pergunta a quem pertence o vago perfil que lhe faz medo. De seguida, o Poeta descreve-se como sendo “a imaginação, fecunda e santa, a vida, e a luz de tudo fora da qual há a sombra indefinida, o espectro mudo”. No final sobem os dois aos cerros do Marão, onde a senhora da noite se metamorfoseia em aurora, sorrindo e despertando nocturnos

sonhos, para logo se transformar em senhora da tarde cobrindo vales, outeiros e pinheirais de negra solidão.

De certa forma, poderemos afirmar que em *Senhora da Noite* encontramos grandes semelhanças com a história de amor entre Marânus e Eleonor, sendo que convém lembrar que este é um poema anterior a *Marânus*. Assim sendo, o mais correcto será dizer que o mesmo poderá ser uma das raízes que irá crescer mais tarde em *Marânus*, sendo que logo aqui podemos assistir ao sentimento transformador e regenerador de Pascoaes.

Senhora da Noite começa com a aparição de uma figura feminina, ou seja, a aparição de Eleonor a Marânus. Aqui, a aparição da “erma donzela” (Senhora) ao Poeta fascina-o e fá-lo delirar de dor e desejo:

*Aí vem a meia noite. Olhai seu jeito,
Seu modo lindo.
E, tímido de estrelas, o seu peito,
Sob os beijos de Deus, se vai abrindo,
E divinas carícias sensuais
O fazem palpitar...*

O próprio Poeta é um dos protagonistas desta história, tal como Marânus é, num primeiro patamar, a personagem que dá vida a Pascoaes, ao homem propriamente dito. Tal como Marânus que vagueia pela montanha, o Poeta vagueia pela noite, que desperta nele os mesmos sentimentos que atormentavam Marânus: tristeza, dor, desejo, medo, sonho, espanto, etc. São estes os sentimentos que originam a aparição daquela figura feminina, daquela sombra e luz, da Senhora que só aparece com a noite e que não é mais que a figura da Saudade em *Marânus*. Veja-se a parte da descrição que o Poeta faz daquela Senhora:

*... Chovem rosas de luz, quando ela passa.
Seu agitado leque é o vento azul,
E o triste luar, caindo, é a sua graça.
E a Lira ardente, que ela traz na mão,
Muito além ressoa...
E, enquanto dorme o Taurus e o Dragão,
Sob o meu peso etéreo, o mundo voa...*

De seguida, o Poeta assume-se, dizendo: *Eu sou aquele que ama; o rasteirinho / De corpo, e de alma clara e alevantada. / Sou poeira que ergue,*

em teu caminho, / Tua saia com rendas de alvorada. / Sou invisível névoa de alegria / E de tristeza. O diálogo estabelecido entre os dois revela a mesma ideia de fusão entre o corpo e alma, que está bem patente em *Marânus*. O Poeta deseja fundir-se com aquela criatura, deseja alcançar o seu mais alto nível espiritual e criar um novo mundo com esta fusão. Fala em esperança, em felicidade, descrevendo estes dois conceitos como se um fosse irmão gêmeo do outro. Diz o Poeta: *Que é a felicidade? É descobrirmos, / Fora de nós, um sonho redentor, / E com ele, de súbito, fugirmos, / Para mais longe do que o próprio amor! / É tocar com as mãos na nossa esperança...*

A segunda parte do poema, após as revelações feitas um ao outro, inicia com a subida dos dois aos “*cerros do Marão*”. A senhora da noite metamorfoseia-se em aurora, sorrindo e despertando nocturnos sonhos. Esta é a regeneração do mundo e o desaparecimento das sombras nocturnas passa a dar lugar à luz, à paisagem alegre, à frescura e ao azul do dia. Ou seja, também aqui está bem patente a importância que a montanha tem na fusão dos dois seres; é no cimo do Marão que se dá esta união e onde surge um novo mundo, tal como é no cimo da serra que Marânus se encontra com a Saudade, dando lugar ao filho de ambos e ao novo mundo transformado e regenerado. Versos como *E aquele riso, / Doirando a serra, / É um anjo que nos mostra o Paraíso, / Além da terra* comprovam estas afirmações.

Logo de seguida, na terceira e última parte do poema, a senhora da aurora vai transformar-se em senhora da tarde, cobrindo tudo à sua volta de negra solidão. Volta a escuridão e a sombra com a chegada da noite, que traz novamente à serra uma enorme solidão:

*E a senhora da aurora é já senhora
Da tarde e da piedade... E o seu olhar,
Que era sorriso e luz, dir-se-á que chora
E que se fica, extático, a cismar.
Dir-se-á que outeiros, vales, pinheirais,
Se transformam em negra solidão...*

A noite volta e com ela volta a “*soledade*” (a saudade), que traz de novo a visão da Senhora da Noite e traz ao Poeta os mesmos sentimentos que são irmãos da noite, irmãos da sua solidão e da sua angústia. É o amor que o faz sofrer e aquela noite, quando se encontra novamente só, traz-lhe à lembrança

a imagem de luz que durante a aurora consegue atingir e que o enchem de felicidade. Como já referi anteriormente, o Poeta representa o próprio ser humano, sendo que os seus versos entram dentro de nós como se fossem o nosso próprio espelho. Pascoaes transmite os medos e as angústias, as alegrias e a felicidade que por momentos todos temos. Há momentos de felicidade, não há felicidade absoluta, mas esta poderá ser encontrada, tal como o Poeta encontrou na *senhora da aurora* momentos de paz, amor e alegria. Contudo, quando esta parte volta a tristeza, fica a saudade daquela felicidade. Diz o poeta:

*E a tarde vai andando, e a soledade
Segue seus passos de oiro...
E, ao lado dela,
Piedosa e humilde, vai minha saudade,
O que há, em mim, de lírio e de donzela...*

2.2.6 A oposição Amor/Saudade e Vida/Morte

Os paralelismos existentes entre os conceitos *Amor/Saudade* e *Vida/Morte* estão bem patentes na obra de Pascoaes. Estes conceitos são abordados pelo Poeta através das suas personagens em *Marânus*, no Canto XVIII (Revelação Final).

A revelação final é-nos dada na véspera da morte de Marânus, quando se dirige a Eleonor e a questiona: *Porque foges de mim, ó Divindade, / Quando me foge a vida?* À pergunta de Marânus, Eleonor responde, revelando-lhe o segredo há muito prometido, que mais não é do que a união dos dois espíritos, o de Marânus e o de Eleonor. Eis o momento da revelação:

*Ei-lo chegado, enfim, o grande instante
Da suprema e final revelação.
Não mais me encontrarás, pois, doravante,
Serás meu próprio espírito amoroso.
Por isso não me vês, e em ti me vejo.
Somos o mesmo ser... Em mim, existe
O teu passado e o teu porvir...*

Assim, com a morte, Marânus liberta-se, ascende à eternidade da vida pura, da vida do além, divinizando-se: *E na imagem sagrada de Eleonor / Sua presença humana se perdia*. Esta divinização do protagonista é uma maneira de formular o encontro com a presença que se esconde para lá da vida corporal, à qual a morte tem acesso. Ou seja, tudo o que é efêmero desaparece, só a saudade o não é; esta fica para sempre viva, em espírito permanece: *Pois tudo, tudo há-de passar, enfim, / O Homem, o próprio mundo passará, / Mas a Saudade é irmã da Eternidade*. Marânus, pela morte, mostra que a Saudade é um ser espiritualizado, em toda a extensão poética nacional, pela sua dor e pela dor do próprio povo português, assumindo ao mesmo tempo uma dimensão sagrada e salvadora: *És a Virgem cristã da minha terra / Deusa eterna e redentora*.

Assim, podemos mesmo afirmar que os quatro conceitos *Amor/Saudade e Vida/Morte* estão interligados. A Saudade tendo raízes no Amor constitui por si a força que cicatriza a cisão, levando os seres à unidade. A mais alta revelação do Amor é a Morte, mas a mais alta revelação da Saudade é a vida eterna, a Eternidade. É a Saudade que coroa o desejo, realizando humanamente aspirações celestiais do Amor e propõe ainda uma Eternidade amorosa ou um Amor eterno, tal como o amor propõe uma morte “soidosa” ou “soidade mortal”.

Assim, no final de *Marânus* a Saudade é a personagem que volta a percorrer o seu lugar de origem a que pertence, o seu “Marão”, encontrando a sombra do seu *esposo amado* e com ele viverá romântica e eternamente, na sua cosmogonia espiritual. Nesta perspectiva a revelação final é, como defendeu António Cândido Franco (1992), “a inversão de um facto já nosso conhecido: o de Eleonor existir na vida de Marânus como Saudade, ou seja, como espírito. Tal inversão traduzir-se-á do seguinte modo: Marânus passa depois da morte a existir como Eleonor”.

Este final de *Marânus* está intimamente relacionado com o Poeta enquanto ser humano que também pretende alcançar a catarse, o amor eterno. Numa das suas missivas à sua irmã Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, revelou Pascoaes a propósito de Leonor Dagge: “Quando a vi, tive

positivamente a impressão nítida de que encarara com a minha alma, misteriosamente transformada em corpo, perante mim!”

3. “Eleonor” – Características e leitura

O poema “Eleonor” integra o conjunto de poemas publicados em *Cânticos*; faz parte dos vinte e dois cânticos desta colectânea de Teixeira de Pascoaes, originalmente publicada em 1925. No entanto a versão que estudei, e da qual tentei fazer uma leitura aproximada, pertence à reedição de 1985.

Em 1915, Teixeira de Pascoaes escreve *Londres*, resultado duma visita sua a essa cidade, onde esperava encontrar Leonor Dagge, a inglesa que sempre lhe serviu de musa. Esta terá falecido em 1918, vítima da febre que assolou a Europa por esta altura. Mais tarde, catorze ou quinze anos após a publicação de *Marânus*, o poeta terá escrito então o poema “Eleonor”, dedicado inteira e exclusivamente a Leonor Dagge, tendo sido publicado em 1925 no livro *Cânticos*.

Londres foi uma espécie de reflexão sobre a sua visita a esta cidade, onde permaneceu durante alguns dias por causa da inglesa por quem se apaixonara no Porto. Leonor Dagge foi uma espécie de aparição da sua própria alma, era a luz pelo sorriso, o sol pelos cabelos e o céu divino ou nocturno pelos olhos, ou seja, foi esta mulher a grande paixão da vida de Pascoaes, pois apesar de se ter apaixonado variadíssimas vezes, foi Leonor a musa de todas as musas, aquela que o fez pensar em casamento, aquela por quem ele procurou.

Esta visita à procura da sua musa transformou-se num “fracasso” e (segundo informações que recolhi de uma longa conversa com a Senhora Dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos, durante a visita que tive oportunidade de fazer ao Solar de Pascoaes, em São João do Gatão) Teixeira de Pascoaes veio de Londres decepcionado e doente com a inglesa porque, perante todas as manifestações de amor, esta só sabia ou queria dizer: “I don’t know, I don’t know!”. Desta forma e perante a situação, Pascoaes decidiu vir embora e esta experiência foi um ponto de viragem na sua vida; a partir daqui

passou a ser uma alma vazia, deixou a advocacia e desistiu de casar, decidindo que iria ficar para sempre solteiro. Foi por esta altura que se isolou dentro de casa, no seu solar em S. João do Gatão, e só saía para sentir ou contemplar a natureza e para tratar de negócios no Porto. Passou a viver como um eremita, vagueando pela natureza da serra do Marão, que avistava através das janelas do seu solar, e escrevendo agora o que lhe ia na alma depois daquela experiência dolorosa. Essa alma de Pascoaes continua por lá, em cada recanto da casa onde viveu.

Depois desta experiência, o Poeta escreveu o longo poema sobre Londres, o qual, segundo António Telmo, “nos surpreende, por contraste com o estilo crepuscular ou outonal de Pascoaes, uma toada que lembra a de Cesário Verde, mais poeta da cidade do que do Ocidente (como queria Pessoa)” (2002:9). Assistimos ao nascer de uma nova tristeza e melancolia do Poeta nos versos de *Londres*, tristeza essa que se equipara com a tristeza que emana da cidade de Londres, sendo uma cidade de fumo e nevoeiro. Aqui, a tristeza de Pascoaes é diferente da tristeza que vive em Amarante, nas margens do Tâmega, porque aqui é uma tristeza que se relaciona mais com o anoitecer, o que segundo a minha interpretação se deve ao facto do Poeta sentir na noite uma imensa solidão.

Já em *Cantos Indecisos*, refere também António Telmo que estes “são indecisos porque neles o espírito não se decide nem pela noite nem pelo dia” (2002:12) Nos versos deste livro as metáforas transportam imagens que nos remetem para sentimentos e ideias que pertencem a um mundo que morre, para ressuscitar do outro lado da alma. O mesmo estudioso de Pascoaes considera que os três livros que compõem o volume, do qual tenho vindo a falar, se destacam uns dos outros quer pelo conteúdo, quer pela forma. Este explica ainda que “há nos versos de Pascoaes uma monotonia (...) lembrando o suceder das ondas do mar, que pode adormecer ou enfadar quem não for capaz de viver em experiência, ou em sugestão dela, o que neles se envolve e se desenvolve” (2002:16).

O volume é composto por vinte e dois cânticos e pode-se mesmo afirmar que são vinte e duas meditações essenciais para o conhecimento de Deus no

homem e na natureza. Cada cântico tem um nome que o singulariza, com exceção do primeiro e do último que recebem o nome geral de *Cantos* (propriamente só há vinte cânticos). O primeiro poema fecha a porta do passado, ao passo que o último é uma porta que se abre para uma nova vida no mundo do espírito (aqui está presente um novo estado de alma).

É no terceiro e último livro do volume, *Cânticos*, que está inserido o poema “Eleonor”, sobre o qual vou fazer uma leitura aproximada neste capítulo. Como podemos constatar, passaram quinze anos após a publicação de *Marânus* (1911), uma obra que suplantou os sentimentos mais elevados do Poeta, relativos a uma musa desconhecida; um poema de paixão exacerbada que contrasta em definitivo com o presente poema que me proponho analisar, sendo que este é um dos poemas mais difíceis, não por ser de difícil compreensão, mas difícil ao nível das emoções. É um poema muito forte e doloroso, em que nos são “entranhadas” na pele as sensações do Poeta face à morte, mais concretamente ao desaparecimento corpóreo da sua musa inspiradora, da sua paixão de sempre, do seu amor mais secreto, sublime, verdadeiro e inalcançável.

Neste período da obra de Pascoaes começam a aparecer os primeiros sinais que se diferenciam da sua primeira literatura (nomeadamente o período entre 1895 e 1912); ou seja, os esquemas formais métricos e estróficos que Pascoaes usou nos seus primeiros livros de versos são abandonados e substituídos por uma neutralidade escrita. O verso de Pascoaes começa a confundir-se com a sua prosa, tal como esta pode confundir-se com o seu verso, apesar deste aspecto ser mais visível em obras que compreendem o período entre 1934 e 1952 (parte final da vida do Poeta), em obras como *Versos Brancos* (pelo lado do verso), que tal como o próprio título indica apresenta ausência de rima e em livros como *O Homem Universal* ou *Santo Agostinho* (pelo lado da prosa). Podemos mesmo afirmar que neste período encontramos um Pascoaes mais contemplativo e mais filósofo. Contudo, o verso continua a existir mas começa a ficar “irreconhecível” nos modelos correntes anteriores. Desta forma, podemos afirmar que *Cânticos* não se encontra muito longe dos livros em prosa, pois apesar de se ter conservado o ritmo, desapareceu a rima, sendo que a reflexão tomou conta do verso,

começando o poeta-filósofo a dar lugar ao filósofo-poeta. Inserido nesta filosofia, considero estar o poema que me propus analisar neste capítulo do meu trabalho.

Assim, em “Eleonor” já assistimos a uma mudança a este nível e podemos constatar neste uma ausência de rima, sendo que o poema é composto basicamente por versos soltos ou brancos. Assim, tendo em conta os aspectos formais do poema, este é constituído por duas partes, sendo que é composto por dezoito estrofes no seu total (nove estrofes em cada uma das partes). Ao longo de todo o poema estas não apresentam o mesmo número de versos e, em termos de classificação das mesmas, estamos perante um poema com estrofes variadas: compostas por tercetos, quadras, quintilhas, sextilhas, oitavas, nonas e estrofes de onze versos. O poema não segue regradamente uma classificação fixa ao nível das estrofes/forma, como também não segue um padrão ao nível da métrica, pois o número de sílabas métricas varia muito ao longo de todo o poema.

No que diz respeito à leitura textual que me propus fazer deste poema e, tendo em conta os textos que teorizam as temáticas presentes no mesmo, considero que este trata da dor da ausência. “Eleonor”, em termos gerais, é um poema dedicado àquela que aprisionou Teixeira de Pascoaes nos seus sentimentos mais íntimos e verdadeiros (Leonor Dagge), tendo sido escrito alguns anos depois da sua morte. A leitura do poema transporta também para nós a mágoa e a dor que o Poeta sentiu ao escrevê-lo, sente-se, de tão forte que é transmitida, pelas palavras escolhidas pelo Poeta. São palavras que nos deixam adivinhar a angústia sentida por este face ao desaparecimento daquela que nunca alcançou e que não esquece. As palavras de Pascoaes são aqui muito significativas e carregadas, são palavras propositadas ou com intenção, que nos fazem antever sensações elevadas, se assim podemos dizer. Palavras como *luarenta*, *sombria*, *outono*, *medo*, *saudade*, *sombras*, *névoas*, *etérea*, *ermos*, *brumas*, *nublosos* e *luar* aparecem-nos logo no início do poema e fazem-nos adivinhar ou deduzir todo o significado deste. Estas palavras tal como a palavra *saudade* são de certa forma intraduzíveis, sendo únicas e características da poesia de Pascoaes; são melancólicas como também o era o Poeta e pode-se mesmo afirmar que todo o poema é um paralelismo com o

Outono, quer dizer esta melancolia indica a tristeza/dor do poeta, que está em pé de igualdade com o Outono, a estação do ano mais sombria, quando a luz do sol começa a desaparecer, quando a noite chega mais cedo, quando o calor começa a partir ou quando a natureza toda se transforma numa tela triste e sombria. Assim está o Poeta no momento em que escreve “Eleonor”; é um ser estático, magoado e corroído pela dor da lembrança.

O Outono é “o adormecer das almas”, é uma ausência estática de vida; a vida torna-se mera recordação, é o representante da lembrança. São as lembranças que transportam o Poeta para estas sensações, tal como diz no primeiro verso da quarta estrofe: *Apareces na névoa do passado*; é a saudade, sentimento outonal que é trazido pela lembrança e que é ao mesmo tempo desejo. O Poeta, através da memória (de onde nasce a saudade), torna-se num ser que se espelha na sua própria alma, revive sentimentos vividos no passado, sentimentos que só já são possíveis através da lembrança e não da presença. É por isso que estes se tornam dolorosos, porque ferem mas não podem ser cicatrizados através da consumação deste amor, pois aquela que o poderia curar desapareceu, apenas vive na sua memória, nas suas lembranças mais íntimas e secretas e só assim ela vive, na dor da saudade!

Mas vejam-se ao pormenor todos estes aspetos do poema “Eleonor”. Este está dividido em duas partes e, na minha opinião, distintas. Na primeira parte, apesar de se sentir a dor do Poeta, trata-se duma dor que aparece e está a nascer, trazida à memória por imagens do passado. Contudo, na segunda parte, esta dor entra num estado gradativo e crescente, já não está a nascer, mas sim a crescer no íntimo do Poeta, já não é apenas uma dor que aparece, mas sim uma dor que se instalou.

Voltemos ao princípio, à primeira parte do poema. Inicia com o verso *Quando, às vezes, releio aqueles versos*, ideia também repetida no primeiro verso da segunda estrofe: *Quando leio os meus versos de outra idade*. Ora, esta anáfora (repetição da palavra “quando” no início de diferentes versos) remete-nos para uma noção de tempo, o tempo relembado pelo poeta através das suas acções no presente. Estas acções fazem nascer sentimentos no

Poeta que se tornam vivos através da lembrança, como se vê nos seguintes versos, presentes na primeira estrofe:

*A tristeza luarenta e fria que precede
O riso da manhã aberto em oiro vivo*

...

*À tristeza da infância,
Uma elegia em flor da Primavera
Saudosa de si mesma, a visionar o Outono*

Nestes versos encontramos várias antíteses, ideias que contrastam entre si mas que nos dão a percepção dos sentimentos vividos pelo Poeta. A *tristeza luarenta e fria* contrasta com o *riso da manhã aberto em oiro vivo*, da mesma forma que a *Primavera* contrasta com o *Outono*. Ora, as boas recordações do passado são a Primavera, o brilho do dia, o Sol da manhã, que no presente se transformam em Outono e noite escura, pois apenas vivem da recordação.

São estas recordações transformadas em imagens que fazem nascer no Poeta a dor, como nos afirma na segunda estrofe: *Ao longo deste vale de lágrimas de dores / Julgo ver desenhar-se o teu perfil*. É nesta afirmação que temos a noção de que o Poeta se refere a alguém, as imagens são de uma figura, são daquela a quem ele vai dedicar este poema. Esta indicação é-nos dada ao longo de quase toda a primeira parte do poema, pois da terceira à sexta estrofe o Poeta dirige-se a alguém, utilizando a segunda pessoa do singular, a qual se repete em todos os inícios destas estrofes: *Apareces na névoa matutina / Apareces na névoa do passado / Apareces na névoa da manhã / Apareces na névoa da manhã*.

Assim, a anáfora *Apareces na névoa* explicita-nos a origem do aparecimento daquela figura, que transporta para o Poeta um sentimento de nostalgia, e através da qual vai vivendo/recordando todas as sensações, quer dizer, as sensações do passado começam a confundir-se com as do presente.

Contudo essas sensações no presente são bastante pesadas para o sujeito poético. Este começa a viver uma dor imensa, a qual é bastante perceptível ao longo destas quatro estrofes que mencionei anteriormente. Em versos como *Em saudades de luz e mágoas transcendentais; Porque os meus cantos de hoje empederniram / Perderam a leveza etérea as suas asas e Não*

são nuvens do céu, mas blocos que me pesam podemos sentir à flor da pele os tristes sentimentos que acompanham o Poeta. São versos muito duros e fortes, que nos transformam (enquanto leitores) quase no próprio Poeta. Pessoalmente, quase consigo sentir aquela angústia personalizada em noite escura e aquele peso da dor, personalizado em bloco de pedra que afunda o coração.

A gradação dos sentimentos do Poeta continua, a exaltação da dor aumenta e começam a tornar-se mais duros os sentimentos, sendo cada vez mais profundos. Constatamos este facto no final da primeira parte, mais propriamente ao longo das últimas três estrofes, em que o Poeta descreve como sente a chegada/aparição daquela figura a quem chama “Amor”, no primeiro verso, da antepenúltima estrofe: *Amor a tua imagem me persegue*. Esta figura que o Poeta sente e que lhe aparece misticamente como se fosse carne e osso é fruto das suas lembranças, mas sobretudo da saudade elevada ao seu extremo. Nestas últimas estrofes, referentes à primeira parte do poema, o sujeito poético continua a sentir o que de início sentiu, mas de uma forma mais elevada que anteriormente; começa a tomar forma a dimensão dos seus sentimentos. O Poeta sente intensamente a ausência do seu amor, daquela que recorda mas que já não pode alcançar, mas esta recordação, esta figura que lhe aparece é quase tão real como a dor que sente no momento. Vejam-se os seguintes versos que comprovam a minha interpretação:

*E vejo a tua imagem luarenta,
Diante de mim, no escuro prateado,
Onde as cousas são almas
Veladas de tristeza e num silêncio...*

Assistimos a uma profunda tristeza real que o poeta sente face à solidão da noite. Esta é a “causadora” das lembranças, assim como a saudade. A noite escura vela as almas que aparecem através da memória e é a irmã da dor e do silêncio, mas é nas noites “luarentas” que aquela figura persegue o Poeta, permanecendo nele e não o deixando esquecer, o que o atormenta e o faz reviver todas as emoções até então adormecidas. Palavras como *luar*, *nublosos*, *luarenta*, *sombra* e *etérea* continuam a marcar o discurso do sujeito poético, um discurso outonal e casado com a tristeza que sente.

Desta vez, a presença desta figura (que representa o amor) não faz com que o Poeta se sinta exaltado pelo poder da paixão, não o deixa expectante pela consumação daquele amor, porque agora esta figura quando aparece na realidade faz nascer nele a melancolia, a tristeza, a agonia e o tormento, provocando-lhe uma dor imensa. Por mais aspirações e desejo que tivesse, aquela mulher já desapareceu do seu mundo apesar de ser eterna para ele, porque sempre o acompanhará nas suas lembranças e na sua dor, o que ao mesmo tempo o tranquiliza, porque sabe que não será esquecida. Veja-se este aspecto nos seguintes versos:

*És um luar beijando a minha sombra;
Um afago de luz, uma carícia
Etérea que me deixa
Em paz o atormentado pensamento,
E como que adormeço nos teus braços...*

Na segunda parte do poema, e como já referi anteriormente, os sentimentos do Poeta face aquela figura que já não existe carnalmente, mas principalmente a dor que sente, entram num estado gradativo, crescente. Nesta parte do poema já não está a nascer a dor, já não se encontra a crescer no íntimo do Poeta, esta já se instalou e permanece agora no seu íntimo e teima em não partir, fica para sempre, acompanhando-o na sua solidão.

Desde o início da segunda parte do poema até quase ao seu final, encontramos mais uma vez a anáfora, que nos ajuda a perceber e faz saltar à vista o grau e a intensidade que o Poeta quer transmitir no que diz respeito à dor que sente. Vejam-se os versos a que me refiro: *Grito por ti, dos altos solitários; Grito por ti, na solidão da noite; Grito por ti, no meio de saudades; Grito por ti, na bruma que me envolve; Grito por ti, dos montes! Rasgo a bruma e Grito por ti, e a noite escura treme...*

Esta repetição de ideias e de sentimentos transporta para nós leitores o que por ventura pretendia o Poeta. Queria este fazer chegar ao leitor a realidade e o que lhe ia na alma, mas de uma forma verdadeira e convicta e para isso teria de despertar em nós esses sentimentos. Afirmo isto porque, ao ler o poema e principalmente estes versos que mencionei, consegui e consigo ver um quadro, uma imagem, um filme em *flashes* de alguém a gritar a sua dor. Esse quadro é tão real, tão familiar que nos faz sentir a mesma angústia que se

encontra alojada no interior do coração do sujeito poético, ao passo que nos apercebemos que este passou a ser uma alma sofrida, que vai libertando a sua dor através da escrita, quando no meio da solidão contempla a serra, a noite e recorda o seu amor passado.

O Poeta utiliza expressões carregadas e através de uma angustiante adjectivação e de tristes personificações dá-nos a conhecer e confia-nos o que lhe vai na alma. Estes dois recursos estilísticos adoptados pelo Poeta tornam o quadro visto/imaginado pelo leitor ainda mais real. Vejam-se as seguintes expressões: *silêncio trágico da noite; alma escurecida; dias cor de cinza; mortal estagnação brumosa; inverno aflito; noites desoladas; louca e estranha companhia; vago espectro solitário; deserto infindo; ermos longes tristes; profundo silêncio e trágico penedo.*

A meu ver o Poeta quase se assume como “louco” (estado resultante da aparição do “fantasma” de Leonor Dagge), porque as lembranças daquela que amou fazem-no arder de dor e angústia. Nos versos de “Eleonor”, do meu ponto de vista, o Poeta revela ter duas faces. Assim, pondo de parte a sua vida diurna (o ser advogado), é durante noite que se transforma num ser suprassensível que precisa libertar do seu íntimo a dor que sente (o ser poeta). Os seguintes versos justificam o que afirmo: *Tudo é silêncio imóvel, fria sombra! / E vivo aos gritos! Ardo em labaredas! / Sou doido facho aceso no negrume, / Correndo à toa, em cego desespero (...) E faz dançar, ao lívido clarão / Das suas próprias chamas contorcidas / Num ataque de histérica loucura...*

O poema, apesar de sabermos de antemão que é dedicado a Leonor, foi escrito após a sua morte. Pascoaes dá-nos também indicações e deixa-nos perceber que é dedicado a alguém amado que faz, agora, parte de outro mundo. Podemos prever tal facto quer pelo vocabulário triste, quer por versos mais explícitos nesse sentido, nos quais se consegue vislumbrar a descrição de um túmulo. Assim, para além da dor, da saudade e do amor, também o tema da morte surge aqui: *Como de névoa em névoa o derradeiro / Adeus do sol mudo / Que fica transformado num sepulcro... / e vê-se, junto dele, a estátua dum arcanjo, / Toda em marmórea sombra e fluído bronze...; Ora,*

apenas existe o túmulo de mármore, porque dela não resta mais nada, apenas a dor da saudade.

Desta forma conseguimos estabelecer comparações entre este poema e *Elegia do Amor*. Este último é um poema exultante, de alegria e contentamento, ao passo que “Eleonor” é bastante triste e soturno. No primeiro, o sujeito poético constrói uma dor mítica, irreal; é apenas a dor do não ter, pois o Poeta escreve e dirige-se a uma mulher amada que mesmo estando ausente e longe dele, vive. Ao contrário, em “Eleonor”, para além do amor ser inalcançável, a figura amada já não existe, morreu. Assim, a esperança exultante em *Elegia do Amor* contrasta com a triste conformação da inexistência da mulher amada; é um amor perdido para sempre. Poder-se-á, assim, afirmar que a grande diferença entre estes dois poemas está no contraste entre exaltação da saudade e a hiperbolização da dor.

Desta forma e finalizando este capítulo apraz-me ainda referir que “Eleonor” é um poema que estabelece aqui duas dicotomias: *Vida/Morte* e *Amor Transcendente/Saudade Eterna*, porque Pascoaes dá vida às suas aparições através da saudade e, mesmo aqueles que partiram, vivem eternamente na sua memória (facto constatável nos seus livros de memória). Penso ser esta a filosofia que Pascoaes tenta transmitir em todos os seus poemas, mas principalmente no “Eleonor”, ou seja, a vida só termina quando começa a morte, mas esta é vencida pelo poder da lembrança, pela saudade que torna a vida de qualquer pessoa eterna, desde que amada e lembrada para sempre; é como diz a seguinte frase popular sobre a Saudade: “Quem parte e deixa saudades, jamais a vida abandonou!”. Mas, essa eternidade pode ser bem amarga; é o caso de “Eleonor”.

4. Traços Comuns entre *Elegia do Amor*, *Marânus* e “Eleonor”

Elegia do Amor (1906), *Marânus* (1911) e “Eleonor” (1925) são poemas de Teixeira de Pascoaes que, como já nos apercebemos ao longo desta reflexão, comungam traços em comum. A leitura atenta destes faz vislumbrar de tal forma esta comunhão que pode mesmo afirmar-se que o segundo é como se fosse a continuação do caminho percorrido pelo Poeta em busca da Saudade no primeiro. Penso que, ao longo de *Marânus*, nos é dada a conhecer a meta final deste caminho, é a revelação final; já em *Elegia do Amor* apenas paira no ar a aspiração da chegada, não havendo a consolidação da união dos seres. “Eleonor” é acima de tudo o poema que constata a dor hiperbolizada causada pela ausência da criatura amada.

Em *Elegia do Amor* assistimos, em traços gerais, à dor da ausência por parte de um ser que ama e que vê desaparecer aquela que lhe trouxe esse amor. Essa dor da ausência é a saudade que faz com que haja no sujeito poético o desejo da unificação com a sua amada. A união vai concretizar-se através da contemplação e do contacto com a natureza como se esta fosse, ela própria, aquela que partiu. Por outro lado, em *Marânus* há a concretização deste desejo, há essa revelação.

De forma a compreendermos melhor os traços comuns entre estes poemas de Pascoaes, subdividi este capítulo em quatro pontos gerais, que penso serem a chave para a sua compreensão. Existe portanto uma interligação entre estes pontos, é como se de um ciclo se tratasse, um ciclo infinito que não sabemos onde começa e onde finda. Sendo assim, o primeiro ponto em comum prende-se com a dicotomia *vida/morte*; esta dicotomia transporta o Poeta para a *contemplação da natureza*, pois é através da natureza que consegue criar novos seres míticos que são o reflexo de si próprio. Esta criação através da natureza, muitas vezes, é a criação da própria mulher, pois esta vive em todos os elementos naturais que a rodeiam. A mulher amada é assim personificada e ao comungar do mesmo espaço que o sujeito poético transporta para o mesmo uma espécie de amor transcendente e saudade eterna. Estes sentimentos iniciam um novo ciclo, porque nascem da

dor da ausência (morte) e renascer, trazendo de novo a vida (a do “eu” com o “outro”) dos dois num só.

Neste sentido irei debruçar-me sobre estes quatro pontos interpretativos dos poemas e abordar cada um individualmente.

4.1. Vida / Morte

Pascoaes, a meu ver, reproduz nestes dois poemas a experiência da saudade e faz uma reflexão sobre ele mesmo, do ter ao Ser. O Poeta é a Saudade.

A experiência da dor pelo homem possuidor da saudade tanto universal como individual faz dessa dor saudosa uma ferramenta de percepção, na qual o mundo é entendido como uma eterna recordação. Tudo isso acaba por ser transportado de uma realidade para outra, muito mais real do que aquela, uma realidade suprassensível nascida através da saudade.

Temos a primeira percepção deste facto quando, ao longo do primeiro Canto de *Marânus* (“Marânus e Eleonor”), somos conduzidos pelos acontecimentos que levam o protagonista a ansiar por uma cisão entre ele próprio e o outro. É através do aparecimento místico e inesperado de uma figura feminina que se dá a cisão que advém do amor, da ausência e da dor, mas que dará forma a uma nova vida. É a constatação de uma separação irremediável entre o “eu” e o “outro” (com esta separação verifica-se o desejo de união). Vejam-se os seguintes versos do mesmo Canto: *És da vida e da terra, como eu sou. / Todo o meu ser humano te conhece: / Meu ser que já teu vulto enevoou, / Enquanto foste nuvem ilusória. / Agora, és a verdade, a luz divina. / E a bruma, que meus olhos abafava, / Condensou-se na forma cristalina, / Irradiante e bela do teu corpo.* Este é o primeiro nível da história de Marânus e este quando se apercebe que está sozinho sente a ausência daquela por quem anseia. Vejam-se também, tendo em conta este aspecto, os seguintes versos presentes na segunda estrofe do IV Canto de *Marânus*: *Tu, que és meu pobre corpo contingente, / Prolongando-se em íntima ternura, / E,*

noutro espaço, azul e transcendente, / Outra vida vivendo, já liberto; / Seguirei teu caminho, que nos leva / Àquele imenso e trágico deserto....

Estes mesmos sentimentos estão bem patentes em *Elegia do Amor*, no final da primeira parte e após o relato das lembranças que tem da sua amada, quando o sujeito poético nos faz a descrição do dia em que a sua amada partiu/morreu e da despedida entre ambos. Eis os versos que neste poema nos comprovam também a separação irremediável entre o “eu” e o “outro”: ... *E a Lua, para nós, / Os braços estendeu. / Uniu-nos num abraço, / Espiritual, profundo; / E levou-nos assim, / Com ela, até ao céu / Mas, aí, tu não voltaste / E eu regresssei ao mundo.* Pascoaes apresenta-nos assim a Saudade como sendo o casamento entre a lembrança e o desejo, entre o mal e Deus e, por fim, entre a vida e a morte. Esta dicotomia aparece também em ambos os poemas quando o Poeta faz referência ao Outono e à Primavera.

Em *Elegia do Amor*, logo no início da primeira parte, podemos absorver várias expressões ou palavras ditas “outonais”, característica tão própria da poesia de Teixeira de Pascoaes, como *tardes outonais, sol doirado, montes doloridos, crepúsculo terno, vento vagabundo e névoa adormecida.* Estas expressões deixam-nos antever a melancolia do sujeito poético; são como um quadro onde podemos observar as cores da nostalgia. Vejam-se os seguintes versos, presentes na segunda parte do poema:

*O Outono, que derrama
Ideal melancolia
Nas almas sem amor,
Nos troncos sem folhagem,
Deixa a vibrar, em mim,
Saudosa melodia,
Dolorida canção
Que lembra a tua imagem.*

São estes os sentimentos do sujeito poético face à ausência da sua amada, no entanto a vida e a figura desta renascem da contemplação e comunhão com a natureza, que fazem cicatrizar as feridas deixadas abertas pelo Outono. Esta cicatrização toma forma com a chegada da Primavera, quando aos olhos do sujeito poético, a amada vive em cada elemento presente na natureza (Vida), em versos como: *Quando, em manhãs de Abril, / Acordo,*

de repente, / E vejo, no meu quarto, / O sol entrar, sorrindo, / Julgo ver, ante mim, / Teu corpo resplandecente.

Também em *Marânus* a referência ao Outono e à Primavera deixa-nos pressentir a alusão à vida e à morte, sendo que a Primavera é irmã da primeira, assim como o Outono se casa com a morte. Em *Marânus* há como que uma ausência extática de vida e esta torna-se no Outono uma mera recordação. Contudo, a lembrança é o primeiro passo da esperança, sendo a Primavera ou a vida. O Canto XVI, que se intitula “Marânus e a Primavera”, é a continuação do Canto VIII, “Marânus e o Outono”, dois pólos distintos que são a própria Vida e Morte. Morte, quando assistimos à personificação do Outono e Marânus experimenta a sensação de exílio sobre a terra, depois de se enamorar de Eleonor; Vida, quando nasce o novo deus, filho da Saudade, que é o culminar de um ciclo cosmogónico, uma unidade perfeita que integra tanto o “eu” com o “outro”.

Na antologia *Poesia de Teixeira de Pascoaes* organizada, editada pela primeira vez em 1972 e reeditada em 2002, por Mário Cesariny, deparei-me com um verso que penso ser bastante elucidativo e quase conclusivo para esta questão que tenho vindo a desenvolver sobre a dicotomia vida/morte. Assim, citando o Poeta, “a morte é a figura feminina de Deus”, é a Saudade sendo uma nova vida, renascida da morte, através da lembrança, está ao lado de Deus, é eterna e vive para sempre. Penso ser esta a mensagem transmitida pelo Poeta, a de que a morte, apesar de causar a dor pela ausência, faz também despertar no Ser Humano a lembrança e o desejo de regressar. Numa interpretação muito pessoal, penso que o Ser Humano (em geral) entende a morte como algo que poderá ser mais forte que a própria vida, daí o medo que muitos de nós temos relativamente ao deixarmos a vida um dia. Mas, para mim, Pascoaes transmite-nos a ideia de que a vida, se aliada ao amor, pode vencer a própria morte, pois um amor pode viver para sempre, sendo eterno; o amor verdadeiro em vida vence sempre o estado mortal e pode fazer renascer a pessoa que é amada, mesmo estando esta ausente. A vida vai muito além da existência física, é a força mais abstracta e mais potente à face da terra; não haverá portanto ruptura de laços entre os que se amam de verdade, o infinito do espaço e a eternidade do tempo, assim como a própria morte não

conseguirá estabelecer limitações para o amor, para o seu crescimento e para a sua recordação. Nestas obras de Pascoaes, mesmo sendo invisível aos olhos, a pessoa amada (que se foi) não está e nunca estará ausente do íntimo do sujeito poético, assim como nas nossas vidas as pessoas (que partiram) estarão para sempre vivas porque nos nossos corações estas permanecerão em breves lembranças de encontros, de conversas ou momentos.

Como conclusão para este ponto, podemos afirmar que em Pascoaes o Homem saudoso comporta-se frente a pessoas ausentes como se elas estivessem presentes (a ausência é irmã da morte, assim como a presença é irmã da vida). A lembrança concebe e faz conceber; é vida.

4.2. Contemplação da Natureza

Tanto em *Marânus* como em *Elegia do Amor*, a natureza é o veículo da transformação que leva o sujeito poético a tornar-se noutro. Como referi, a vida e a morte são transpostas pela natureza através dos sentimentos deste face àquilo que o rodeia.

Em *Marânus*, a montanha é o centro onde o interior (o amor) e o exterior (montanha) são consentâneos um ao outro, pois o amor é também um eixo vital. Vejam-se as seguintes palavras de Eleonor, presentes no III Canto, “Marânus, Eleonor e a Pastora”, que nos mostram como ela própria vive na natureza, na montanha: ... *Eu vivo além do amor e da tristeza, / E destes belos montes solitários, / E da amplidão que envolve a Natureza: / O fluido mar, onde as estrelas nadam...* A sombra de Eleonor que vive na montanha é a imagem do amor. Também este aspecto nos salta à vista em *Elegia do Amor*, pois também aqui a natureza é o elo de ligação com o amor. A natureza é um veículo para a lembrança e a sua contemplação traz ao sujeito poético a imagem de uma sombra, a da mulher amada como nos mostra o seguinte verso: *sombra que me apareces e dominas* (*Marânus*, Canto V, p. 39).

Desta contemplação com a natureza nasce o amor e deste sentimento nasce um novo mundo e um novo ser imaginário, fruto da unificação dos seres

pelo amor e pela natureza. Este ser imaginário é resultado de um desejo. É o filho de Marânus com a Saudade e a junção entre o Outono e a Primavera, é o culminar de um ciclo cosmogónico, que é a unidade perfeita e integra tanto do “eu” como do “outro”, tanto da vida como da morte. Este ser está intimamente ligado com a natureza porque é dela que nasce (da sua contemplação) e que por sua vez invade o sujeito poético dos sentimentos mais avassaladores e inquietantes que farão surgir o tão desejado fim: *Ó momento sublime, extraordinário, / Em que surgiu, perfeito, um novo mundo, / No qual divaga o ser imaginário, / De natureza divina ou sobre-humana (Marânus, Canto V, p.46).*

Tal como em *Elegia do Amor* é a contemplação da natureza que lhe traz a sombra da mulher amada, quando em momentos de solidão pequenos elementos naturais fazem lembrar aquela que partiu. A amada está ausente mas continua a ser amada: *Acordo, de repente, / E vejo, no meu quarto, / O sol entrar, sorrindo, / julgo ver, ante mim, Teu corpo resplandecente, / Tua trança de luz, / Teu gesto suave e lindo. / Descubro-te mulher, Da natureza inteira...* (*Elegia do Amor*, II parte). O sujeito poético ama a natureza, assim como ama aquela mulher misteriosa que aparece em sombra e o faz sentir parte integrante do mundo natural que o rodeia. Neste mundo resplandecente os dois são apenas um só ser e Marânus confessa-se perante os sentimentos que assolam o seu coração (Canto V, p. 37):

*Amo-te. Ó grande serra maternal!
Amo-te, desde a fonte piedosa (...)
Amo-te desde as fragas do teu seio (...)
Amo-te mais por tudo o que não sei
Dizer, quando te vejo! (...)*

O sujeito poético entrega-se à natureza como se ela fosse a imagem da mulher amada; a mulher vive na natureza e, por isso, pode sentir o amor através da mesma. Daí o contacto constante com a natureza (para se sentir perto dela): *Beijo o rochedo e a flor, Beijo-te, sim, beijando / A rosa virginal ... Se abraço um verde tronco, / Eu sinto, entre os meus braços, / Teu corpo estremecer ... E paira a tua voz / No marulhar das águas ... Se os lábios vou molhar / Nas ondas duma fonte, / Queimam meu coração / Tuas lágrimas salgadas (Elegia do Amor, parte II).* A lembrança é o móbil para a aspiração do sujeito poético em ambos os poemas.

A presença de Marânus na montanha traz-lhe à memória lembranças da antiga serra do Marão, vislumbrando-se neste um sentimento de nostalgia e saudade daquela antiga serra (tal como a conheceu). Veja-se como este se dirige à serra, na segunda estrofe, do Canto VI (“Marânus e a Sombra do Marão”):

*Eu sou a antiga serra do Marão,
Que na tua memória se alevanta,
Toda de estéril fraga e solidão,
Toda em silêncio eterno e branca neve.*

É bem visível nestes versos a admiração e a estima do Poeta (através do seu alter-ego Marânus) pela serra do Marão e podemos mesmo referir-nos às palavras do próprio quando em 1951, no dia 12 de Maio, teve lugar uma homenagem nacional a Teixeira de Pascoaes, tributo da academia de Coimbra, onde estiveram presentes os seus familiares, muitos amigos, artistas e ele próprio. Em “Textos inéditos de Joaquim de Carvalho sobre Teixeira de Pascoaes” (1975:8), Joaquim de Montezuma de Carvalho, filho de Joaquim de Carvalho, dá-nos a conhecer alguns dos pensamentos de seu pai sobre Teixeira de Pascoaes e até mesmo algumas intervenções e referências do próprio Poeta relativamente à sua admiração pela serra que vive nele. Explicá-nos então que no mesmo dia da homenagem Pascoaes fez um breve passeio pela serra do Marão, juntamente com seu pai e outras pessoas presentes, onde lembravam que o Estado Novo havia povoado aqueles íngremes ermos com pinheiros e eucaliptos. Nestes textos o autor lembra a intervenção indignada de Pascoaes perante aquele cenário, dizendo: *Outrora o Marão era o que era, serras e serras sem uma árvore. Agora vestiram-no, tiraram-lhe a sua nudez masculina e afeminaram-no. O Marão hoje é uma mulher. Não se parece nada ao que foi.* Desta forma, podemos afirmar que a mudança física da serra acarreta no Poeta um sentimento de nostalgia e saudade da antiga serra do Marão, com a qual ele comungou de perto e se transformou enquanto pessoa. Esta nova realidade da serra provoca-lhe algum sarcasmo dorido, pois fazendo ele parte integrante da mesma é como se também ele próprio tivesse sido transformado interiormente, porque vivia na montanha e esta nele.

No texto “Aboboreira: uma paisagem da memória” Vítor Oliveira Jorge diz-nos que “revisitar a Aboboreira é marcar um encontro secreto com o espírito

de Pascoaes” (1981:69-71). Isto quer dizer que o Poeta vive na própria montanha. Da contemplação com a natureza nasceu esta fusão entre o Ser Humano e a Natureza, sendo que neste caso o próprio Poeta é recordado como sendo ele parte integrante da serra. Passa assim a ser a parte metafísica (através do espírito), enquanto a serra é a parte física. Diz-nos o Poeta no seu livro de memórias *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*: “Destas altitudes abobraicas, é que é imponente o Marão (...) Parei extasiado, neste alto cume. (...) A leste, levanta-se o Marão, uma serra lunar, ao nascer da lua: um túmulo enorme sobre o qual pousa, por instantes, a caveira fosforescente da morte (...)”. (1976: 302-303).

O Marão é, para além de realidade física, realidade metafísica. Referindo-se a este aspecto, António Cândido Franco, em *O Mar e o Marão – conferência-manifesto* (1989:34), afirma que “como realidade física o Marão é uma montanha situada estrategicamente entre o litoral, a Norte de Portugal, e como realidade metafísica o Marão é sobretudo uma criação de Pascoaes (...) Marão fundamenta o segundo ciclo da nossa história como o Mar tinha fundamentado o primeiro, podendo nós dizer que o mar é um Marão físico”. Podemos assim afirmar que Pascoaes em *Marânus* transfigurou uma realidade simplesmente física num ente espiritual e emblemático. Desta forma foi estabelecida uma ligação entre duas realidades, o mar e a montanha. Diz o Poeta: *E aquela voz de trevas inundou / o litoral celeste; a voz da serra, / Que Júpiter, outrora, baptizou, / Com um brumoso nome trovejante: / Marão! Onde entra o mar espadanado.* (Canto VI).

Tal como existe uma interligação entre o mar e a montanha, também existe um vínculo entre a montanha e a dor. Em *Elegia do Amor* são os elementos da natureza que pronunciam a dor do sujeito poético: *a flor medita, a pedra chora e reza, desmaiam de mágoa as cristalinas fontes* (p. 148). Em versos como *A lágrima do céu / ao ver morrer o sol*, apercebemo-nos que o sujeito poético chora a morte da sua amada. Veja-se este aspecto nas seguintes expressões: *ideal melancolia, troncos sem folhagens, saudosa melodia, dolorida canção, a estrela que protege e guia os pegureiros* (p. 151). A noite faz acordar no sujeito poético a eterna dor que sente e lhe traz à memória a mulher amada; é a noite que inicia a lembrança mas são os elementos da

natureza que lhe trazem à lembrança o ser amado: o *vento*, as *estrelas*, os *lírios* e o *céu*. (p. 152).

Os sentimentos transmitidos pela natureza podem-se caracterizar pela positiva, através da lembrança e da saudade (serenidade, paz, enamoramento) e pela negativa, através da dor (loucura, estranheza, delírio, tristeza). Vejam-se os seguintes versos: *Todo eu fico a cismar / Na louca voz do vento, / Na atitude serena / E estranha duma serra; / No delírio do mar, / Na paz do Firmamento...* (*Elegia do Amor*, parte II). Na parte final deste poema, o sujeito poético sente que já faz parte de tudo o que o rodeia na natureza, ele e a natureza são um só, quando diz: *Sou como a chuva e o vento ... Sou aroma que um ai / Encarna em triste flor ... Sou neblina, sou ave / Estrela, Azul sem fim, / Só porque, um dia, tu, / mulher misteriosa, / Por acaso, talvez, / Olhaste para mim* (p. 156).

Resta-me referir, em jeito de conclusão, que nos dois poemas que temos vindo a analisar, o Poeta desenvolve a filosofia da união entre o Ser Humano e a Natureza, transportando para os seus versos a ideia de que “pela Saudade revive o que morreu e antevive o que está para nascer (...). Por ela o que foi volta a ser, e o que há-de ser, já existe...” (*A Saudade e o Saudosismo*, 1988:91).

4.3. A personificação da mulher amada

Como já foi referido no início desta parte do meu trabalho é a contemplação da natureza que dará origem à personificação da mulher amada, quer em *Marânus*, quer em *Elegia do Amor*.

No primeiro, a personagem feminina do poema é, como já sabemos, Eleonor, a transposição literária da inglesa Leonor Dagge, por quem Pascoaes se apaixonara e para sempre irremediavelmente se perdera. Segundo Mário Garcia, este aspecto é muito importante na compreensão do poema, pois “dá razão de um choro real que ao longo do livro se pressente, torna humana, de carne, uma voz que parece pairar sem som” (1993:229). Esta dor vai ser o motor de arranque para a construção desta figura mística da mulher, a

Saudade: “Ó *minha alma triste e naufragada / Na fundura oceânica das lágrimas!*” (Canto I; p. 9).

Em *Elegia do Amor*, a personagem feminina amada também está ausente e é lembrada pelo sujeito poético, enquanto contempla pequenos elementos da natureza. Mas este, logo no início do poema, transmite-nos também que esta lembrança é causada pela dor, pelo amor mas sobretudo pela saudade: *Deixa vibrar, em mim, / Saudosa melodia, / Dolorosa canção, / Que lembra a tua imagem.* (Parte I). Parece-me evidente que neste ponto a palavra de ordem é “ausência”, a perda da mulher amada.

A impossibilidade da presença carnal da pessoa amada cria um estado de dolorosa tensão, em que a meditação causada por essa ausência se torna meditação sobre o próprio “eu”. Este estado já não é amor, é saudade, que é o amor com sentido mais elevado, mais alto, e que permite a unidade desejada dos seres que se apaixonam. Vejam-se os seguintes versos, quando Marânus se dirige à paisagem, com voz saudosa: *Ó tu que ouviste / Minha elegia espiritual, que forma / A essência do meu ser, e descobriste, / Pela aridez ardente destes lábios, / A natureza ideal da minha sede;* (Canto IV, 2ª estrofe).

A paixão é o temperamento e a temperatura do desejo, o desejo de ter e alcançar o ser amado; a saudade é a concretização do amor através da ausência. Estes dois sentimentos em simultâneo concluem uma ausência presente. É esta ausência de uma presença e a percepção da perda que se apresenta a princípio sob a forma de imagem recordada e depois se converte em realidade: *Descubro-te, mulher, / na natureza inteira...* (II parte, *Elegia do Amor*). Isto quer dizer que é o contacto com a natureza que traz à lembrança do sujeito poético a mulher amada, e esta lembrança juntamente com o desejo de a ter junto dele faz com que esta se torne numa imagem viva.

Podemos concluir que o Ser ao lidar em inteiro domínio com a saudade vê a cada instante a materialização de todas as suas criações mentais e espirituais, com a felicidade do seu próprio pensamento. A saudade é então um sentimento-limite, capaz de levar o homem a fundir-se com o outro, permanecendo vivo. Este aspecto é bastante evidente quando no Canto X (“Marânus, Eleonor e a Saudade”) o protagonista se dirige à sua deusa,

dizendo: *Em ti, sempre adorei o eterno amor, / A suprema esperança ... Eis a razão / Por que as tuas palavras compreendo; / E ouvindo-as, fico todo em oração.* Ao que Eleonor responde: *Tu saberás, um dia, quem eu sou... (...) / E não mais me verás. E, nesse instante, / Existirás em mim, como eu existo / Nesse teu pobre corpo agonizante.* (Canto X; p. 84).

Em *Elegia do Amor* o sujeito poético refere-se a uma única mulher, ao passo que em *Marânus* encontramos referência a mais do que uma figura feminina, se bem que as três figuras representadas possam ser uma só. No entanto, nos dois poemas há em comum o facto de todas estas figuras surgirem ou nascerem do contacto com os elementos da Natureza que o rodeiam. Neste último poema a mulher é representada por três figuras: Eleonor, a Saudade e a Pastora. A primeira representa o lado inacessível e inteligível da mulher. A segunda é a representação da mulher num plano intermédio pois é espírito e carne, é a representação maternal, porque é a Mãe do novo deus. Num terceiro plano está a Pastora que, ao contrário das outras duas, é o lado puramente carnal ou sexual da mulher, quer dizer é representação da mulher que fisicamente pode ser alcançada e que desperta o desejo. A Pastora é a oposição exacta de Eleonor, porque esta última está num nível superior e elevado, não é a visão da concretização amorosa, é a aspiração e a mulher digna de contemplação por parte do sujeito poético.

Mas, para percebermos melhor este aspecto, vejam-se as relações tetralógicas estabelecidas entre estas três figuras e Marânus e que António Cândido Franco clarifica no seu livro *Eleonor na Serra de Pascoaes* (1992: 63-69). Estabelece este que a Saudade se encontra no patamar mais elevado; no entanto, se na altura viu assim, hoje não vê e defende que é Eleonor quem ocupa o patamar superior, sendo que a Saudade junta-se a Marânus num patamar intermédio, pois os dois são o espírito e a carne que darão origem ao filho de ambos; por outro lado, a Pastora encontra-se no último patamar, embora seja indispensável à criação da Saudade. Assim, pode--se concluir que Eleonor é a parte transcendental da alma de Marânus, aquela que lhe permite passar do corpo terreno para o corpo astral, pois este é aquele que se ergue progressivamente de um plano terreno a um plano celeste.

Contudo, a serra de Pascoaes é a materialização de Eleonor na Saudade, porque é a mesma que dá sentido transcendente, secreto e iniciático à mesma. Por outro lado, e seguindo esta linha de raciocínio, podemos afirmar que a Saudade é afinal a única materialização possível de Eleonor, pois é aquela que, apesar de ser efémera e impalpável, ele pode carnalmente possuir. De facto a verdadeira Eleonor permanece sempre no mundo sublime e só com a morte Marânus será reintegrado nela. Por fim, a Pastora representa o amor sexual; amor que não é rejeitado pelo sujeito poético, apesar de não ser tão elevado e sublime como o amor representado por Eleonor, pois o Poeta recusa, sim, o amor doméstico ou domesticado. De certa forma, na minha opinião, este aspecto visível em *Marânus*, através da figura da Pastora, é o que sente o Poeta na realidade. Este não quer ficar confinado a um amor imposto pelas convenções sociais, não ser um ser manipulado e domesticado. Pascoaes resolveu escolher o ser Poeta e não advogado, pois o ser advogado acabaria por transformá-lo num ser estagnado e confinado ao destino de tantos outros que vêm, por exemplo, no casamento e no ter filhos o resultado final para o amor. A meu ver, Pascoaes quer afastar-se deste modo de vida e prefere assim viver um amor de forma mais sublime, podendo transportá-lo para os seus poemas; para o Poeta o amor espiritual acaba por ser uma espécie de amor infinito, ao passo que o carnal se vai transformando numa rotina angustiante, a qual não quer suportar. Voltando atrás e, para concluir este ponto, as relações tetralógicas estabelecidas anteriormente são como refere o mesmo estudioso um “esquema de pensamento, mesmo que não tenha sido pensado por Pascoes, é inteiramente adequado ao entendimento do poema Marânus” (1992:65).

Pode-se, assim, atestar que a Saudade é o resgate que se operou na solidão da serra e da alma. Marânus toma a imagem pela realidade, a ausência pela presença e a evocação retrospectiva pela percepção real e actual: *Serás tu, na verdade? Ou reflectida / Imagem que, em meus olhos, aparece (...) / És tu, de mim tão perto! Como és bela!* (Canto VII, p. 54 e 55).

Esta criação pertence ao próprio espírito como evocação que Marânus toma, no seu desejo louco, por realidade. Esta imagem é a sombra da realidade que lhe é querida e desejada: *Toda Ela existe e sonha, nesta*

imagem, / Que te contempla, sim! Mas que distância / Entre as formas inertes da paisagem / E a sua etérea sombra espiritual! (Canto VII; p.55).

4.4. O Amor Transcendente e a Saudade Eterna

Ao comungar do mesmo espaço, a figura feminina personificada prende-se ao sujeito poético, assim, os dois num só viverão e sentirão um Amor Transcendente e Saudade Eterna. Fernando Pessoa referiu, numa das suas missivas a Teixeira de Pascoaes, que “há páginas das *Elegias* em que a Dor é quase divina” (1914). A dor é sem dúvida o que desponta o desejo de união dos seres, é a dor da separação que faz com que o sujeito poético em *Elegia do Amor* através das recordações que tem da sua amada se torne com ela num só Ser já transcendente ao físico e corporal:

*O meu amor por ti,
Meu bem, minha saudade,
Ampliou-se até Deus,
os astros alcançou.*

Por outro lado, em *Marânus*, a fusão do “eu” com o “outro” só acontece quando o protagonista, depois de morto, passa a existir como Eleonor, porque até então esta existia na vida de Marânus como saudade ou espírito. A revelação final deste poema é exactamente a fusão de dois seres unidos por um amor transcendente que vai muito além da morte. Vejam-se as palavras de Eleonor a Marânus no momento da revelação (Canto XVIII; p.148): *Somos o mesmo ser ... em mim, existe / O teu passado e o teu porvir.*

Para concluir, podemos dizer que a saudade tem as suas raízes no Amor, mas a mais alta revelação do amor é a Morte, ao passo que a mais alta revelação da Saudade é a Eternidade. A conclusão a que se chega é que a saudade propõe uma eternidade amorosa ou um amor eterno, tal como o amor propõe uma morte saudosa ou uma saudade mortal.

Sendo assim, o Ser Humano é ele próprio refém da Saudade quando ama, pois é este o sentimento mais elevado, maior do que o próprio amor, que jamais deixará de existir e fará sempre parte do corpo e alma daqueles que amam. Concluo assim com os últimos versos de *Marânus* que penso serem

bastante elucidativos no que diz respeito àquilo a que podemos chamar Amor Transcendente (Canto XIX; p.153):

*Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade.*

Neste ponto em que se fala de amor transcendente e saudade eterna mas dolorosa, importa também referir que “Eleonor” é o poema de Pascoaes que melhor nos transmite essa onda de sentimentos. A base da interpretação deste poema e a forma como o podemos relacionar com os anteriores, *Elegia do Amor* e *Marânus*, está na maneira como são transmitidos os sentimentos do autor. No poema de 1925 o Poeta lembra a pessoa amada de forma dolorida, pois esta não faz mais parte da vida dele nem ele da dela, desapareceu. É o tema da morte que acaba por aqui esbarrar, é como se Pascoaes estivesse a fazer frente a essa morte, com um desejo enorme de reaver o perdido. O sujeito poético sofre com a partida definitiva da mulher amada, dor muito mais forte do que aquela que sentia enquanto a idealizava para si.

É através deste sofrimento e da angústia que sente que se corporiza nele a saudade, vinda das lembranças que este guarda dos tempos em que ainda podia idealizar aquela mulher. A dor que sente fá-lo ter alucinações e imagina-se em cenas de aflição e desespero: *Grito por ti na solidão da noite*. São versos como este que nos fazem sentir que a dor que o sujeito poético sente no momento em que escreve é uma dor transcendente, tão eterna mas tão infernal como o amor bom que sente.

Sente-se essa dor, de tão forte que é, principalmente pelas palavras escolhidas pelo Poeta. São palavras que nos deixam adivinhar a angústia sentida por este face ao desaparecimento daquela que nunca alcançou e que não esquece, à imagem de *Elegia do Amor* ou *Marânus* onde a questão do não esquecimento é fulcral para o encadeamento dos sentimentos que vão transparecendo. Por fim e para concluir este ponto podemos atestar que a Saudade é o seu resgate, que se operou na solidão do seu coração, mas ao mesmo tempo é também a sua tempestade porque é da saudade que nasce a dor da não presença de “Eleonor”.

5. *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos e *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*, de Teixeira de Pascoaes.

Nesta quinta e última parte pretendo contextualizar a forma como alguns aspectos autobiográficos do poeta serviram de base aos poemas que tenho vindo a analisar. Pretendo focar esta minha leitura em duas obras que penso revelarem em perspectivas diferentes a origem dos acontecimentos que motivaram o Poeta na escrita de poemas como *Elegia do Amor*, *Marânus*, “Eleonor” e “Elegia” (este último de *Terra Proibida*). Irei abordar, assim, as obras *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos (1996) e *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*, de Teixeira de Pascoaes (1ª ed., 1978).

O livro de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos foi editado pela primeira vez em 1971; através dele a autora guia-nos numa viagem ao passado da sua existência, revivendo a sua infância no seio da família Teixeira de Vasconcellos e onde relata, sobretudo, as suas mais queridas memórias da convivência e da relação que mantinha com o seu irmão mais velho, Joaquim, por quem nutria um sentimento de grande admiração e orgulho. Podemos até afirmar que este livro de memórias, para além de ser um testemunho de lembranças desta, centra-se na figura de Teixeira de Pascoaes.

Esta obra elucida-nos acerca de aspectos no comportamento do Poeta, apresentados por quem de perto o seguia, é uma espécie de conversa que mantém com os leitores, guiando-nos dalguma forma pelos caminhos mais íntimos deste. É através da espontaneidade, e do tom particular com que escreve, que nos revela e faz transparecer a pessoa de Pascoaes, tal como ele era. Também se vislumbra no seu discurso um tom um pouco irónico e talvez uma certa mágoa para com aqueles que não souberam ou não quiseram admirar Pascoaes e a sua obra: “Cresceu tanto que muita gente o não conhecia” (p.13). Maria da Glória identifica-se tanto com o seu irmão e mentor que por vezes ao longo da sua narrativa leva-nos à própria intimidade do Poeta: “Sinto-o respirar, sinto-o falar baixinho e até puxar-me pela orelha para me segredar...” (p. 55).

Para além desta presença ausente do Poeta, existe neste livro uma grandiosa nostalgia, pressentida através das recordações e memórias que constituem por si só um paralelo ou complemento com o *Livro de Memórias* do próprio Pascoaes. As memórias da Maria da Glória recriam principalmente a atmosfera em que o Poeta viveu no meio familiar (a casa, a paisagem, a aldeia, as noites, etc.).

Neste livro estão ainda reunidas cartas inéditas de Pascoaes a familiares seus (inclusive a Maria da Glória), datadas em 1909, que documentam o amor que o Poeta tinha pela inglesa Leonor Dagge. Irei debruçar-me sobre estas cartas, sendo que pretendo analisá-las quanto ao seu conteúdo e comprovar que os acontecimentos narrados nas mesmas influenciaram a poesia do Poeta, visto que estas comprovam e são a prova viva dos sentimentos de Pascoaes.

Numa das cartas que dirige à sua confidente irmã, a partir da Foz, dá-lhe conta do contacto que tem mantido com Leonor e confessa que tem esperança numa possível relação com esta, fazendo sobressair os seus sentimentos a um nível muito elevado. Revela também a sua satisfação, relativamente à aprovação, por parte da mãe daquela, quanto à sua aproximação da filha, elogiando-a e afirmando que esta é a mulher com que sempre sonhou: "... Estou realmente contente, porque ela é muito bondosa e modesta e concentrada (...) gosto muito dela e não há-se ser para mim um encargo pesado...".

A 24 de Abril endereça outra carta a Maria da Glória, onde revela alguma preocupação para com Leonor e pede à irmã que lhe escreva, pois ele pressente que esta precisa de apoio: "Pobre criatura encantadora que Deus criou ... mas que trabalho". Acrescenta: "É absolutamente preciso tirá-la daquela escuridão e trazê-la para a luz que ela merece ainda", mostrando uma extrema preocupação para com a situação em que Leonor se encontra e afirmando que há-de ser ele a trabalhar para ela, há-de ser ele que lhe dará um futuro em que não lhe falte nada, quer preservá-la do trabalho árduo, considerando-a uma deusa intocável: "Para mim e para ela sempre hei-de ganhar. Eu é que quero trabalhar; não há-de ser ela, não ... neste mundo só amo a minha família e agora também Leonor". Para além desta inquietação,

sublinha mais uma vez o amor que o invade, exaltando Leonor acima de todas as coisas: “E é porque ela merece, que eu a amo tanto, com um amor de infinita espiritualidade feito de tudo o que há de mais etéreo, inefável e transcendente!”. Para além de todo este amor e encantamento, Pascoaes anuncia o amplo desejo de ter um futuro ao lado da sua estimada Leonor, mantendo uma esperança fervorosa, no que diz respeito a uma vida conjunta com esta: “Quando a vi pela primeira vez, eu tive, eu tive positivamente a impressão nítida de que encarara com a minha própria alma, misteriosamente transformada em corpo, perante mim!”.

Como podemos comprovar, através destas palavras e sentimentos como a exaltação, a inquietude, o carinho transcendente, a angústia de amar e o desejo de alcançar, a que nos foi habituando a pressentir nos seus poemas, coincidem com os verdadeiros sentimentos do Poeta, que os confessa inteiramente, vivendo-os e saboreando cada um deles. É o conjunto de todos estes sentimentos que vai inundar os particulares poemas de Pascoaes (principalmente os que tenho vindo a analisar) dedicados a Leonor Dagge e tendo por base o amor que sente por ela. Veremos mais à frente, quando me debruçar sobre o registo autobiográfico *Uma Fábula*, a confirmação destes sentimentos, descritos de uma forma mais analítica e distante pelo Poeta, mesmo no final da sua vida em algumas das cartas que endereçou a sua irmã e que comprovam a evolução da sua “relação” e contacto com Leonor.

Numa carta endereçada em Maio de 1909, conta-lhe que recebeu um telegrama da Senhora Dona Maria Dagge em que esta lhe dava notícias de Leonor e sentindo-se contente com as notícias revela-lhe: “A Leonor é minha, enfim! Eu logo que vi que aqueles olhos extraordinários me não mentiam! Ela adivinhou-me e eu adivinhei-a”. Confessa também à irmã o quanto esta é importante para ele e quanto a admira, manifestando que, apesar desta se ir casar, Leonor irá preencher a falta dela, confirmando assim os sentimentos que também tem por ela, sua irmã, enquanto, nós, agora leitores destas missivas, temos conhecimento da relação de amizade muito próxima que mantinha com esta sua irmã: “...Sê feliz, desejo tanto a tua felicidade como a minha própria ... o que vale é que a Leonor virá substituir aquilo que tu tens de me tirar. Ela virá encher o vácuo que, tu casando, deixas na minha alma”.

Passados alguns meses (Setembro de 1909), Pascoaes continua a dar conta à irmã das novidades e do ponto da situação em que se encontra a sua relação com Leonor. Nesta carta de Setembro, este confia à irmã que conheceu a mãe e os irmãos de Leonor, pessoalmente, mostrando-se muito satisfeito pelo facto destes se terem revelado bastante simpáticos e amigos. Conta que, através da mãe de Leonor, sabe que esta passa muitas horas sozinha, lendo as suas cartas e que o tratava por *the man of the eyes*. Estas informações fazem crescer no Poeta muita esperança, pressentindo que, afinal, Leonor sente o mesmo que ele, só que parece ter medo de o admitir.

As cartas que escolhi para analisar referem-se sobretudo ao ano de 1909 e são estas que espelham, confirmam e nos dão certezas dos sentimentos reais que serviram de base à escrita de poemas como *Senhora da Noite*, *Marânus* e “Eleonor”, aos quais já me reportei. São memórias do passado, são o espelho de todos nós e conduzem-nos ao passado, de forma a alimentar o nosso presente e como afirma António Cândido Franco, em “Uma Memória de Pascoaes”, na introdução do livro citado anteriormente (o de Maria da Glória, 2ª ed.), “Teixeira de Pascoaes perfilhou esta ilimitada confiança nos poderes da memória. Para ele a memória era tudo, mesmo que não fosse nada. O homem alimentava-se da lembrança e por ela vivia eternamente” (1996; p.9). Pascoaes não sabia conceber a morte senão como acidente transitório, ou melhor, como *festivo momento da vida* ou dava sempre a entender que *a lembrança ressuscitava tudo*.

Também o livro *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta* é uma reunião de memórias, sendo mesmo um complemento ao primeiro, *Livro de Memórias* (1ª ed., 1927), que era dedicado à Mãe do Poeta, sendo um volume de lembranças da sua infância e da sua mocidade.

Uma Fábula retoma as suas memórias, sendo que numa primeira parte voltamos a assistir às memórias da sua infância em Gatão, seguidas de uma segunda vaga de memórias que o levam até à sua adolescência em Amarante. Numa terceira parte assistimos às recordações dos tempos de férias que precederam a sua ida para Coimbra e, posteriormente, uma quarta parte onde relata os tempos vividos nesta mesma cidade, enquanto se formava em Direito.

Por fim, os últimos capítulos são dedicados à sua primeira experiência profissional em Amarante. É ao longo do capítulo V e VI que nos relata a sua experiência enquanto advogado no Porto e a sua viagem a Londres no encalço de Leonor.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, numa bela recensão crítica em que dá especial atenção a este livro, estas memórias de Pascoaes são menos confessionais que as primeiras, publicadas em 1927, pois as novas transportam-nos sobretudo para o duelo interior de quase 10 anos entre o “poeta natural” e o “bacharel à força” (in *Colóquio-Letras*, nº 5, 1972:92-93). É um texto de 1952 que situa Pascoaes numa fase derradeira da trajectória de escritor, o que se pressente principalmente através do estilo com que escreve. Apesar de ser uma narrativa que segue a linha da autobiografia, afasta-se um pouco da estrutura do *Livro de Memórias*. Pascoaes deixa de parte a interrogação para com a realidade íntima e dá lugar a um registo grotesco, recorrendo a afirmações e figuras concretas, tornando o seu discurso mais objectivo. Ora, estas duas fabulosas obras dão-nos a conhecer um pouco mais da intimidade do Poeta e nas mesmas encontramos confissões, desabafos e uma narrativa que nos deixa adivinhar as circunstâncias da paixão/amor que assolou Pascoaes por Leonor Dagge.

Resumindo um pouco esta altura da vida de Pascoaes, segundo o que pudemos reter do livro *Uma Fábula*, este, depois se formar em Coimbra (1901), com cerca de 21 anos, volta a Amarante, onde começa a praticar advocacia. Depois, estabelece-se no Porto, a partir de 1906, data em que publica *Vida Eetérea*, que inclui o notável poema “Elegia”, mais tarde *Elegia do Amor*. Por alturas de 1908, altura em que se deu o Regicídio, este colabora na revista anarquista *A Vida* e tinha editado também *As Sombras*. Revela-nos que advogava sem entusiasmo (apesar do muito sucesso) mas, por outro lado, confia-nos o quanto gostava de escrever, e que escrevia muito. Após conhecer Leonor Dagge e depois de todas as circunstâncias entre os dois (das quais já falaremos), em 1909, com 32 anos, publica *Senhora da Noite*. Este poema, por sua vez, é um reencontro com a sua deusa, visto que esta já brotava na sua poesia desde *Elegia do Amor*. Contudo, Pascoaes refere-se também a uma outra mulher por quem esteve apaixonado, Maria Fernanda

Vilalva de Magalhães, com quem se correspondeu entre 1898 e 1899 e cuja figura o Poeta atribuía a inspiração de *Sempre*.

Segundo as palavras da Senhora Dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos, com quem compartilhei algumas horas de conversa, Pascoaes “foi sempre um homem de grandes paixões!”. A mesma referiu ainda que há no espólio da Casa de Pascoaes algumas missivas endereçadas a este, de várias mulheres que mostravam interesse em casar com ele. Algo que nunca idealizou para a sua vida, indo apenas em busca da sua deusa idealizada, Leonor Dagge, por quem viria a sofrer bastante e a quem mais tarde dedicou o poema “Eleonor”, sendo este o poema mais explícito e revelador da dor do Poeta. Importa, agora, esclarecer e debruçarmo-nos sobre as circunstâncias que o levaram a sonhar com um amor elevado, como o que tinha por Leonor, e perceber como é que tais factos servem de base à sua poesia.

É ao longo dos capítulos V e VI de *Uma Fábula*, principalmente a partir da página 162, que o Poeta nos vai descrevendo a sua experiência como advogado no Porto, as primeiras vezes que viu Leonor, a sua ida a Londres no encalço desta, os seus encontros com a mesma e por fim o seu regresso a Portugal que o transformou de uma vez por todas, como ele próprio conclui no final do livro: “o poeta venceu o advogado ... o cordeiro venceu o lobo”.

Provavelmente, num dia de Outono de 1908, ao entardecer, no eléctrico da Foz, Pascoaes tem um encontro revelador e mágico: “sentada em frente de mim, a Eleonor de Marânus, já pressentida na Minha Alma e na Elegia do Amor. Era Ela, em presença humana, aquele sonho que enevoou de luz a minha infância, e paira ainda nos longes do meu ser” (p. 183). Afirma mais à frente: “Desvendei naquele sorriso dela uma luz de simpatia, uma esperança, e eis-me, de repente, apaixonado, ou auto-divinizado” (pág. 184).

Leonor era uma jovem inglesa, “branca e fina, de olhos pretos pousados num romance”, mas na visão do Poeta, “em toda a sua aparência humana, transluzia não sei que divina aparição” (p. 185). Não se sabe ao certo se Pascoaes revelou a sua paixão antes ou depois da publicação de *Senhora da Noite*, pois este foi publicado em 1909 e as cartas endereçadas a Leonor intensificam-se a partir da Primavera desse mesmo ano, como nos refere

António Mega Ferreira na *Fotobiografia — Teixeira de Pascoaes* (2003). Esta edição teve como objectivo assinalar o aniversário do cinquentenário da sua morte e nela podemos encontrar algumas das cartas que se encontram no espólio de Pascoaes, sendo que uma delas, datada a 2 de Junho de 1909, na Foz do Douro, é-nos bastante reveladora dos sentimentos que Pascoes nutria por Leonor. É uma carta carregada de sentimento, de paixão e sobretudo de esperança. Conseguimos perceber o seu sonho através das suas palavras. Ora veja-se:

Ex.^a Senhora:

Esta é a quinta carta que escrevo a V. Ex.^a, sempre dominado por um grande e verdadeiro amor que, espero ainda em Deus, será, um dia, compreendido por V. Ex.^a que, com certeza, é bondosa e piedosa e há-de acabar, enfim, por ter compaixão d'esta pobre alma que pôz em V. Ex.^a todas as suas esperanças de felicidade.

Isto que digo não são simples palavras; mas são sentimentos verdadeiros, e como eu ainda não senti durante toda a minha vida!

Nem V. Ex.^a sabe o que tenho passado e sofrido, e o que continuarei a sofrer, enquanto uma palavra de V. Ex.^a não trazer alguma luz a esta triste vida que eu vou vivendo (...).

Assistimos, assim, ao lamento e sofrimento de Pascoaes, pelo facto de não ter notícias de Leonor, mas esta missiva revela-nos sobretudo o quanto este a idealizara como sendo o grande amor da sua vida. Penso que esta carta (das que tive oportunidade de ler) seja a mais fiel no que diz respeito aos sentimentos transportados da vida real para a sua poesia. Este lamento, esta idealização, esta esperança, este sonho e desejo de alcançar foram reais e sentidos até ao mais elevado nível do amor e este estado de espírito pode ser encontrado tanto em *Marânus* e *Elegia do Amor*, como e principalmente em *Senhora da Noite*:

*Senhora da manhã vitoriosa
E também do crepúsculo vencido.
Ó senhora da noite misteriosa,
Por quem ando, nas trevas, confundido.*

Durante o Verão conheceu a família de Leonor Dagge e tornam-se cada vez mais íntimos, sendo que lhe passa a escrever com mais à-vontade, apesar

desta já ter partido para Inglaterra. Continua a escrever-lhe mas, como vimos, queixa-se do seu silêncio. No entanto, esta atitude traz-lhe a esperança de que seja sinónimo de uma secreta aceitação do namoro que lhe propõe. Quando termina o Verão, subitamente, Pascoaes desespera e, precipitando-se, parte para Londres para se encontrar com Leonor: “Ignota força atirou comigo das margens do Douro às do Tamisa!” (p. 194).

A 21 de Novembro Pascoaes embarca em Leixões no *Augustine* com destino a Inglaterra, como anuncia num bilhete datado a 18 de Novembro, que dirigiu a Leonor, onde a avisa acerca da sua viagem e das suas intenções, também presente na *Fotobiografia* atrás mencionada:

*Ex.ª Senhora,
Saúde e Felicidade*

No próximo dia 21, Domingo, embarco em Leixões, no “Augustine” com destino a Londres. É o meu coração que me leva, e depois permita que seja para bem! Esta incerteza em que tenho vivido é muito dolorosa; e não posso esperar mais tempo. O amor que lhe dedico é sempre o mesmo, e só acabará com a minha vida.

Eu vou fiando no seu silêncio ... porque quem cala ... parece consentir ... E é esta a esperança que me leva ... Espero em Deus e na sua bondade.

Pascoaes acaba por permanecer em Londres durante um mês, mas a experiência foi frustrante e a esperança que demonstrava neste bilhete, e que tanto idealizava, acabou por não ter o fim que ele desejava. Em *Uma Fábula* conta-nos como foi a sua viagem, os passeios, os lugares que visitou, as pessoas que conheceu, enfim, toda a sua vivência durante esse mês. No entanto, o que aqui importa é saber como foi o encontro com a sua deusa, como constantemente se refere a Leonor. Ora, ao encontrar-se com esta, revela que “a sua imagem vista diferia da sua imagem evocada” (p. 222). Refere então que nas várias tentativas de aproximação, Leonor “pressentindo-se idealizada”, evitava “conversas complicadas” e, quando este se lhe dirigia, respondia sempre: *I don’t know ... I don’t know*. Confessa-nos então o Poeta: “Em vez de frases, talvez cruéis, enviava-me um sorriso, ou todo o seu encanto luminosamente desvendado” (p.232).

Em Janeiro de 1910, Pascoaes regressa a Portugal, o seu romance com Leonor Dagge terminou ainda antes de começar, contudo trouxe na bagagem uma imagem da cidade, com a qual escreve o seu poema “Londres” (1915) que seria publicado mais tarde, em 1917; traz também a figura para sempre idealizada da Eleonor de *Marânus*, que termina de escrever em 1910: “Alma tão evidente que era corpo, / Perfume tão intenso que era flor”, e ainda uma decisão para o resto da sua vida: “o poeta venceu o advogado” e *Marânus* acaba de nascer, enquanto Pascoaes se transforma num quase eremita, refugiando-se na sua Casa em Pascoaes, onde se dedica aos seus poemas, exaltando esta deusa que como afirma: “Não a conquistei ... Apanhei-a, é minha, tenho-a aqui”, batendo com a mão no peito (p. 250). Ou seja, Pascoaes explica como passou a encarar aquele “desgosto”, passando a dar mais valor ao facto daquela *Deusa* oculta ter passado a fazer parte dele próprio, acompanhando-o no seu coração para sempre, apesar de não ter sido conquistada, terminando: “O que me importa é amar...” (p. 250).

Chega-se pois à conclusão, avaliando os documentos que referi atrás, juntamente com as circunstâncias e até os sentimentos transmitidos pelo Poeta, que a história de amor que viveu com Leonor Dagge foi a base de muitos dos seus poemas.

Estabelece-se definitivamente na casa de Gatão em 1913, como confidenciou ao seu sócio: “Sinto-me enfermo e elegíaco. Vou regressar à minha aldeia. Quero morrer onde nasci. É pagar uma dívida sagrada” (p.253). A sua longa luta entre o poeta e o advogado tinha finalmente sido resolvida, ou seja, a desilusão amorosa pôs fim nas suas intenções de construir família.

Os anos passam e Pascoaes vai crescendo como escritor, filósofo e poeta. O volume autobiográfico *Uma Fábula*, do qual temos vindo a falar foi publicado, somente, 26 anos após a sua morte. Foi escrito na derradeira fase da vida do Poeta, já depois de ter terminado o ciclo das biografias (1934-1945). Revela uma outra faceta de Pascoaes, mais analítica, mais objectiva, mais reflexiva, visto que é um livro em que volta ao passado. Pascoaes é já um homem bastante adulto, carregado de vivências, que vai avaliando o seu

passado até com uma certa ironia, distanciando-se da melancolia e devaneio que o caracterizaram ao longo da sua vida como Poeta.

CONCLUSÃO

Nos finais da sua vida, como refere António Mega Ferreira, Pascoaes “é um homem seguro de si, amável e urbano ... que fez da vida o que muito bem quis, que a gozou como pôde e que a transfigurou nessa fantástica galeria de espectros que é a sua obra” (2003:157). É esta a primeira conclusão que tirei ao longo do trabalho que tenho vindo a desenvolver, a que Pascoaes, através da sua obra, dá-nos a conhecer uma imensidão de figuras que, embora pareçam reais, nenhuma é tão real como ele próprio. Pode-se mesmo afirmar e concluir que muito do imaginário deste é criado através das lembranças, da memória e sobretudo dos sentimentos. São as lembranças aquilo que vai sentindo ao recordar; são elas que movem a sua imaginação e que nos transportam para o mundo imaginário e elevado que só o Poeta foi capaz de construir.

Este desfile de personagens e de figuras aparecem sobretudo nas suas autobiografias, no *Livro de Memórias* e no *Uma Fábula*. Nestas duas obras de Pascoaes temos a percepção real do imaginário do Poeta em torno destas figuras e personagens que fizeram parte da sua vida, que o rodearam e que o acompanharam no seu crescimento. Sejam elementos da sua família, como a mãe, o pai e os irmãos; sejam as criadas da casa de Pascoaes, exaltadas sempre nos seus relatos; os comerciantes de Amarante; figuras ilustres da cidade; o povo; os mendigos; os padres; os colegas e amigos; os seus mestres e professores; enfim, todo este rol de figuras formou e transformou o imaginário de Pascoaes, pois foi partindo destas que fez os mais impressionantes relatos nas suas autobiografias, através dos quais nos ia transmitindo aquilo que o fez crescer e tornar o homem que foi.

Pascoaes nas suas autobiografias fez questão de relembrar todas estas figuras, fazendo-as renascer à medida que ia escrevendo sobre elas. Aqui, neste propósito está o valor da saudade, tornar vivo aquilo que já morreu, através da lembrança. Entre muitos outros, temos o exemplo de, em *Uma Fábula*, Pascoaes falar no seu irmão António, aluno do primeiro ano de Direito, em Coimbra, que se suicidou em 1903, após ter reprovado pela segunda vez;

aqui, recorda-o, fala dele, relembra-o, invocando-o e demonstrando as saudades que sente dele.

No ano seguinte à sua morte, publica *Para a Luz* e dedica o livro “à alma do meu irmão António”. Este é um exemplo de que Pascoaes recria as pessoas que passaram pela sua vida através da sua escrita e dos seus poemas, fá-las renascer e revive-as. É com este propósito que Pascoaes os traz de novo à vida, tornando-os novamente vivos no momento em que os recorda. No entanto, não são só figuras que renascem e que revivem, mas também momentos, como aqueles em que quando criança gostava de ir caçar para a serra da Abobreira ou os tempos de estudante passados em Coimbra, ou ainda o tempo que dedicou à advocacia. Enfim, Pascoaes faz reviver tudo pelo que passou e transmite-o para as folhas de papel, que tornarão eternos estes momentos e que acabam por criar em nós, leitores, um *flash* de imagens, que nos fazem antever tudo, como se tivéssemos nós também vivido aqueles momentos. Veja-se o que o próprio poeta afirma em *Uma Fábula*, quando diz “recordar será actualizar o passado? Mas tão ilusoriamente, que tal acto é uma blague do nosso ser espiritual, é ele a rir-se da eternidade, a caricaturá-la ... a modelar, em nada, figuras e figuras (...)” (1978:153).

Mas, no que diz respeito ao meu trabalho, há uma figura que penso ser de extrema importância, figura esta que também é recordada e figurada pelo Poeta e que posso agora afirmar, sem sombra de dúvidas, que foi a inspiração para os poemas que analisei neste trabalho. Falo de Leonor Dagge. Como já afirmei, penso que há muito de autobiográfico em poemas como *Marânus*, “Eleonor” e *Senhora da Noite*. Foi esta mulher a grande paixão ou amor da vida de Teixeira de Pascoaes, e não sei se pelo facto de nunca a ter conseguido alcançar, o poeta revive nestes poemas os sentimentos por esta mulher, revive-os e sente-os com tal intensidade que faz com que esta renasça no seu coração. São poemas em que o sujeito poético é o próprio Poeta; faz-nos entrar no seu peito e sentir o que ele sente, como o amor, mas também a angústia e a dor da ausência. Também em *Uma Fábula* Leonor é recordada pelo Poeta, se bem que já com um certo distanciamento, pois é já um homem maduro, um “velho” que revive o seu passado e que olha este amor como uma aprendizagem e não como uma mágoa. E é assim que Pascoaes recorda e

dedica a eternidade a Leonor Dagge que foi a Eleonor de *Marânus*: “E a Eleonor surgia dessa música enevoadada, com tal melindre imaterial, que a sua presença era já ausência ... Mais um instante, e a minha despedida já é um acontecimento do meu passado ... Eis-me, sozinho, com a imagem dela, como se a levasse, nos braços, raptada ...” (1978:234).

Contudo, o que importa aqui referir agora são as conclusões finais sobre este meu trabalho. A meu ver e, depois da pesquisa e leitura das obras que me propus aqui trabalhar, concluo em primeiro lugar que muitas das vivências do Poeta serviram de base à escrita de *Elegia do Amor*. Por sua vez, também se poderá afirmar que existe paralelismo entre a história de *Marânus* e a vida do próprio Poeta, pois é nesta obra que Pascoaes transporta e dá a conhecer os seus sentimentos (vivências encarnadas pela personagem *Marânus*). Da leitura desta obra pude constatar que existem, acima de tudo, algumas dicotomias que ajudam a perceber e a encadear o desenrolar da história e da própria vivência do Poeta. Conceitos como vida/morte; contemplação da natureza, personificação da mulher; amor transcendente e saudade eterna estão associados directamente quer a *Elegia do Amor*, quer a *Marânus*, mas também a um outro poema, “Eleonor”. Importa assim dizer que nestas obras está bem patente a forma como Pascoaes nos faz sentir a sua verdade dos factos que fizeram com que criasse seres imaginários, que nasceram sobretudo de um só sentimento, a saudade.

É pela palavra *saudade* que importa começar, pois pude concluir que esta foi o principal motor que permitiu a Pascoaes viajar até ao passado, recriando pessoas, momentos, paisagens e até sentimentos, que transpôs no momento duma recriação para o presente da sua poesia. Para o autor, a saudade do mundo é também a saudade de Deus, quer dizer que o Poeta concebe a natureza como sendo sagrada, porque a mesma existe através da saudade, sendo que neste caso a saudade existe na natural serra do Marão.

A saudade de Deus ou a saudade do mundo é vista pelo Saudosismo, na sua expressão religiosa, muito para além do Homem, quer dizer, tendo em conta a filosofia de Pascoaes, o Deus saudosista é uma sombra espiritual e

eterna, projectada pelo Universo material na criatura humana; o novo Deus está integrado no universo, pois é o seu criador.

Antes desta nova concepção do novo Deus, numa fase inicial de Pascoaes, e partindo da ideia de que o saudosismo é a nova religião da saudade, este afirmava que “Deus é uma sombra espiritualizada da natureza”, ou seja, este Panteísmo mítico e poético está presente desde o início na produção poética de Pascoaes. Para o Panteísmo, Deus está presente no mundo e permeia tudo o que nele existe, sendo que tudo está associado ao misticismo, no qual o objectivo do mortal é alcançar a união com o divino. Este Panteísmo saudosista de Pascoaes acompanha-o até meados de 1919, mas este Deus passa a ser criatura da natureza e do homem, em vez de criador (isto já na fase filosófica de Pascoaes), como o mesmo afirmou, “as criações espirituais são tão verdadeiras como as criações materiais” (*A Saudade e o Saudosismo*: 1988:87).

Segundo Pascoaes “o homem gera constantemente vida espiritual”, logo, podemos concluir que quando essa vida passa a fazer parte de vidas anteriores assiste-se ao Saudosismo. Segundo a minha interpretação, o que o Poeta quis transmitir foi o facto do Saudosismo poder ser, para o ser humano, a mais elevada das religiões. Pascoaes pretende mostrar que o homem também poderá construir um mundo espiritual, em torno de si mesmo, e viver nesse mundo, idealizando sonhos e revivendo sensações que muitas vezes estão adormecidas. O que é isto, senão Saudade? Posso definir o que entendo, hoje, por Saudosismo e, sendo assim, afirmo, tendo por base o que li nos poemas e o que absorvi do seu conteúdo, que este é o acto de relembrar e reviver através da saudade, fazendo renascer algo que supostamente já passou ou desapareceu. O Saudosismo não é só o reviver, mas sim o acto que nos permite afirmar que tudo o que vive na Saudade jamais deixou de existir e jamais será esquecido; logo é eterno. Portanto, pode-se reafirmar uma verdade de Pascoaes, a de que a Saudade é irmã gémea da Eternidade. A saudade é portanto a base para o Saudosismo, como o próprio Pascoaes explicou numa das suas conferências, onde revelou que “pela saudade revive o que morreu e antevive o que está para nascer (...). Para ela o que foi volta a ser, e o que há-de ser, já existe.” (*A Saudade e o Saudosismo*, 1988:91).

Esta última ideia está bem patente na obra *Marânus*, onde assistimos à criação de um novo Deus, filho da saudade, que viria salvar Portugal, ou seja, representava a esperança de um Portugal novo, mais espiritual e não tanto material. Esta concepção de um novo Deus é criada através da crença, do desejo forte de uma nova identidade espiritual. Esse novo Deus era fruto da Saudade, porque através desta revivem os ideais da Pátria portuguesa.

Esta ideia da criação de um novo Deus assentava para Pascoaes, na necessidade de desenvolver a originalidade própria dos portugueses, afastando-se de influências estrangeiras e do catolicismo romano na religião. A Igreja deve, segundo a sua filosofia, nascer das tradições religiosas locais e a República, por consequência, deveria ser inovadora e não uma cópia da República francesa. Para Teixeira de Pascoaes a palavra *Saudosismo* foi a tentativa de simbolizar numa única palavra a redescoberta duma via própria e insubstituível. Esta palavra mostrava aos portugueses que havia um caminho aberto para a originalidade e era, sem dúvida, a possibilidade de contribuir para a civilização humana universal, dentro de um espírito próprio, o dos portugueses.

Quando nos lembramos da nossa infância, de lugares, de cheiros, de paisagens, de pessoas que nos rodearam, que nos acompanharam e que viveram a vida connosco, não estamos a reviver ou a fazer renascer algo? Pois bem, é assim que nós próprios criamos novos seres na nossa mente, seres que nos acompanharão para o resto das nossas vidas e jamais desaparecerão, pois todas as nossas recordações não são apenas criações, são também revelações do que fomos, como fomos, quem fomos e o que voltámos a ser.

Sendo que é o amor que faz desencadear a saudade, importa aqui também referir como este é um tema fulcral nas poesias que me propus analisar. Sendo assim, concluí que o poema *Elegia do Amor* cultiva a harmonia entre a paisagem, o ritmo e a luz. As palavras colam-se a nós, ascendendo tudo para o divino. Como confessou um dia Fernando Pessoa, a propósito da poesia de Pascoaes, *Elegia do Amor* é “o poema metafísico do amor”.

Concluí, ao longo da análise textual que fiz deste poema, que o mesmo se trata de uma história de amor, um amor que nasceu da união da lembrança

com o desejo, dando origem à saudade. Logo, poder-se-á afirmar que para Pascoaes não há saudade se não for cultivado o amor, seja o amor por um ser humano, seja por um lugar, pela natureza ou por uma lembrança. Enfim, *Elegia do Amor* trata do amor em acção, um amor que gera a saudade e é na saudade que o sujeito poético reproduz espiritualmente a figura amada e passa a viver dela, contemplando-a, sentindo-a sempre presente e nunca ausente.

Assim, tanto a *Elegia do Amor* como *Marânus* retratam o amor que gera a saudade. Assistimos nos dois poemas a uma exaltação da natureza, em que todo o universo é expressão cósmica da saudade, quer dizer, esta transcende o mero sentimento individual. Existe portanto uma harmonia entre a paisagem e a natureza que a rodeia, quer entre o sujeito poético e a mulher amada que protagonizam *Elegia do Amor*, quer entre Marânus e Eleonor, de *Marânus*. A natureza em ambos os casos é como se fosse a testemunha oficial deste amor, visto que, no primeiro, são os elementos da natureza que trazem à lembrança a pessoa amada, parecendo mesmo que esta vive em cada elemento vivo; no segundo caso, é a montanha, é o Marão que serve de testemunha àquele amor exaltado e pretendido, fazendo dele um amor elevado à imagem da própria serra, um amor tão límpido, natural e puro como a montanha de Pascoaes. Podemos portanto afirmar que Pascoaes pretendia chamar a atenção para o facto da pureza, da preservação do amor natural, cândido e puro.

É a presença ausente do amor que causa a dor, que em *Elegia do Amor* é pronunciada pelos elementos da natureza. Apercebemo-nos contudo que este amor é um amor espiritual. A figura feminina, sendo o agente central, que faz desabrochar este grande amor, é descrita pelo sujeito poético como sendo um ser puro e bondoso. Esta figura espiritual na pele de Eleonor em *Marânus* é a própria Saudade nascida do desejo e da dor. Este sentimento, esta saudade surge do contacto das almas humanas com a parte material e espiritual das coisas ou dos seres contemplados.

Outro aspecto que encontrei em comum em todos os poemas que analisei foi a questão da vida em contraste com a morte, se bem que numa perspectiva mais espiritual. No caso de *Elegia do Amor* assistimos à partida/morte de uma figura carnal/espiritual que da união com a Lua se

transformou num ser divino, passando a viver para sempre no coração do sujeito poético, que nada pôde fazer a não ser viver no mundo real com a saudade e com as recordações que aquele amor lhe deixou. Neste poema, aquela figura amada poderá ser a materialização da alma portuguesa, que nunca morrerá em nós, portugueses. Teixeira de Pascoaes quis transmitir uma mensagem: toda a alma portuguesa vive de uma solidão misteriosa e é essa solidão que o poeta sente e que provoca a dor, a lembrança e consequentemente a saudade que se tornará o motor para a eternidade.

A alma portuguesa eterniza a saudade em imagem e espírito, assim como o autor de *Elegia do Amor* eternizou figuras misteriosas (como se fossem a representação física da nossa própria alma), sendo que podemos atestar que a alma portuguesa vive, assim, e concentra-se na palavra saudade. Já em *Marânus*, o protagonista e a Saudade são os progenitores de uma nova cosmogonia. Desta aliança espiritual entre estes dois seres nasceu o tão desejado Redentor, podendo-se assim afirmar que a união de Marânus com a Saudade forma um novo Ser que é o nascimento de uma nova Pátria, renovada.

Ainda em *Marânus* existe uma forte alusão à vida e à morte, pois ao lermos este longo poema apercebemo-nos que há uma ausência extática de vida e esta torna-se numa mera recordação, porque as figuras que aparecem não são reais, são criadas pelo sujeito poético, através da contemplação da natureza e dos sentimentos que o invadem. A personagem Marânus é a representação do próprio “eu” que vê, contempla e sente. A ausência dessas figuras, que apenas vivem no imaginário saudosista de Pascoaes, é por assim dizer a representação da Morte (mas morte vista como ausência ou inexistência), mas estas vivem na mesma através da recordação, da lembrança e da saudade e aí vivem e permanecem para sempre. Exemplo disso somos nós, quando relembramos alguém que deixou este mundo, quando falamos dessa pessoa ou quando a invocamos estamos a recriá-la no nosso imaginário, estamos a fazê-la renascer ou a torná-la inesquecível. Podem ser inesquecíveis as pessoas que nos transmitem algo superior, mas também lugares que nos trazem à memória os antepassados que ajudaram a criar o

mundo de hoje. Sendo assim, a morte pode-se transformar em vida ou a vida pode renascer da morte, através do poder da saudade.

Na minha opinião, o Ser Humano tem tendência a pensar que a morte é mais forte que a vida. Contudo, penso que Pascoaes nos tenta transmitir nos seus poemas que a vida, se for aliada ao amor, pode ser mais forte do que a própria morte, pois a vida vai muito além da existência física. Pode existir vida, mesmo perante a morte e isso só é possível quando o ser humano se concentra e invoca aqueles que já estão ausentes mas que vivem para sempre através da saudade. Assim, concluo que Pascoaes nos transmite que a vida é a força mais abstracta e mais potente à face da terra. Não haverá portanto ruptura de laços entre os que se amam de verdade, mesmo após a morte/ausência.

Penso, sinceramente, que Pascoaes amou de verdade. O poema “Eleonor” espelha bem os sentimentos que este nutria pela inglesa por quem um dia se perdeu de amores. No acto da escrita deste poema, a protagonista a quem é dedicado teria já falecido há uns anos, mas mesmo assim o poeta consegue transmitir-nos os sentimentos que iam dentro dele, como se esta tivesse desaparecido da vida há apenas poucas horas. Este poema é um espelho fiel e dá-nos provas de que muito do sentido da poesia de Pascoaes tem por base a sua própria vivência. Leonor Dagge terá falecido em 1918 e só mais tarde (catorze ou quinze anos após a publicação de *Marânus*) o poeta terá escrito então o poema “Eleonor”, dedicado, inteira e exclusivamente, a esta sua amada. Posso agora afirmar que Leonor Dagge foi uma espécie de aparição da própria alma de Pascoaes, foi esta mulher a grande paixão da vida de Pascoaes, pois apesar de se ter apaixonado variadíssimas vezes, foi Leonor a musa de todas as musas, aquela que o fez pensar em casamento, aquela por quem ele procurou. Neste poema encontramos também a dicotomia vida/morte, pela dor da ausência (pela morte ou desaparecimento da musa inspiradora), mas também pela recordação desta figura altiva, que ao ser evocada pelo poeta renasce através da saudade.

Este é um dos poemas mais difíceis de Pascoaes pelo facto de ser muito forte e doloroso, pois sentimos na pele as sensações do Poeta face à morte,

mais concretamente, face ao desaparecimento corpóreo da sua musa inspiradora, da sua paixão de sempre, do seu amor mais secreto, sublime, verdadeiro e sobretudo inalcançável. “Eleonor”, em termos gerais, é um poema dedicado àquela que aprisionou Teixeira de Pascoaes nos seus sentimentos mais íntimos e a figura que é evocada quando aparece provoca uma dor imensa, que sempre o acompanhará nas suas lembranças e na sua dor, contudo ao mesmo tempo tranquiliza-o, porque sabe que não será esquecida. É este o propósito da Saudade, é a eternidade daqueles que são recordados com amor.

Sendo que a Saudade é uma palavra única e exclusivamente portuguesa e visto que esta pertence às nossas raízes e define a identidade portuguesa, importa aqui dizer que é no Fado que esta, a Saudade, tem maior relevo e através do qual é transmitida além-fronteiras. Os temas principais e típicos do Fado português são sem dúvida o amor transcendente e a saudade eterna. Estes dois conceitos encontram-se, na minha opinião, desde sempre na cultura portuguesa, nomeadamente, na literatura e na música portuguesas, mais propriamente no Fado. A palavra fado vem do latim *fatum*, ou seja, "destino", esta é uma palavra que se adequa perfeitamente ao discurso da poesia de Pascoaes. Nas poesias que analisei, pude constatar que este “destino”, este “fado” estava sempre presente através da palavra saudade.

Segundo ditos populares, o fado de Lisboa teve origem nos cânticos dos Mouros, que permaneceram no bairro da Mouraria, na cidade de Lisboa após a reconquista Cristã. No Fado são característicos os tons melancólicos, que porventura foram herdados destes cantos árabes. Contudo, o que importa aqui referir e explicar é como o sentimento da saudade está impregnado no Fado. Através deste trabalho pude concluir alguns aspectos e estar mais atenta a este facto que acabo de mencionar. Se estivermos atentos, muitos dos fados mais tristes têm por base o tema da saudade, porque remetem-nos para o adeus, para as despedidas, para a distância. De uma forma geral, a saudade é posterior a estes acontecimentos e o povo português, ao longo da sua história, carrega este “vulto”, desde a partida dos portugueses na época dos Descobrimentos, que partiam e deixavam para trás a sua Pátria e família; desde o desaparecimento do rei D. Sebastião, considerado o salvador de

Portugal, que desapareceu sem voltar e que deixou essa marca na identidade portuguesa, sendo que foi a partir deste desaparecimento que surgiu o conceito de Saudosismo português. Este saudosismo ao longo dos anos foi tratado por vários autores e exemplo disso foi Pascoaes nos seus poemas dedicados à saudade e ao nascimento de um filho desta que viria a ser o redentor da Pátria, como também Fernando Pessoa, quando escreveu a *Mensagem* com o objetivo de constituir um novo império, ainda que espiritual.

O tema da saudade não está só impregnado no Fado português, mas também noutros géneros musicais, de comunidades onde se fala a língua portuguesa, como por exemplo, no caso de Cabo Verde, em que vários dos seus artistas se debruçam sobre a morna cabo-verdiana. A morna reflete sobretudo a realidade insular do povo cabo-verdiano, o romantismo e o amor à terra, principalmente, o ter de partir e o querer ficar! É o género musical que mais se identifica com este povo e trata-se verdadeiramente de um símbolo nacional, do mesmo modo que o tango é para a Argentina, a rumba para Cuba ou o fado para Portugal. Na morna são também abordados temas próprios da realidade cabo-verdiana, como a partida para o estrangeiro, o regresso, a saudade, o amor à pátria, o mar. Outro género musical também oriundo de um país de língua oficial portuguesa é o “choro” do Brasil. O “choro” ou “chorinho” é uma espécie de fado, cantado num tom melancólico, que tem por trás as mesmas temáticas do fado ou da morna.

Chegando ao fim deste trabalho, concluo que a saudade é o tema primordial da obra de Teixeira de Pascoaes. Partindo deste pressuposto, posso afirmar que as obras que analisei ao longo deste trabalho espelham de forma muito clara as intenções do autor. Esta saudade transmitida nos seus poemas tem por base a dor da ausência e o desejo da presença, sentimentos que fazem com que o Poeta crie seres imaginários, que renascem das suas recordações, tornando-se eternos. E é esta a conclusão final que encontro, a de que a Eternidade dos seres só se deve à Saudade, por que é a partir desta que tudo aquilo que existiu, ao ser recordado, renasce e vive para sempre.

BIBLIOGRAFIA

1. activa

- Pascoaes, Teixeira de, *Belo, À Minha Alma, Sempre, Terra Proibida* [poesia], OTP, 16, Assírio & Alvim, 1997.
- *Para a Luz, Vida Etérea, Elegias, O Doido e a Morte* [Poesia], OTP, 17, Assírio & Alvim, 1998.
- *Senhora da Noite* [verso], 6ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986.
- *Marânus* [verso], OTP, 9, 6ª edição, Assírio & Alvim, 1990.
- *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* [prosa], Porto, Renascença Portuguesa, 1912; reproduzido in *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- *O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa Portuguesa* [prosa], Porto, Renascença Portuguesa, 1913; reproduzido in *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
- *A Era Lusíada* [prosa], Porto, Renascença Portuguesa, 1914; reproduzido in *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
- *Arte de Ser Português* [Prosa], OTP, 10, 1915; 2ª Edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991.
- *Os Poetas Lusíadas* [Prosa], 1919; 2ª edição, Lisboa, OTP, 5, Assírio & Alvim, 1987.
- *Londres, Cantos Indecisos, Cânticos* [Poesia], OTP, 21, Assírio & Alvim, 2002.
- *Livro de Memórias* [Prosa], Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.
- *Uma Fábula (O Advogado e o Poeta)* [Prosa], Porto, Brasília Editora, 1978.

2. passiva

2.1 em livro

Barata, Gilda Nunes, *A Presença na Ausência em Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

Ferreira, António Mega, *Fotobiografia – Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

Franco, António Cândido, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes* [Texto policopiado], Universidade de Évora, Évora, 1997, pp. 7-46.

————— *Eleonor na Serra de Pascoaes*, Lisboa, Átrio, 1992.

————— *O Mar e o Marão – conferência-manifesto*, Lisboa, Jorge Cabrita Editor, 1989.

————— *O Saudosismo de Teixeira de Pascoaes*, Amarante, Edições do Tâmega, 1996.

————— *Teixeira de Pascoaes – Pensamentos e Máximas*, Cosmorama Edições, 2010.

Sá, Maria das Graças Moreira de, *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

Samuel, Paulo, *Viajar com... Teixeira de Pascoaes*, Porto, Edições Caixotim, 2004.

Pessoa, Fernando, *Correspondência (1905-1922)*, organização de Manuela Pereira da Silva, Assírio & Alvim, 1999, pp. 106-107.

Vasconcelos, Maria da Glória Teixeira de, *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, 2ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996.

2.2 dispersos

Andrade, Eugénio, Prefácio “Entre Lírio e Donzela”, in *Senhora da Noite*, 6ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986, pp. 9-15.

- Cardoso, Miguel Esteves, introdução “A Arte”, in *Arte de Ser Português* [Prosa], *OTP*, 10, 1915; 2ª Edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, pp. IX-XII.
- Carvalho, Joaquim de Montezuma de, “Textos inéditos de Joaquim de Carvalho sobre Teixeira de Pascoaes”, in revista *Letras*, Curitiba, vol. 23, 1975, pp. 299-330.
- Cesariny, Mário de, “Comentário às “Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes” de Joaquim de Carvalho”, in *Os Poetas Lusíadas*, *OTP*, 5 Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, pp. 23-32.
- Coelho, Jacinto do Prado, “Olhando Para Trás Vejo Pascoaes” [recensão crítica ao livro de memórias da Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos] in *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, nº 5, Janeiro, 1972, pp. 92-93.
- Fonseca, António Fernandes da, “Teixeira de Pascoaes: o poeta filósofo”, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, II Série vol. 21, 2004, pp. 233-241
- “Prefácio”, in *Para a Luz, Vida Etérea, Elegias, O Doido e a Morte*, *OTP*, 17, Assírio & Alvim, 1998, pp. 9-15.
- Franco, António Cândido, “Uma Memória de Pascoaes”, introdução à segunda edição de *Olhando para Trás Vejo Pascoaes* de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, pp. 7-14.
- “Prolegómenos do Saudosismo de Teixeira de Pascoaes”, in *Belo, À Minha Alma, Sempre, Terra Proibida*, *OTP*, 16, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 9-54.
- “A poesia de Teixeira de Pascoaes”, in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 97, Maio 1987, pp. 78-80.
- “Nota corrida sobre o pensamento Geo-estratégico de Teixeira de Pascoaes”, in revista *Nova Águia*, nº4, 2º semestre, 2009, Zéfiro, pp. 96-101.

————— “Nota sobre a complexidade de Teixeira de Pascoaes”, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, II Série vol. 21, 2004, pp. 217-224.

————— “Sete cartas inéditas de Teixeira de Pascoaes a Mário Beirão”, in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 102, Mar. 1988, pp. 85-93.

Garcia, Mário, “Marânus”, in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 129/130, Jul. 1993, pp. 229.

Jorge, Vítor Oliveira, “Aboboreira: uma paisagem da memória”, in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 62, Jul. 1981, pp. 69-71.

Mesquita, Armando, “Pensamento poético de Pascoaes em Marânus: terceira cosmogonia”, in Colóquio comemorativo dos 30 anos da Secção Luso-Brasileira da Universidade de Varsóvia, 2007, UTAD, pp. 17-31.

Lourenço, Eduardo, “Prefácio”, in *Marânus*, OTP, 9, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990, pp. VII-XII.

Pereira, José Carlos Seabra, *Uma Fábula. O Advogado e o Poeta*, de Teixeira de Pascoaes [recensão crítica], in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 53, Jan. 1980, pp. 81-82.

Sá, Maria das Graças Moreira de, “Eduardo Lourenço: Teixeira de Pascoaes e a Saudade”, in revista *Colóquio-Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 170, Jan. 2009, pp. 104-112.

Tavares, Miguel Sousa, “Os Pascoaes de Amarante”, in *Grande Reportagem*, nº 17, Agosto, 1992.

Telmo, António, “Introdução”, in *Londres, Cantos Indecisos, Cânticos* [Poesia], OTP, 21, Assírio & Alvim, 2002, pp. 9-19.

ADENDA

Visita a Pascoaes

*Num cerro do Marão Estranha luz meus olhos deslumbrou;
E em corpo de lembrança divaguei Além dos horizontes,
E toda a pátria terra percorri, E o mar e o céu azul,
Onde os anjos da velha Lusitânia
Voam como através da nossa fantasia.*

Painel (1935), Teixeira de Pascoaes

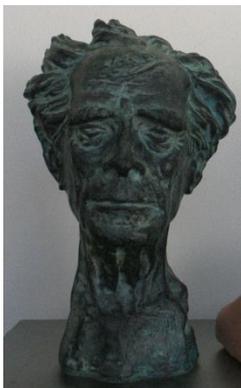
Conhecer Pascoaes foi para mim um desafio que, quando ainda não iniciado, já se avistava longo. Conhecer uma parte mínima da imensa obra do Poeta, estudar de perto, com pormenor, os seus poemas, os quais são a base deste meu trabalho, *A Saudade em Teixeira de Pascoaes*, despertou em mim a vontade, o deslumbramento e uma enorme inquietação para pisar os sítios que inspiraram tão admirado Poeta. E foi na tentativa de aquietar essa agitação que, nos dias 24 e 25 de Julho de 2010, parti rumo a Amarante, a fim de avistar com os meus próprios olhos (e não os da imaginação) as paisagens daquele lugar encantador; de percorrer os luminosos sítios elevados pelo poeta, os lugares, a brisa, o calor de toda aquela natureza envolvente; conhecer os sítios históricos onde nasceu, cresceu e viveu o Poeta, sítios que tantas vezes me levaram até lá quando lia os poemas de Pascoaes.

Esta minha visita foi planeada com algum tempo de antecedência e teve como principal objectivo conhecer a Casa de Pascoaes, em São João do Gatão, e a Casa da Levada, em Travanca do Monte, onde Pascoaes terá escrito parte da obra *Marânus*, sobre a qual eu me iria debruçar neste trabalho, e, por fim, conhecer a zona histórica da cidade de Amarante.

Foi com muita expectativa que chegou o dia e juntamente com duas pessoas amigas, Dulce Bugalho e Luís Fialho, parti. Esperavam-nos mais ou menos 4 horas de viagem e 365 km, até Amarante. Partimos de Nisa (Alto Alentejo) perto das 7 horas da manhã. A convite meu estas duas pessoas (tão especiais para mim e a quem estarei agradecida para sempre, pelo apoio nesta demanda) acompanharam-me para também conhecerem de perto o mundo de Pascoaes, mundo esse que lhes fui transmitindo ao longo do meu trabalho e que os foi fascinando tanto quanto a mim, à medida que conheciam o Poeta.

Foi este mundo que, ao longo dos meses de investigação dedicada a este trabalho, transmiti aos que mais perto de mim estavam, porque penso que é um mundo, uma filosofia de vida que deve ser transmitida, é um mundo que nos deixa a pensar e nos eleva. Seria uma viagem diferente de todas as outras feitas até ao momento, pois esta tinha um outro propósito, não iria viajar apenas para conhecer uma outra zona do país, ou uma praia, ou monumentos, ou gentes e culturas, apenas. Esta viagem tinha algo de místico, algo a descobrir, era uma viagem para conhecer melhor Pascoaes, para me ajudar a percebê-lo, era uma viagem para descobrir, enfim, o mundo do Poeta de Amarante.

Foi uma viagem calma, animada e carregada de entusiasmo; uma viagem onde me senti realmente livre, como se um sonho fosse realizar (sei hoje que o realizei!). Eram mais ou menos 10 horas e 30 minutos quando entrámos em Amarante, pela entrada nascente-sul, e relembro agora e sinto a primeira sensação que tive ao avistar, para lá do rio Tâmega, a igreja de S.



Gonçalo (outrora o Convento de S. Gonçalo). Foi uma sensação mística, de querer saborear tudo o que viam os meus olhos, foi como se tivesse caído num livro de histórias antigo, no *Livro de Memórias* (1928) ou no *Uma Fábula* (1978), de Pascoaes. Conseguia imaginar o Poeta a contemplar o rio, encostado à ponte. Não sei se algumas vezes o fez mas eu conseguia vê-lo ali, ou melhor, pressentia-o ali na Rua 31 de Janeiro. Foi uma sensação bastante intensa a que senti, estava enfim em terras de Pascoaes e estava na hora de começar a minha demanda.

Depois de estacionarmos situámo-nos através do mapa da cidade e seguimos na direcção da igreja de S. Gonçalo, outrora um antigo convento fundado em 1540 e onde funcionava o liceu onde estudou o jovem Pascoaes. Neste monumento destacam-se a fachada principal e a Varanda dos Reis, sendo composto por dois claustros interiores e uma galeria de cinco arcos, onde funciona actualmente o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso e foi aí que fizemos a primeira paragem. Aqui, pudemos apreciar e lembrar artistas e escritores, nascidos em Amarante, como António Carneiro, Amadeo

de Souza Cardoso, António Cândido, Augusto Casimiro, Alfredo Brochado, Ilídio Sardoeira, Agustina Bessa Luís e, claro, Teixeira de Pascoaes. O principal objectivo deste museu é manter a lembrança e dar um maior ênfase à Arte Portuguesa Moderna e Contemporânea nomeadamente na pintura e na escultura. Por lá encontrei expostos retratos de Teixeira de Pascoaes e um busto. No entanto, as estatuetas que despertaram, em mim, uma especial



atenção foram os dois demónios, aos quais Pascoaes se refere em alguns dos seus textos. Segundo pude apurar no local, estes foram gratuitamente devolvidos a Amarante, em 1910, e da grande festa que então se realizou para registar o regresso dos “bons filhos” à terra natal, deixou Teixeira de

Pascoaes um belíssimo texto sobre estas figuras. Veja-se como o Poeta descreve estas duas esculturas: *“São de tamanho natural (se a medida humana é a mesma dos demónios) e ambos de madeira preta, é claro. Madeira? Para os olhos das crianças e dos populares é carne autêntica, dessa que veste os esqueletos (...). O Diabo, natural da África do outro mundo, tem um busto Negro e grossos beijos vermelhos ou incandescentes de ironia. A Diaba é também uma Negra da Guiné subterrânea, com duas tetas enormes, pontiagudas, donde saiu a Via-Láctea (...)* [Teixeira de Pascoaes – *Os diabos de Amarante. “Marânus. Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes”* (org. e pref. António Cardoso). Amarante: Câmara Municipal, 1979. p. 77-79)].

Depois de uma hora a explorar as belas e interessantes obras expostas neste museu, continuámos a visita já com alguma ânsia em experienciar sensações descritas pelo próprio Poeta e vividas naqueles locais. Parámos logo de seguida, para grande orgulho meu, mesmo em frente ao museu Amadeu de Sousa-Cardoso, na Alameda, onde se encontra a estátua do Poeta em pleno centro histórico.

Esta estátua é a representação de Pascoaes sentado no alto do Marão, admirando o horizonte. Parei por largos minutos só para apreciar e contemplar aquele espírito com que é representado Pascoaes na estátua, pelo escultor António Duarte. Pascoaes é representado nesta estátua com um corpo magro, dobrado sobre si, parecendo um menino, não só fisicamente como no ar com que fita serenamente o horizonte que o leva até ao Marão. Transmitiu-me a sensação de paz e descontração, mas sobretudo de fascínio, talvez o mesmo que o Poeta teria quando contemplava aquela mítica serra. Numa manhã de sol, sentada perto do Tâmega, batendo-me na cara uma leve brisa fresca, senti também o fascínio ao apreciar de perto tão elevado estado de espírito. E ali estava Pascoaes; continuava vigilante de Amarante e do Marão, com um semblante de admiração.



Também eu estava fascinada e tudo me parecia maravilhoso, desde os edifícios antigos, às margens do rio Tâmega, até às gentes que passavam com a sua pronúncia particular do Norte, assim como os doces nas bancas de venda, que me chamaram a atenção pelas formas peculiares, que desconhecia existirem até ao momento e que me fizeram soltar uma enorme gargalhada.



Como referi atrás, esta viagem foi planeada atempadamente e estava desde já combinado um encontro em Pascoaes, para sábado, dia 24, a partir das 15 horas. Pude ter o privilégio desta visita graças ao caríssimo professor António Cândido Franco, que intercedeu por mim junto da Senhora Dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos (viúva do sobrinho do Poeta, João Teixeira de Vasconcellos), a fim de eu poder

realizar esta visita, que seria de todo tão importante para mim e para o trabalho que estava a desenvolver. Vou admitir que me sentia um pouco ansiosa e nervosa, mas sentia sobretudo um orgulho enorme, por saber que iria privar por breves horas com uma familiar do Poeta, iria estar na Casa de Pascoaes e esse, sim, seria o auge da minha visita. Mas, antes da tão esperada visita, tínhamos ainda algumas horas para visitar (ainda que brevemente) o centro histórico de Amarante e também poderíamos saborear uma boa refeição num dos típicos restaurantes. Assim foi; almoçámos num dos restaurantes de cozinha tradicional portuguesa, o Restaurante Hotel Residencial Estoril, na Rua 31 de Janeiro, onde pudemos apreciar uma magnífica vista para o Tâmega, através da sua varanda sobre o mesmo. Desta varanda avistava-se também a Ponte S. Gonçalo, para onde seguimos após o almoço.



Estava um dia de sol fenomenal e a vista maravilhosa desta ponte fazia sentir-me liberta, com um sentimento de que poderia ficar ali o resto do dia a apreciar tudo o que me rodeava. Esta ponte sobre o Rio Tâmega juntamente com a Igreja de São Gonçalo representa o epicentro do centro histórico da cidade de Amarante. Supõe-se ter existido neste local uma ponte de origem romana, dado ser este o traçado da estrada romana; no entanto, por volta do ano 1250, São Gonçalo terá construído ou

reconstruído esta ponte. Contudo, em 1763, essa ponte desmoronou-se, devido a uma cheia do Rio Tâmega e foi também, mais tarde, já no século XIX, palco das invasões francesas. Atravessando a ponte, em direcção ao mosteiro, chega-se ao Largo São Gonçalo, hoje, Praça da República.

“O Largo São Gonçalo é uma profusão de vozes e chapéus. A ponte lembra a passagem dos franceses... Vê-se a mulher das limonadas, a velha que lê a sina, o mendigo ambulante (...) O Senhor Major de grande gala e a menina Joana, em ponto de rebuçado (...).”

O Bailado (1921)

Aí, chamou-me a atenção a figura de Nossa Senhora da Ponte, colocada na janela de um recanto da Igreja de São Gonçalo, a proteger o trânsito. Esta trata-se de uma *pietá* medieval de pedra, que esteve num cruzeiro sobre a Ponte de São Gonçalo, até ao ano da cheia de 1763, como já referi anteriormente, mas aquando da mesma, esta figura foi transferida para o convento onde se encontra até ao momento.

Foi nesta ponte que parei alguns momentos a observar o quadro que me rodeava; debrucei-me sobre a mesma e recordei as descrições das procissões da vila que por ali passavam à época de Pascoaes e que este retratou de forma peculiar nas suas memórias e nalguns poemas.

*“E a procissão na vila, à noite ... os fogaréus
E, de túnica branca, os pobres penitentes,
Sob os andores, a arrastar correntes,
De férreos sons enchendo a ladrilhada da rua”*

Sempre (1898)

Por breves momentos, imaginei esta procissão a atravessar a ponte com a banda musical, as famosas esculturas dos diabos, as gentes típicas da terra, os romeiros a transportar os santos, o padre, os velhos, as donzelas, os feirantes que se fixavam junto ao Tâmega (e que por coincidência lá estavam verdadeiramente, no mercado de sábado, nessa manhã de 24 de Julho), os pobres mendigos, enfim, todas as figuras que passaram a fazer parte do meu imaginário, após ter lido as memórias do Poeta. Ali estavam elas, como diria Pascoaes, ainda vivas, ainda existentes, pois estão na memória daqueles que as viram, mas também daqueles que, como eu, apenas sabem da sua existência através do imaginário poético.

Chegando ao Largo do Paço, parámos também para apreciar a fabulosa e antiga Casa da Calçada, com as suas janelas de cantaria em arco de meia-volta. Esta foi durante as invasões francesas um albergue dos comandos aliados, no entanto, ao terceiro dia de batalha, o edifício foi destruído pelo fogo. Mais tarde, foi adquirida e reconstruída e serviu de ponto de encontro para políticos e intelectuais, já no séc. XX. Em 2001, ficou recuperada na totalidade e é um conceituado hotel de Amarante.

Aproximava-se a hora combinada na Casa de Pascoaes e tivemos de interromper a visita ao resto do centro histórico, que acabámos por visitar, depois, mais tarde. Seguimos então em direcção ao hotel onde estávamos instalados, o Hotel Navarras. Tomámos um duche para nos libertarmos do imenso calor que se fazia sentir, às 14 horas da tarde. Entrámos no carro e lá fomos nós a caminho de São João do Gatão, a aldeia que viu crescer Pascoaes e que se tornou num dos locais sagrados do Poeta. Tomando a estrada nacional que sobe para Celorico de Basto, chega-se primeiramente à freguesia de S. Gonçalo e, pouco depois, à de Gatão. Chegando a Gatão, reparámos que a entrada para Pascoaes ficava mais atrás. Eram quase 15 horas, a hora combinada. Encontrámos então uma saída à esquerda, num cruzamento, no sentido de Amarante e vindos de Gatão lá estava a placa que nos indicava o caminho até ao ansiado Lugar de Pascoaes.

O caminho de terra era ensombrado por enormes árvores, que me permitiram antever o sagrado e mistério daquele lugar, eram como a nave de uma igreja, antes de chegar a um altar. Estacionámos; estava nervosa, ansiosa e na expectativa do que iria ver, do que iria sentir. A primeira coisa que fiz, talvez para assinalar o primeiro pisar no Lugar de Pascoaes, foi colher uma pequena flor, no jardim exterior ao pátio da casa. Ainda a guardo, dentro de uma garrafa de água de plástico, que me havia saciado a sede de tanto calor.

O Solar de Pascoaes fica instalado numa quinta do século XVII / XVIII, que foi recuperado após as invasões napoleónicas, no século XIX / XX; de planta em U integra um terreiro fechado, um jardim formal, um pomar e terrenos agrícolas com vinha, situado frente à Serra do Marão. Do outro lado do terreiro, encontra-se a casa de Teixeira de Pascoaes, actualmente residência



da senhora dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos. É a casa museu, apesar de privada, que integra o espólio do Poeta, sendo utilizada apenas em parte para turismo de habitação para alguns forasteiros que a visitam ou estudiosos do Poeta, nomeadamente vindos de Espanha e Holanda e que decidem conviver de perto com o espírito de Pascoaes. Não foi o meu caso, mas decididamente, depois de ter conhecido de perto este espaço, não hesitarei em voltar e ficar instalada na Casa de Pascoaes, com certeza.

A casa senhorial brasonada dos Teixeiras de Vasconcellos, uma das que escapou ao incêndio de 1809, está assinalada por uma placa comemorativa exposta pela C. M. Amarante, em 1956. Apresenta três pisos e a fachada do último andar exibe uma



varanda corrida. Mas, regressando ao momento da chegada, após olhar em meu redor, não queria acreditar que diante dos meus olhos estava aquele quadro, ao qual tanta vez imaginei poder pertencer. Juntamente com os dois amigos, que me acompanhavam, acedi ao terreiro grande, por um chão batido e atravessei o grande portão, sempre aberto, encimado por bustos do século XVII. Avistei então a grande escadaria em granito; ouvia vozes por entre aquele



silêncio mágico; não eram pessoas, eram os sons da natureza que nos rodeava. Aproximei-me, não sei porquê, a medo, sentia que não era digna de tal encanto. E pensava: Será que a senhora dona Maria Amélia não se esqueceu que eu viria cá? Eram os nervos e a expectativa do desconhecido. Não se via ninguém, apenas o som dos passos de nós três que, por acaso ou intuitivamente, silenciámo-nos, cada um para seu canto, admirando o espaço onde nos

encontrávamos. Eu subi a escadaria, bati a uma porta, depois a outra, não obtinha resposta. Esperei mais um pouco, ao mesmo tempo que observava a escadaria guarnecida por azulejos da época e que abre como dois braços para acedermos ao alpendre. Voltei ao alpendre, sentei-me e esperei mais um pouco, encontrei a Fonte da Carranca, que fica mesmo por baixo da escadaria e revi a capa de alguns livros do Poeta diante de mim, pois a imagem desta fonte foi utilizada na ilustração de alguns dos seus livros. Por momentos senti-me triste. Não haveria ali ninguém para nos receber? Será que a minha viagem tinha sido em vão e não iria poder sentir e ver de perto a Casa de Pascoaes? Foi então que decidi ligar para o senhor Luís Mota, com quem tinha falado na véspera da partida para Amarante, para acertar os detalhes da visita a Travanca. Era o único contacto que tinha. Liguei-lhe, expliquei-lhe que me encontrava no solar, mas que talvez não houvesse ninguém e se ele saberia onde se encontrava a senhora dona Maria Amélia. De uma gentileza enorme, o senhor Luís Mota aconselhou-me a bater à porta da vivenda que se encontrava em frente do solar. Aí vivia uma das filhas da senhora dona Maria Amélia. Atravessei o terreiro do solar e o jardim exterior e fui bater à porta da tal vivenda, na ânsia e esperança de poder concretizar a minha visita ao interior da casa. Bati à porta, fui atendida por uma senhora, muito simpática, que se identificou como sendo a filha mais nova da senhora dona Maria Amélia. Disponibilizou-se de imediato a ir comigo ao solar e, quando nos aproximávamos, tive uma visão que me alegrou o coração e a alma. Estava ao cimo da escadaria, a senhora dona Maria Amélia Teixeira de Vasconcellos, que cumprimentava já os meus dois acompanhantes. Aproximei-me também e apresentei-me. Senti um orgulho que ainda hoje não consigo descrever. Pode parecer exagero, mas esse sentimento deveu-se ao facto de ser aquela a forma mais próxima que tinha de estar perto de Pascoaes, que infelizmente nunca teria a oportunidade de conhecer. Era através daquela senhora tão simpática, prestável e encantadora que iria conhecer (ainda que como uma gota num oceano) o mundo do Poeta, o seu altar sagrado. Estávamos os três entusiasmadíssimos e, enquanto eu conversava com a senhora dona Maria Amélia sobre o motivo que me levava ali, enquanto atravessávamos um corredor escuro e fresco, os meus amigos olhavam para tudo quanto era sítio, espantados com a antiguidade do espaço e do seu interior. Fiquei feliz por ter

partilhado com eles esta ocasião única para ambos, mas principalmente para mim. À medida que ia atravessando os corredores, recordava as descrições feitas por Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, no seu livro *Olhando Para Trás Vejo Pascoaes*, onde descreve a casa de forma detalhada. E lá estavam, no centro, os quartos, ao longo do corredor, de um lado e outro lado e, no seu prolongamento, a cozinha de pedra, com mesa de pedra também e, ao centro, uma velha lareira, ladeada por fogareiros. Os quartos da frente dão para a escadaria e os de trás para o jardim, a ramada e o mirante. Na ala direita da casa situa-se a capela dedicada a Nossa Senhora do Pilar, dois salões com



varandas de ferro forjado que dão para o Terreiro Grande e, do lado de trás, os três aposentos do Poeta: o quarto de dormir, a livraria e o escritório/biblioteca. E foi por aí que iniciámos a nossa visita, enquanto a amável senhora nos ia explicando os pormenores

do que víamos. Entrámos no quarto de Pascoaes. Voltei também ao passado e ali estava, diante de mim, a imagem de Pascoaes, só, rodeado pelos livros e publicações, tinteiros límpidos, maços de tabaco, quadros, gravuras, retratos de antepassados, desenhos oníricos ou alegóricos da sua autoria.

E era ali, naquele quarto, que passava horas, contemplando o mistério da vida. Segundo a senhora dona Maria Amélia, quando Pascoaes se encontrava nos seus aposentos, não gostava de ser interrompido, mesmo quando a casa estava cheia de gente e visitas. O Poeta preferia o sossego daquele



quarto. Ali, em frente à sua cama, imagino-o, está tudo como ele deixou. Imagino-o, ali à janela daquele quarto, percorrendo a galeria de figuras que o empecem e que imortalizou nos seus versos:

*E vejo as velhas criadas ... Vejo a Inês
E a Eusébia, a mais remota criatura
E vejo a tia Emília, no terreiro
E vejo a Couta, que pedia esmola,
Já quase centenária,
Curvada sob os anos e a sacola,
Passar, ao pôr do sol, na estrada solitária.
E o Baroa, de luto,
Era a tristeza,
Um vulto de luar manchando a escuridão (...)*

À Minha Alma (1898)

Algo me comoveu naquele quarto, comoveu-me imaginar ali Pascoaes sozinho, mas ao mesmo tempo rodeado de tantas recordações. Prova disso são os retratos dos seus antepassados e familiares, dos amigos, os desenhos de lugares que faziam parte da sua vida e que ele próprio pintou, as imagens de santos e santas, quadros oferecidos por amigos, enfim, um sem fim de memórias que talvez combatessem a solidão de Pascoaes. Sim, foi essa a sensação com que fiquei quando entrei e analisei aquele quarto: Pascoaes era um ser solitário. Despertou-me a atenção o calendário em papel que se encontrava ao lado da cama onde Pascoaes dormia. Datava Dezembro de 1952, o mês e ano de sua morte (a 14 de Dezembro). E pensei: O Poeta ainda



tocou nestas folhas de papel, ainda arrancou o papel do mês anterior, mas este não chegou a arrancar, não chegaria a 1953. Comoveu-me imaginá-lo fraco e doente, como li numa descrição feita por Eugénio de Andrade (quando o viu pela última vez), que o retratava como Jesus, moribundo, ao colo de sua mãe, sendo que Pascoaes ia ao colo de um sobrinho, muito fraco e magro, a caminho do centro hospitalar. Não sei explicar a minha comoção, mas o que é certo, é que seres como Pascoaes deveriam viver eternamente... Mas vive... através dos que, tal como eu, o admiram e dão a conhecer, quem foi e o que fez... por aí... parece-me que Pascoaes nunca morrerá e viverá para sempre, tal como vive ali, ainda nas paredes daquele quarto. Se não vivesse ainda, como o poderia eu sentir ali? Só o sinto porque o conheci, porque alguém não o esqueceu e mo deu a conhecer. Para mim, é desta forma que jamais deixaremos morrer Pascoaes, para que este viva eternamente. Como

ali, ali estava ele, os seus óculos, uma manta, papéis remexidos, livros empilhados, um cigarro ainda por fumar dentro de um cinzeiro... Pascoaes estava ainda ali.

Continuámos até ao seu escritório/biblioteca, mesmo ao lado do quarto, sempre guiados pela senhora dona Maria Amélia, que nos vai contando histórias associadas àquilo que vamos vendo. É ela que nos explica como vivia Pascoaes, é ela que no-lo apresenta. Esta, viúva de João Vasconcellos, sobrinho de Teixeira de Pascoaes, e filho do seu irmão João (que viveu por muitos anos em África, enfrentando elefantes no mato), acompanha-nos, fala de Pascoaes com uma admiração notória e revela-nos que ainda o conheceu e que, no primeiro dia que teve a oportunidade de lhe falar, era ainda moça e com muita vergonha e timidez se dirigiu a ele, tal era a admiração. Mas conta que Pascoaes, simples como era, foi duma gentileza para com ela, deixando-a completamente descontraída. Faço-lhe perguntas e amavelmente vai-me respondendo, sempre com um sorriso que cativa qualquer pessoa. Dirijo-me por breves



instantes junto do busto de Pascoaes e, se bem me recordo, feito e oferecido pelo seu amigo e escultor, António Duarte. Aprecio-o, é ele que ali está, um retrato fiel de Pascoaes e no seguimento da minha admiração, sou interpelada pela senhora dona Maria Amélia que abre uma gaveta ao mesmo tempo que me diz: “Custa, mas vou-vos mostrar outro busto, mas do tio Joaquim já morto, feito pelo mesmo amigo”. Retira então da gaveta um busto, era Pascoaes adormecido, já sem vida. Explicou-nos que não tem aquele busto à mostra por lhe causar alguma tristeza, pois gosta de recordar o tio como ele era... aquele Ser enigmático e simples, encantador, dizia. E nesse seguimento contou-nos que, de ser tão simples, não se importava nada de passar despercebido, como no dia em que o confundiram com o jardineiro da casa. Esta contou que, um dia, estava no jardim, mal trajado, a tratar de algumas árvores, quando se dirigiram a ele dois estudantes e lhe perguntaram se era ali que vivia o grande Poeta Teixeira de Pascoaes, ao que este lhes afirmou positivamente. Foi com simplicidade que admitiu ser ele o Poeta, mesmo depois destes o terem

confundido com um simples jardineiro. Foi esta uma das histórias que a senhora dona Maria Amélia nos contou. Sem pressas, continuámos. Foi então que a senhora teve que se ausentar por breves minutos e qual não foi o meu espanto, quando nos deixou completamente à vontade, sozinhos no escritório imenso de Pascoaes. Senti orgulho, sentia-me parte daquela casa, confiava em mim como se fosse de família. Uma atitude que jamais esquecerei. Não estava apenas a ser guiada numa visita de estudo, estava a ser recebida em Casa de Pascoaes como se fosse a minha própria casa.

Eu parava e observava tudo com pormenor e ali naquele escritório toquei a cadeira preferida do Poeta, onde se sentava e passava horas nos seus rabiscos. Ali estava ele, conseguia mais uma vez imaginá-lo, sentir-lhe a presença. E neste espaço vejo



Pascoaes sozinho, de caneta em punho a escrever desenfreadamente, de vez em vez olha pela janela, fuma um cigarro, enquanto contempla o Marão. Depois, volta e rabisca, inspirado no divino daquela serra. Imagino-o também na varanda, num fim de tarde, quando o Sol se põe, e sentado no banco de pedra do seu refúgio (miradouro) envidraçado, onde contempla a linha do Marão. É esta a sensação que tenho, agora, ali sozinha, passo a passo, enquanto percorro o seu escritório, piso o chão devagar, como se não quisesse fazer barulho, para não o

interromper. Parei e pensei: apesar de já ter passado mais de meio século depois da morte do Poeta, este ainda aqui vive. Este é o ar que ele respira e eu estou aqui. Sentir algo assim é sentir elevado.

A senhora dona Maria Amélia voltou e dirigimo-nos a outro sítio muito especial da casa: a cozinha. Toda em pedra, com uma mesa enorme também de pedra, todos os utensílios da época, a lareira com um banco de madeira, onde provavelmente muitas vezes Pascoaes conversou com amigos, enquanto



degustavam um prato da querida Lucrecia. Aquela cozinha elevava-nos até outros tempos. Era fresca, típica e trazia à memória o que era viver sem os electrodomésticos que todos temos hoje em dia. Esta cozinha era original, era real, do mais arcaico que já vi e no entanto quase conseguia cheirar os

aromas doutros tempos, da comida feita na hora, das panelas ao lume, no chão, no vaivém de afazeres quando recebiam visitas. Vi também ali Pascoaes, sentado à lareira, conversando com a criadagem ou simplesmente contemplando a vida daqueles que davam vigor àquelas pedras de onde saía o pão-nosso de cada dia. Ainda hoje, como explicou a senhora dona Maria Amélia, os hóspedes podem desfrutar daquela cozinha, podem servir-se dela e tomar o pequeno-almoço, como se tivessem voltado ao século XIX. Que pena senti no momento de não estar

hospedada em Pascoaes. Seguimos então para os jardins e perdemos a maior parte do tempo nas duas fontes que embelezam os mesmos. Primeiro, na Fonte dos Golfinhos, onde bebi água para me libertar do imenso calor que se fazia sentir no exterior, contraposto ao fresco que se sentia no interior da casa. A fonte toda em pedra é lindíssima, a



água jorra das bocas dos golfinhos esculpidos, duas figuras que também testemunharam o sentar de Pascoaes nas extremidades da fonte, tal como testemunhavam agora a minha presença. São lugares únicos, momentos únicos que jamais se voltarão a repetir, porque pisar, tocar, sentir, beber, olhar presencialmente, naquilo que outrora fora o mundo de Pascoaes é, para mim, algo mais do que um sonho. Mas estava ali, queria saborear todos os recantos daquele verde, as parreiras que nos davam um manto de sombra, também elas testemunharam o toque de Pascoaes. Enfim, é da recordação que ele volta a aparecer. As histórias que vou ouvindo da senhora dona Maria Amélia trazem de novo a imagem do Poeta a vaguear à frente dos meus olhos pelo jardim...

Interessante foi chegar à Fonte do Silêncio. Segundo a senhora dona Maria Amélia, havia hóspedes ilustres e frequentadores assíduos que Pascoaes reunia e com eles se sentava neste local. De alguns ficou registada, em pequenas placas de metal a data da primeira visita. E ali estava eu também, não ilustre convidada de Pascoaes, não frequentadora assídua da Casa de Pascoaes, mas com o privilégio de me sentar naquele banco de pedra e ouvir o silêncio daquele local, realmente mágico.



Contornando o resto do jardim, chegámos ao portão de saída, onde gentilmente nos despedimos da senhora dona Maria Amélia. A visita que era para ser de uma hora apenas prolongou-se por mais de duas, sem pressas, sem ir contra o tempo. Antes de sairmos convidei a senhora dona Maria Amélia para o almoço que tinha combinado com o senhor Luís Mota em Travanca do Monte. Ficou então combinado que, no dia seguinte, por volta das 13 horas, voltaria a Pascoaes para seguirmos viagem até Travanca com a senhora dona Maria Amélia. Desde logo me senti honrada, quando esta aceitou o convite e, como se de família se tratasse, se despediu com um breve aceno, acompanhado de um sorriso enorme e um brilho nos olhos, com certeza reflexo dos meus, tal era o orgulho que eu sentia naquele momento. Não só iria

almoçar com um familiar de Pascoaes, mas com dois, sentia-me cada vez mais íntima do Poeta.

Entrámos no carro, a nossa demanda naquele dia ainda não tinha acabado, havia ainda muito a descobrir e, tal como Pascoaes, sentíamos o apelo das origens. Eram mais ou menos 18 horas, seguimos para o “cemiteriozinho” de São João do Gatão, com o intuito de



visitar o local onde jaz Teixeira de Pascoaes, a origem e o fim, pensava eu. E lá fomos com o intuito de visitar a terra que viu o Poeta crescer em menino e que agora o retém para sempre. Procurámos primeiramente a Igreja de São João Baptista de Gatão. Estacionámos mesmo em frente à igreja e sentámo-nos no chão, por momentos, para descansar um pouco e para observar aquele final de tarde tão místico que se desenrolava lentamente. À nossa frente a Igreja de São João Baptista. Segundo pude apurar, esta terá sido fundada no século IX, altura em que se verificou uma organização do território em torno do Douro, por iniciativa da monarquia asturiana. O cemitério onde repousam os restos mortais de Teixeira de Pascoaes fica próximo da igreja. Mas antes de para lá nos dirigirmos, fiquei a apreciar o espaço envolvente de São João do Gatão. O Ladário ressaltava-me à vista, uma mancha verde. Por momentos, com o Sol a bater-me na cara, imaginava, à época de Pascoaes, casas e casebres pobres, onde viveriam muitas almas daquela povoação. Erguiam-se, também, ao longe, casas abastadas, por vezes, com brasão de armas. Ali, naquela igreja, com aquele verde longínquo a inundar-me a visão, consegui ver as procissões em honra do santo, as festividades de Verão e via as multidões à volta da capela como pequenas pintas no adro, como descreveu também um dia Pascoaes, em *À Minha Alma*:

*E vejo o alto do Ladário,
Ao sol de Julho ardente...
E o vale arborizado, o velho campanário,
E, em volta dele - Olhai - que multidão de gente!
De linho fresco, alvejam as barracas,
Cheias de pão-de-ló, rosquilhos e cavacas.
Canecas a escorrer, de mão em mão,
Guardam ainda, em líquido cheiroso,
E rubro, a crepitar, todo espumoso.
A alegria, o barulho, a bulha, a animação...*

Desci à terra! Decidi então dirigir-me ao interior do cemitério. Entrei, devagar, à procura de um jazigo ou campa que chamassem a atenção, que fosse ostensiva, digna de um poeta como Pascoaes. Tinha essa ideia pré-concebida, de que o túmulo de Pascoaes sobressaía dos outros todos. E dei por mim, a olhar, a olhar, e nada. Não o encontrava. Andava devagar, a medo, mas não encontrava. De repente, um dos túmulos, que se encontrava à direita, despertou a minha atenção, por estar tão abandonado; refiro-me ao túmulo da Viscondessa de Tardinhade, nome que me fui habituando a ouvir, nos livros de memórias do Poeta. Parei por momentos e relembrei as descrições que Pascoaes fazia daquela figura e ali estava ela, como que esquecida. De repente, avancei mais um pouco, sempre na procura, e encontrei enfim a campa de Teixeira de Pascoaes. Apenas parei, como que petrificada, estava ali tão perto e tão longe do Poeta. Uma sensação de tristeza invadiu o meu peito; mais uma vez me veio à memória a descrição de Eugénio de Andrade, de um Pascoaes moribundo. Relembrei também as palavras de sua irmã, Maria da Glória, em *Olhando para trás vejo Pascoaes*, descrevendo o dia do seu funeral: *“O mais trágico de tudo foi o enterro (...) as lágrimas eram pequeninas, mas todas juntas formavam um manto de amarguras que acompanhou o Poeta até ao cemitério. Deixou o lar cheio de saudades e também o vácuo que fica sempre nas casas onde morrem homens desta envergadura. Durante muitos dias não se ouvia a voz de ninguém. Tudo foi o mais simples e mais pobre possível. O caixão, sem guarnições absolutamente nenhuma, tendo apenas um Cristo ao meio, era feito dum pinheiro, com a forma de lira, que Ele mesmo*



há muito tinha comprado. (...) Regressados do cemitério, os poetas e amigos, alinhados à frente da lareira, entoaram os seus versos até de madrugada (...)". Ali estava eu, também a chorar o Poeta, à minha maneira, ao passo que percebia o porquê da simplicidade da sua campa; ele era assim, um simples galho de uma árvore e assim o quis até ao fim. Pascoaes, um homem simples na vida e na morte. Relembrei, emocionada, o seguinte poema do Poeta:

Hora Final

*Aí vem a noite sente-se crescer...
E um silêncio de estrelas aparece
Quem é, quem é, que empalidece
E se cobre de cinzas no meu ser?*

*Alma que se desprende numa prece...
Que suave e divino entardecer!
Como seria bom assim morrer...
Morrer, como a paisagem desfalece.*

*Morrer, quase a sorrir devagarinho
Ser ainda no mundo pobrezinho
E já pairar, sonhando, além dos céus.*

*Morrer, cair nos braços das ternuras;
Morrer, fugir, enfim à morte escura.
Seremos enfim, na eterna paz de Deus.*

É difícil explicar o porquê das sensações que ia tendo, à medida que contemplava a campa de pedra de Pascoaes. Não tinha flores, não tinha santos, apenas uma pequena concha que alguém depositara e a pedra com o seu epitáfio. E ali estava ele, simples na vida e na morte, rodeado apenas pela paisagem do Marão como sonhara um dia morrer. Agora, era o guardião permanente daquela magnífica serra que tanto o inspirara em vida e com ele vivia na morte. É por isso que ainda ele vive também, pois vive na natureza, na paz eterna, como lhe chamaria. Toquei na pedra em cruz e retirei-me, fazendo uma pequena vénia, em sinal de tão



respeitado ser. No entanto, comovida, não consegui avançar mais. Não sabia quando poderia ali voltar, se iria ali voltar e queria também eu ficar vigilante, na serra, perto do Poeta. Vi uma pequena pedra branca lisa no chão, peguei nela e escrevi na mesma as iniciais do meu nome AM (Ana Maia). Não eram flores que lhe deixava, deixava-lhe um pequeno pedaço de mim, era um sinal da grande admiração que sentia naquele momento. Poisei a pequena pedra com as iniciais do meu nome por detrás da pedra do seu epitáfio e retirei-me. Vivia agora na saudade.

Regressámos a Amarante. Parámos no Largo S. Gonçalo, numa esplanada, no antigo Café Restaurante S. Gonçalo onde bebemos algo para nos refrescarmos. O final da tarde estava morno e sabia bem aquele repouso, depois dum dia que havia sido escaldante. Ali numa esplanada, de



onde se avistavam pessoas a passear junto à praia fluvial, aproveitei o momento de calma e, enquanto os meus amigos conversavam sobre a visita à Casa de Pascoaes (estavam tão fascinados quanto eu), li *Os Pascoaes de Amarante (1992)*, texto de Miguel Sousa Tavares, na revista *Grande Reportagem*. Esta foi-me emprestada pela senhora dona Maria Amélia, pois no decorrer da visita à casa, esta levou-nos até um escritório de família que estava repleto de livros, revistas e documentos, sendo que esta revista em questão era o último exemplar que ali se encontrava. Através deste texto, que nos fala dos irmãos Teixeira de Vasconcellos, pude conhecer pormenores que até então desconhecia. Pude conhecer melhor o que era pertencer à família Teixeira de Vasconcellos, os irmãos e irmãs de Pascoaes, cada particularidade: depois de Joaquim (Pascoaes), o primogénito, nasceu António, o bravo estudante de Direito que acabou por se suicidar (história que me comoveu e que me chocou pelas circunstâncias); depois, o João, o aventureiro e caçador de elefantes em África; o Álvaro; a Miquelina, que pintou as mais fidedignas paisagens do Marão e a Maria da Glória que mais tarde veio a escrever sobre Pascoaes e que admirava o irmão com muita devoção. Esta descreveu-o como “contemplativo” e “diferente” ou ainda “ele nunca teve a

nossa idade”. Debrucei-me com interesse sobre aquelas páginas, com imenso cuidado, pois estava até ao momento perplexa com o facto de tamanha confiança. Eu tinha o último exemplar daquela revista nas minhas mãos e este pertencia à Casa de Pascoaes. Durante o resto da tarde e noite tentei não perder de vista a revista, pois teria de a devolver no dia seguinte à amável senhora dona Maria Amélia. Terminei de ler e os meus amigos também não perderam a oportunidade e leram também o fabuloso texto, até porque os três sabíamos que no dia seguinte íamos estar “em família” com descendentes e familiares de Pascoaes. Seria de todo importante saber algumas questões sobre os seus antecedentes para não sermos apanhados de surpresa em alguma conversa que pudesse surgir. E ali estivemos nós a estudar, a debater e a trocar impressões sobre o que íamos lendo sobre a família de Pascoaes. Chegou a noite.

Regressámos ao hotel. Apenas o tempo para repousar um pouco e tomar um duche, pois estávamos (apesar de muito cansados) ansiosos por passear pelo centro de Amarante, debaixo das estrelas, naquela noite que se adivinhava amena e tépida. Realmente Amarante à noite tem um encanto especial. São poucas as cidades que nos acolhem com tal grau de misticismo; Amarante é sem dúvida uma cidade bastante agradável e fascinante, sobretudo avistada ao longe; jantámos num restaurante situado à beira rio e daí conseguíamos avistar a Ponte e a igreja de S. Gonçalo iluminadas por centenas de luzes e reflexos. São as mesmas luzes que reflectem no Tâmega e que guiam os olhos de Pascoaes que da sua estátua, sempre vigilante, aprecia os transeuntes que por ali vão passando. Era uma noite amena; havia uma multidão enorme nas ruas, famílias que desfrutavam como nós o percorrer da praia fluvial, as crianças que corriam e andavam de bicicleta e aquelas que



apenas conviviam numa esplanada de café. Era uma imensidão de gente. Após percorrermos toda a estrada que transita ao lado do Tâmega, voltámos para trás e também nós nos sentámos a apreciar a noite e, conversando, fizemos o balanço daquele dia. Eu pensava como era bom

estar ali na terra de Pascoaes, percorrer os espaços que ele percorreu, sentir o

calor daquela tarde e noite de Verão, como ele com certeza também terá sentido e olhava o horizonte, para as luzes ao longe e para as pessoas que bailavam à nossa frente, ao som da banda *Uxu Kalhus* que actuavam ali no Largo S. Gonçalo. Este grupo toca música *trad-folk-rock* (músicas tradicionais portuguesas), ou seja, o Malhão, Viras, Corridinhos, Chotiças, e muito mais, mas com a pureza acústica e alguma potência eléctrica. São harmonias arrojadas e arranjos endiabrados (como pudemos constatar neste espectáculo) que fazem a imagem de marca deste grupo.

E eu pensava: “estas pessoas estão num contentamento desmedido como se o amanhã não existisse!”. E era assim que eu me sentia ali, naquele momento, ao partilhar daquele momento que ainda hoje recordo, quando em qualquer lugar oiço a versão de *A saia da Carolina*, desta banda. E assim



terminou o nosso primeiro dia em Amarante, numa noite mágica, de calor, alegria, contentamento, cultura e, sobretudo, magia.

Chegou a manhã de dia 25 de Julho e, até chegar a hora de ir buscar a senhora dona Maria Amélia, para o almoço em Travanca, tivemos ainda tempo, durante toda a manhã, de palmilhar o resto do centro de Amarante. Apesar do calor escaldante que se fazia sentir, queríamos beber todos os locais que ainda não tínhamos percorrido e que foram os mesmos que palmilhou o Poeta. Entrámos então na Rua 5 de Outubro (antes S. Gonçalo) e junto ao edifício que foi dos CTT (que segundo pude apurar foi o espaço onde ficava o café da Sra. Mariquinhas), corta-se para a Rua de Teixeira de Pascoaes e, percorridos alguns metros, encontramos a casa brasonada que pertenceu aos avós de Pascoaes, que escapou ao incêndio de 1809, o qual destruiu quase toda a vila. Mesmo ao lado encontra-se a casa onde nasceu e viveu o Poeta (devidamente assinalada), que chegou a ser (por



pouco tempo) sede da Associação “Maránus”. Sentámo-nos em frente da casa, apreciando a sua antiguidade e comentado o facto da mesma se encontrar tão só e abandonada, sendo que na minha opinião esta deveria ser conservada e até poderia ser uma espécie de casa museu para que visitantes, como eu, pudessem visitar a mesma no seu interior. Ou então, poderia ser um espaço dedicado ao Poeta, uma livraria, uma minibiblioteca, onde se pudesse ter acesso a textos do poeta. Pensei, sim, que se poderia dar outro valor àquela casa que, de tão antiga, nos conta o início da história do poeta.

Subindo a mesma rua, alguns passos acima, encontrámos, a Igreja do século XVIII, situada no Largo de S. Pedro, de fachada barroca consagrada a esse orago, sendo que é considerada a igreja mais rica de Amarante pelo seu magnífico interior em talha dourada. Perto dali estava também a Cadeia velha (antigo edifício da Câmara), a desactivada Escola Primária Conde de Ferreira, a Casa da Portela e outras tantas moradias brasonadas que se prolongam pela Rua Miguel Bombarda, que nos leva até à Misericórdia e à Avenida do Comendador Joaquim Leite. Regressámos depois para o centro, passámos pelo antigo convento de Santa Clara, que actualmente (desde 2003) é a Biblioteca Municipal Albano Sardoeira e partindo do Largo de Santa Clara, subindo um pouco, chegámos ao antigo Campo da Feira. Aqui, pude com mais atenção relembrar a descrição que Pascoaes fez da procissão do Corpo de Deus, noticiada na *Flor do Tâmega*, e que ele mesmo organizou em pequeno na sua aldeia, formada por irmãos e por um cortejo de garotos, filhos dos caseiros. Relembro aqui nesse local do Campo da Feira como Pascoaes o recorda no seu livro de memórias *Uma Fábula* (cenas da infância e mocidade):

“E que é o Campo da Feira, sem escola de meu tio-avô, Padre Sertório, e sem a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, entre quatro oliveiras (...) e sem o Padre Rodrigo (...) o Lima velho, cego, coxo, fincado numa grossa bengala-da-Índia, com uns grandes óculos pretos na ponta do nariz (...) E era o Senhor Peixoto, muito triste e calado, ao balcão da sua loja de comércio, a pesar, numa balança de metal amarelo, com verdete, arroz, sabão, açúcar, bacalhau da peça ... Também vendia estrelas e almirantes... as marcas mais baratas de cigarros. (...)”

E ali podia eu imaginar este conjunto de personagens que ilustraram as memórias de Pascoaes ao longo das suas contemplações. Como o tempo já

escasseava e estávamos perto da hora combinada, apressámo-nos e fomos pela Rua Capitão Augusto Casimiro até atingirmos um lajeado que nos conduziu até à Igreja do Senhor dos Aflitos (de S. Domingos) superior à Igreja de S. Gonçalo. Deste alto pudemos vislumbrar uma vista magnífica do centro de Amarante e do Tâmega. Dali também Pascoaes avistou muitas das figuras que



tanto o impressionaram; cenas de uma vila animada pelo povo, pela azáfama do comércio e das profissões da época. Sem dúvida que a vista nessa altura teria outro encanto, diferente daquele que agora ali apreciava, contudo ali estava eu a fazer o mesmo que Pascoaes fazia, a avistar as gentes de Amarante. Ficámos uns minutos a ver quem passava, um calor escaldante embatia no nosso rosto e, por momentos, relembrei as palavras do Poeta em *Pobre Tolo*, onde salva do esquecimento as pessoas simples e os locais. Assim Pascoaes redime a tragédia que marca a vida numa terra que é “*um viveiro de fantasmas*”.

Aproximava-se a hora combinada com a senhora dona Maria Amélia em Pascoaes. Voltámos àquele lugar e foi a última vez que o vislumbrei. Chegámos à hora em ponto e lá estava, já pronta, a nossa anfitriã, animada e bem-disposta, sempre com um sorriso nos lábios, sorriso que jamais esquecerei. Foi ela que nos foi indicando o caminho que devíamos tomar até Travanca do Monte. Assim, voltámos a passar por Amarante, atravessámos o Tâmega, na nova ponte, e seguimos em direcção à estrada de Mesão Frio. Um único pensamento invadia a minha mente, subir até à serra da Abobreira, onde ficava Travanca. Seguimos depois o caminho de Baião, deixando para trás a estrada de Mesão Frio. À medida que íamos avançando a estrada em asfalto ia ficando para trás e era cada vez mais íngreme, o caminho de terra batida, irregular fazia levantar no ar alguma poeira que se misturava com o calor. Eu ia sentada no banco de trás, juntamente com a minha prima e amiga, cada uma observava à sua maneira a paisagem que ia ficando para trás. Estávamos a passar Padronelo e aí abria-se um novo mundo, o Marão.

Ao volante, o meu amigo conversava com a senhora dona Maria Amélia, que se encontrava no lugar do ocupante; ainda me recordo, quando atenta à conversa, o Luís a questionava acerca do tipo de música que Pascoaes ouviria, isto porque a senhora dona Maria Amélia apreciou e comentou a música que passava naquele momento na rádio, o que despoletou essa dúvida ao meu amigo (e eu realmente, nunca tinha pensado nisso!). Ficámos a saber (ainda que sem ter certezas) que Pascoaes não seria muito apreciador de música mas que talvez ouvisse muita ópera. À medida que subíamos, ia reparando na quantidade de silvas, de picos fortes, que nos rodeavam. Estas tinham picos tão grandes e tão fortes que se podiam comparar à enorme curiosidade que assolava naquele momento a minha alma. Estava ansiosa para chegar.

“Os instantes supremos da minha mocidade (ou ainda infância?) vivi-os, como caçador, em Travanca do Monte, onde passava as férias de Natal (...) Partia a pé, de Amarante, com o Zé de Oliveira e o Manuel Carlos (...) Em Padronelo, abria-se, diante de mim, um novo mundo: o Marão num horizonte mais próximo, já esculpido, e não pintado conforme o avistava da minha aldeia (...)”

Uma Fábula/Livro de Memórias

O caminho era feito devagar, quase a pique, os campos, as pessoas, as casas ficavam cada vez mais longe dos meus olhos; parecia que estávamos a caminho do céu, pois o azul cada vez se aproximava mais dos meus olhos e o verde despedia-se lentamente, assim como os grandes soutos que se avistavam.

Entrámos numa pequena povoação, algo triste, de alma solitária. Não se via vitalma, as casas estavam fechadas, as ruas estreitíssimas. Era toda em granito e parecia um local abandonado, mas sem dúvida, um paraíso perdido. A seguir, a confirmação



soltou-se da boca da senhora dona Maria Amélia: estávamos em Travanca do Monte.

Era como se estivéssemos a rasgar os céus e, nos pícaros daquela serra, conseguia entender com clareza o porquê de Pascoaes se refugiar ali nas suas férias. Aquele local transmitia uma calma indescritível, um silêncio pacificador, uma solidão desmedida. Entendi na perfeição que as figuras místicas e elevadas que assombravam o espírito de Pascoaes nasceram ali; foi naquela terra, agora por mim pisada, que Eleonor apareceu a Marânus. Esta foi fruto daquele silêncio elevado, daquela paz interior e do amor que o Poeta sentia, sempre que se encontrava ali, sentado no penedo que o transformava a ele e ao céu num só Ser, um Ser elevado, assim era Pascoaes. Percebo agora que foram estes pícaros que embriagaram o Poeta e que foram o mote para a composição dos seus mais saudosos versos.

“Nas vertentes desta serra, em alto patamar, está o Povo de Travanca, onde chegámos ao anoitecer (...) Percorremos a rua, cheia de lama e pedras soltas, entre casebres miseráveis: tectos de colmo podre e paredes de cascalho ou formadas dum só penedo ali nascido (...)”

Uma Fábula/Livro de Memórias

Avistámos a placa em madeira que nos indicava a entrada para a Casa da Levada. A senhora dona Maria Amélia foi quem nos guiou até lá, explicando cada pormenor do que íamos vendo, à imagem do que já tinha feito no dia anterior. Para ser sincera, eu ainda estava meio



atordoada com o facto de ter sido tão prestável connosco e pelo facto de nos ter tratado com tamanha confiança. Não queria ainda acreditar (e jamais esquecerei) que mereci tamanha atenção. De repente, apareceu um senhor, que por momentos e de repente me pregou um susto agradável, não por me ter assustado, mas por ser tão parecido fisicamente a Pascoaes. Parecia que via agora ali, a falar para mim, o próprio Poeta, tamanha era a parecença. Tratava-se do senhor Luís Mota, proprietário da Casa da Levada e sobrinho neto de

Teixeira de Pascoaes, filho da Zezinha (filha de Miquelina, irmã de Pascoaes). Era um homem calado e baixo (características também de Teixeira de Pascoaes). Apresentou-se, nós apresentámo-nos e seguimo-lo até ao interior da casa. Eu estava sedenta por ver cada canto daquela casa e assim foi; o senhor Luís guiou-nos, mostrou-nos e explicou-nos cada divisão da casa, sempre com um discurso bastante divertido e simpático.

Ao longo da visita ia-nos contando algumas histórias dos seus antepassados familiares, que por vezes nos fizeram soltar algumas gargalhadas. A divisão da casa que mais me chamou a atenção, sem dúvida, foi o quarto onde costumava ficar instalado o Poeta, quando passava lá as suas férias. O quarto tinha uma janela, mesmo de frente para a serra, uma vista magnífica e da qual, segundo o senhor Luís, Pascoaes deitado na cama, com esta janela aberta, ficava ali, contemplando as estrelas e, talvez, criando as suas figuras míticas. Demorei-me um pouco mais nesta divisão e pensava que, se um dia ali ficasse hospedada, também queria ficar naquele quarto para poder contemplar as estrelas, numa bela noite de Verão. Mas não era só esse desejo que me despertava a atenção, havia algo que conseguia pressentir e, longe das conversas à minha volta, conseguia ver ali Pascoaes, em pé junto à janela, a contemplar o horizonte azul e a compor alguns dos seus versos. Comovi-me. Partilhava agora o refúgio com Pascoaes.

“Chegámos, instantes depois, a uma velha casa do meu avô materno, ao lado duma eira, donde se avista quase todo o norte de Portugal (...) Instalámo-nos na Casa da Levada, maior do que os casebres, mas tendo o mesmo aspecto escuro e envelhecido, e um agreste semelhante ao dos outeiros mortos que dominam o pequeno Povoado (...)”

Uma Fábula/Livro de Memórias

Depois da visita à casa, fomos convidados pelo senhor Luís e pela senhora Maria (esposa), que entretanto se tinha juntado a nós, para almoçar. Seguimos até ao pátio da casa, onde debaixo de um telheiro fresco nos instalámos os seis, em torno duma maciça mesa de madeira de carvalho. Ali, bem instalados, conversámos todos, durante a refeição, sobre variadíssimos temas, sem esquecer Pascoaes, claro, que foi o tema principal das histórias contadas pelo senhor Luís. Sentia-me uma outra pessoa, jamais imaginei que pudesse desfrutar de tamanha companhia e de tal simpatia. Era como se

pertencesse também à família, à família Pascoaes, que é a família de todos os que o admiram e o estudam, de todos os que se comovem por estar no mesmo espaço que um dia ele pisou.



Depois de almoço, eu e os meus dois colegas fomos dar uma volta por Travanca, conhecer melhor aquele local, enquanto os nossos três anfitriões ficaram a conversar no terraço da casa, a uma sombra, pois o calor que se fazia sentir era bastante. Lá fomos, nós três, vasculhar os recantos de Travanca e desfrutar daquela paisagem e calma. Primeiro, dirigimo-nos até ao famoso rochedo, onde Pascoaes terá escrito alguns versos de *Marânus* e lembro,



agora, enquanto escrevo, olho para trás, revejo as fotografias daquele local e penso baixinho que foi um privilégio invulgar estar ali diante daquele rochedo, pisar aqueles caminhos do nada e sentir na cara a brisa do Marão, tal como o Poeta a deverá ter sentido vezes sem conta. Os antigos espigueiros que íamos encontrando e os carros dos bois, velinhos, eram a prova viva da intemporalidade daquele local; parecia que o tempo tinha parado ali, tudo parecia estar tal e qual ao tempo em que por lá passou Pascoaes.

“Às nove da manhã, já eu estava, cá fora, na eira contígua à casa, com três espigueiros de pedra, como os da Galiza, menos a cruz frontal. (...) Destas altitudes abobraicas, é que é imponente o Marão (...) Parei extasiado, neste alto cume. (...)”

Uma Fábula/Livro de Memórias

A tarde avançava, num recolher lento, o céu ainda em tons de azul estava manchado pelo fumo originário de um incêndio que tinha deflagrado no interior da serra, não muito longe do local onde nos encontrávamos. Voltámos para a Casa da Levada e, primeiro, despedimo-nos do senhor Luís Mota e da adorada senhora dona Maria Amélia, que partiram para Amarante, afim deste a deixar no lugar de Pascoaes. Nós ficámos mais uns instantes a conversar com

a senhora Maria, assinámos o livro de visitas e preparámo-nos para seguir viagem, de volta ao Alentejo. E assim, com um certo aperto no peito, despedi-me também do Marão, que ficou para trás, à medida que voltávamos para o alcatrão.

Quem inicia uma viagem ao mundo de Pascoaes nunca a acaba e era essa a certeza que tinha naquele momento. À medida que me ia afastando maior era a vontade de voltar, pois sei que ainda me falta conhecer melhor o Poeta. Hoje, penso, sinto e sei que um dia continuarei a minha demanda em busca de Pascoes, quero percorrer outros lugares que marcam a sua poesia, como Travassos, por exemplo. Transportava comigo um turbilhão de sentimentos, mas era a saudade o sentimento mais profundo que carregava, a saudade que o Marão injectou no meu corpo.

*“Para o norte, o aspérrimo Gerês, toda a bruteza das fragas em pétalas de violeta.
Para o caso, o panorama espraia-se em pequenas ondulações até ao mar, que se avista
apenas como espelho dos últimos raios solares (...)”*

Uma Fábula/Livro de Memórias

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
1. <i>ELEGIA DO AMOR</i> – CARACTERÍSTICAS E LEITURA	14
2. <i>MARÂNUS</i> – CARACTERÍSTICAS E LEITURA	21
2.1 Características técnico-formais	22
2.2 Leitura do poema	26
2.2.1 Marânus e o mundo como unidade original	27
2.2.2 História de amor entre Marânus e Eleonor/Pastora	29
2.2.3 Montanha – Centro de uma nova fundação do mundo	34
2.2.4 O nascimento de um novo Deus/Cosmos	38
2.2.5 A personificação da Saudade e <i>Senhora da Noite</i>	42
2.2.6 A oposição Amor/Saudade e Vida/Morte	47
3. “ELEONOR” – CARACTERÍSTICAS E LEITURA	49
4. TRAÇOS COMUNS ENTRE <i>ELEGIA DO AMOR</i> , <i>MARÂNUS</i> E “ELEONOR”	59
4.1. Vida / Morte	60
4.2. Contemplação da Natureza	63
4.3. A personificação da mulher amada	67
4.4. O Amor Transcendente e a Saudade Eterna	71
5. <i>OLHANDO PARA TRÁS VEJO PASCOAES</i> , DE MARIA DA GLÓRIA TEIXEIRA DE VASCONCELLOS E <i>UMA FÁBULA. O ADVOGADO E O POETA</i> , DE TEIXEIRA DE PASCOAES.	73
CONCLUSÃO	83
BIBLIOGRAFIA	93
1. activa	93
2. passiva	94
2.1 em livro	94
2.2 dispersos	94
ADENDA	I – XXIX

